



**PROGRAMA APRENDER NA COMUNIDADE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**Escolas Públicas e Universidade
“dentro e além dos muros”**

**Série didática 1
O BAIRRO E A ESCOLA
Campo Limpo/São Paulo**

**PROPOSTA DE ATIVIDADES
CURRICULARES INTERDISCIPLINARES
(com ênfase no território escolar)**

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença *Creative Common* indicada.



Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-Reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hrnandes

Faculdade de Educação

Diretor: Prof. Dr. Marcos Garcia Neira

Vice-Diretor: Prof. Dr. Vinício de Macedo Santos

Direitos desta edição reservados à FEUSP

Avenida da Universidade, 308

Cidade Universitária – Butantã

05508-040 – São Paulo – Brasil

(11) 3091-2360

E-mail: bibfe@usp.br

<http://www4.fe.usp.br/>

Catálogo na Publicação

Biblioteca Celso de Rui Beisiegel

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

B163 O bairro e a escola: Campo Limpo/São Paulo / Simone Scifoni... [et all] -- São Paulo: FEUSP, 2020.
138.517 Kb ; PDF. -- (Aprender na Comunidade; Série Didática 1)

Texto de vários autores
ISBN 978-65-87047-19-5 (E-book)
DOI: 10.11606/9786587047195

1. Atividade Extracurricular 2. Transdisciplinaridade 3. Ensino básico
4. Rede Pública 5. Campo Limpo/São Paulo I. Scifoni, Simone II.
Título

CDD 22. ed. 371.03

Ficha elaborada por: Nicolly Leite – CRB-8/8204

FICHA TÉCNICA

Programa Aprender na Comunidade da Pró-Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo

**Projeto Escolas Públicas e
Universidade “dentro e além dos muros”**

Coordenação

Sonia Maria Portella Kruppa

Equipe de Geografia

Simone Scifoni

Profa. do Departamento de Geografia (FFLCH-USP)

Felipe Gomes do Nascimento

Graduando em Geografia (FFLCH-USP)

Professor na rede pública de ensino de São Paulo

Francisca Zenita da Paixão Sousa

Graduanda em Geografia (FFLCH-USP)

Luana de Almeida Pires Bezerra

Graduanda em Geografia (FFLCH-USP)

Marcelo Rocco

Mestrando em Geografia Humana (FFLCH-USP)

Natália Bernardi

Graduanda em Geografia (FFLCH-USP)

Apresentação

(...) na formação permanente [e inicial] dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática ((Paulo Freire, 1996)

Há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço (Paulo Freire, 1996)

Esta Proposta de Atividades Curriculares Interdisciplinares (com ênfase no território escolar) tem como base o território da EMEF Dr. Sócrates Brasileiro, situada no bairro de Campo Limpo, na cidade de São Paulo, sendo parte dos resultados do Projeto Escolas Públicas e Universidade "dentro e além dos muros", aprovado junto ao Programa "Aprender na Comunidade", sob responsabilidade da Pró Reitoria de Graduação da Universidade de São Paulo.

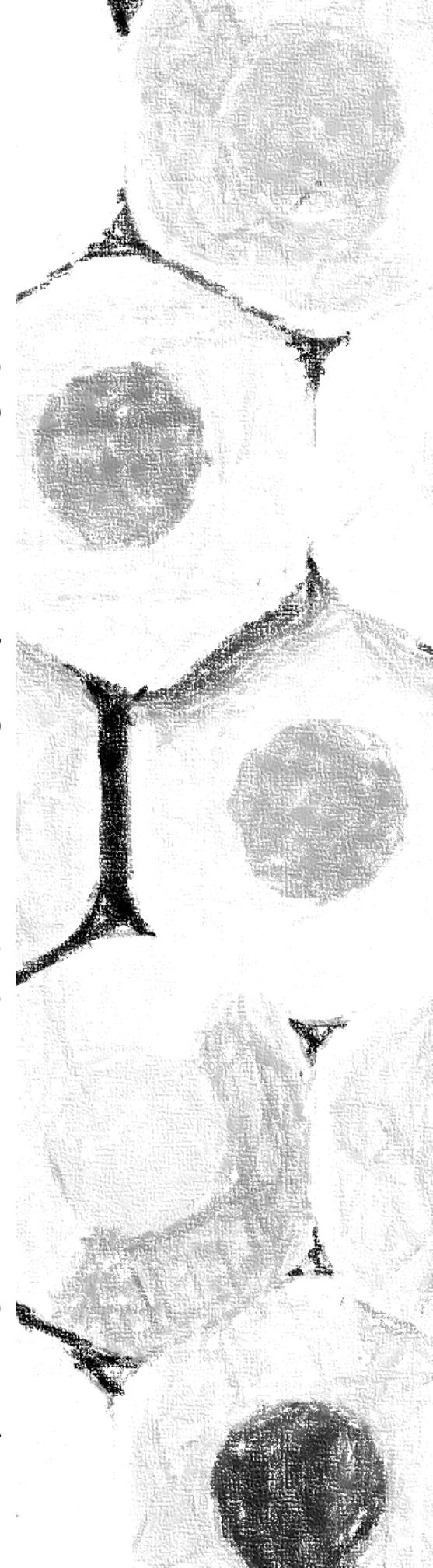
O Programa "Aprender na Comunidade" tem como objetivos: "apoiar atividades de ensino extramuros desenvolvidas por estudantes da USP como exercício de sua prática profissional, possibilitando a interação entre áreas do conhecimento, bem como a inter e a transdisciplinaridade no processo de construção do conhecimento".¹

Em conformidade com esses objetivos, o Projeto Escola Pública e Universidade "dentro e além dos muros" foi apresentado pelo Núcleo de Avaliação Institucional da Faculdade de Educação (NAI-FEUSP), em parceria com o Instituto Lidas e com as professoras Maira Batistoni e Silva, do Instituto de Biologia – IBUSP, e Simone Scifoni, do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), professora responsável por esta publicação.

O NAI-FEUSP dedica-se ao ensino, à pesquisa e à extensão acerca do tema da Avaliação Institucional, articulando-se a escolas públicas municipais e estaduais da região metropolitana de São Paulo. Ele estuda práticas que contribuam para a qualidade social da escola pública, para sua autonomia e para sua identidade, na elaboração, execução e acompanhamento de projeto político pedagógico próprio; perspectivas curriculares integradas a processos de transformação do território escolar e a avaliação institucional, considerada como prática permanente.

Sua atuação vem estimulando a formação de uma rede de escolas públicas, interessadas em fortalecer

¹ Conforme Programa Aprender na Comunidade, disponível em: <https://www.prg.usp.br/aprender-na-comunidade/>



iniciativas de grupos de professores e de equipes gestoras comprometidas com as comunidades escolares, com a formação de futuros docentes em estágios disciplinares e com as possibilidades que a escola pública pode desenvolver a partir da reflexão permanente sobre a prática realizada (FREIRE, 1996).

Em decorrência, o Projeto Escola Pública e Universidade “dentro e além dos muros” busca garantir ações de formação inicial a licenciandos USP e continuada a profissionais das redes públicas, de modo que os mesmos:

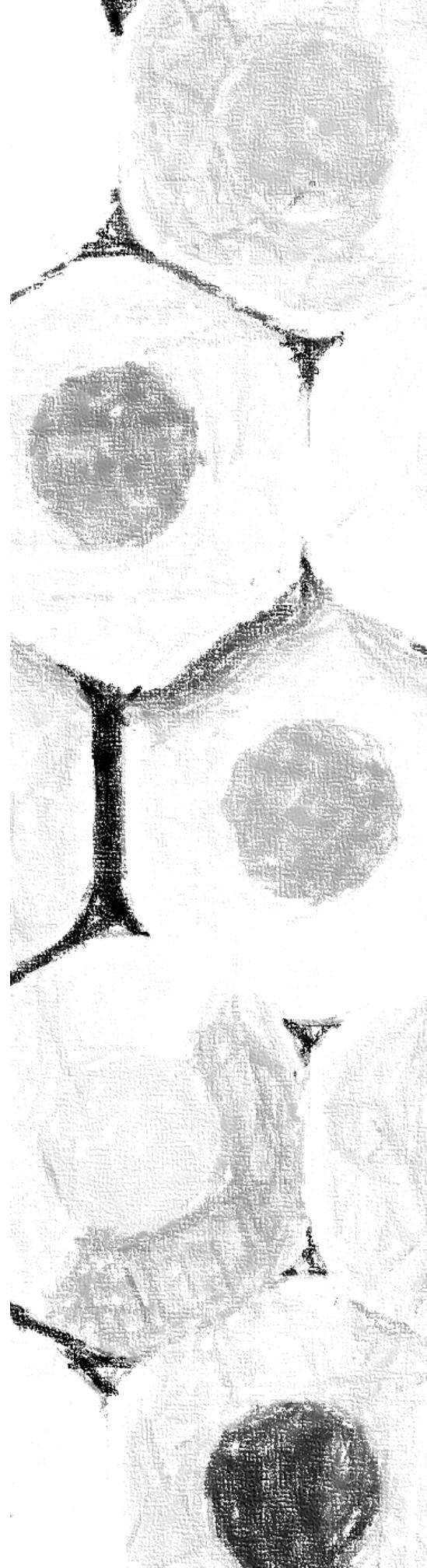
- ✓ participem da produção de roteiros diferenciados de avaliação institucional;
- ✓ integrem as ações com vistas ao conhecimento dos territórios escolares, de forma a subsidiar a revisão permanente dos Projetos Político- Pedagógicos, dando maior coesão à atuação transformadora das escolas junto às comunidades;
- ✓ contribuam com as escolas parceiras na elaboração de subsídios para sua proposta curricular;
- ✓ apropriem-se de bases de dados integrados (demográficos, educacionais, da saúde e assistência social), usadas pelas políticas públicas, produzindo informações para o fortalecimento da atuação das escolas, de forma matricial, na formulação de uma rede de proteção social.

Nas definições de planejamento e de avaliação institucional de cada unidade escolar, o NAI-FEUSP afirma a importância do conhecimento do território, como espaço e tempo inseparáveis (Lefebvre, 2013), vividos pelas comunidades e sendo central para a definição do currículo e do projeto político pedagógico de qualidade significativa para essas mesmas comunidades, em sua busca por melhores condições de vida.

Considera que o território se forma a partir do espaço-tempo social, sendo indissociável da noção de poder, não só como configuração político-administrativa, com os limites impostos pelo poder estatal. Ou seja, o território não é, apenas, o poder do Estado sobre o cidadão, mas se define como espaço social de produção e reprodução da vida contida e da resistência à opressão, como espaço histórico: o poder dos sujeitos em presença, suas lutas para a conquista de direitos, as políticas sociais presentes e não apenas as políticas referentes à educação e/ou à escola.

Para o NAI-FEUSP, se a função da escola é a emancipação do ser humano das estruturas de subordinação que o subjulgam, as formas escolares não podem ser aquelas que separam os sujeitos de sua luta, de outras formas de transformação do espaço-tempo social vividas pela comunidade. O prédio escolar não pode ser uma forma de confinamento dos sujeitos-estudantes.

Segundo Girardi, “os geógrafos encontraram nas proposições de Lefebvre a base para a construção do



conceito de espaço geográfico” (2008:31). Cabe retomá-las, como propõe esse autor: a) o espaço não é algo dado, ele é produzido pelo homem a partir da transformação da natureza pelo seu trabalho; b) as relações sociais são constituintes do espaço e é a partir delas que o homem altera a natureza; c) as relações sociais de produção, consumo e reprodução (social) são determinantes na produção do espaço; d) o espaço deve ser estudado a partir das formas, funções e estruturas; e) novas relações podem dar funções diferentes para formas preexistentes, pois o espaço não desaparece, ele possui elementos de diferentes tempos.

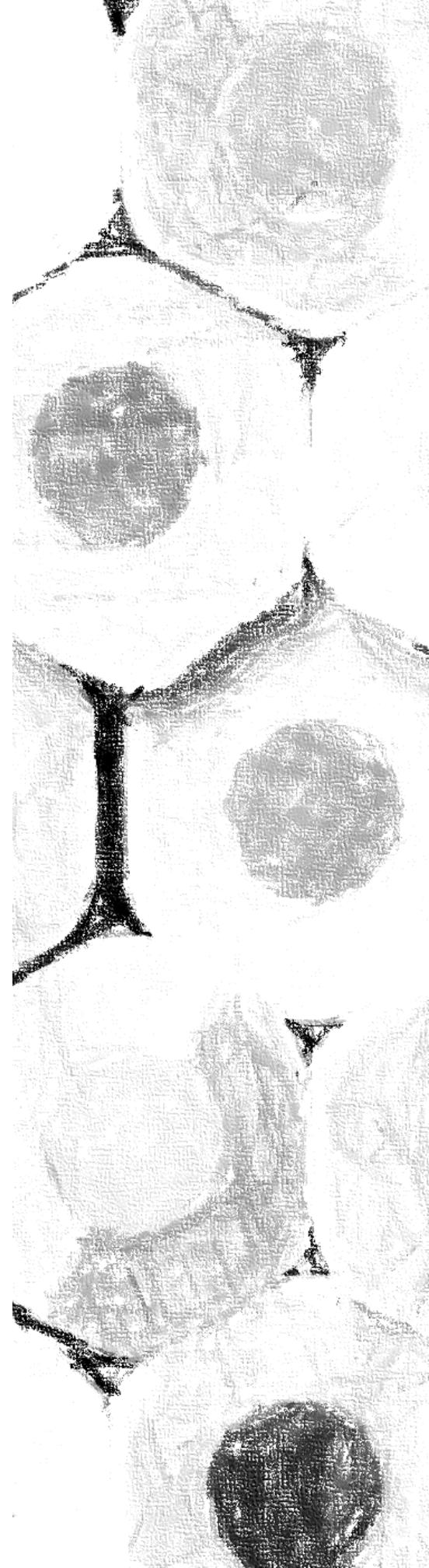
A Proposta de Atividades Curriculares Interdisciplinares (com ênfase no território escolar) esta atenta a essas definições de espaço e de tempo sociais, bem como a de território.

O material apresentado se constitui por duas séries: “o bairro e a escola” e “o bairro e a minha casa” - desenvolvidas por meio dos seguintes temas: a paisagem do bairro, a paisagem tem natureza; a origem e formação do bairro; as transformações no bairro e o bairro hoje. De forma complementar e imbricada, as séries se entrelaçam nas atividades apresentadas, que podem ser feitas a partir do olhar do local da escola e/ou do olhar que parte da moradia de cada estudante, podendo adensar a análise por essa complementariedade, principalmente, a partir dos temas que tratam das transformações e do bairro hoje.

Focando o território do bairro de Campo Limpo, na cidade de São Paulo, e o entorno da EMEF Dr. Sócrates Brasileiro, esta publicação apresenta uma “CARTOGRAFIA DO DIA À DIA”, realizada de forma criativa e competente pela professora Simone Scifoni e por estudantes da Universidades de São Paulo, uma geografia em ação num conjunto de conceitos vinculados a uma estrutura de atividades, que, servindo como roteiro de estudo desse lugar, pode ser aproveitada no estudo de territórios em que se situem outras escolas.

A maneira como o conteúdo está disposto no material favorece uma pedagogia do espaço, um processo virtuoso de reflexão-ação, tanto para os professores e estudantes, diretamente envolvidos, como para os licenciados em estágio junto à escola, realizando a proposta freireana de uma formação crítica, tal como é indicada na epígrafe e defendida pelo NAI-FEUSP.

Sonia M.P. Kruppa
Agosto de 2020.

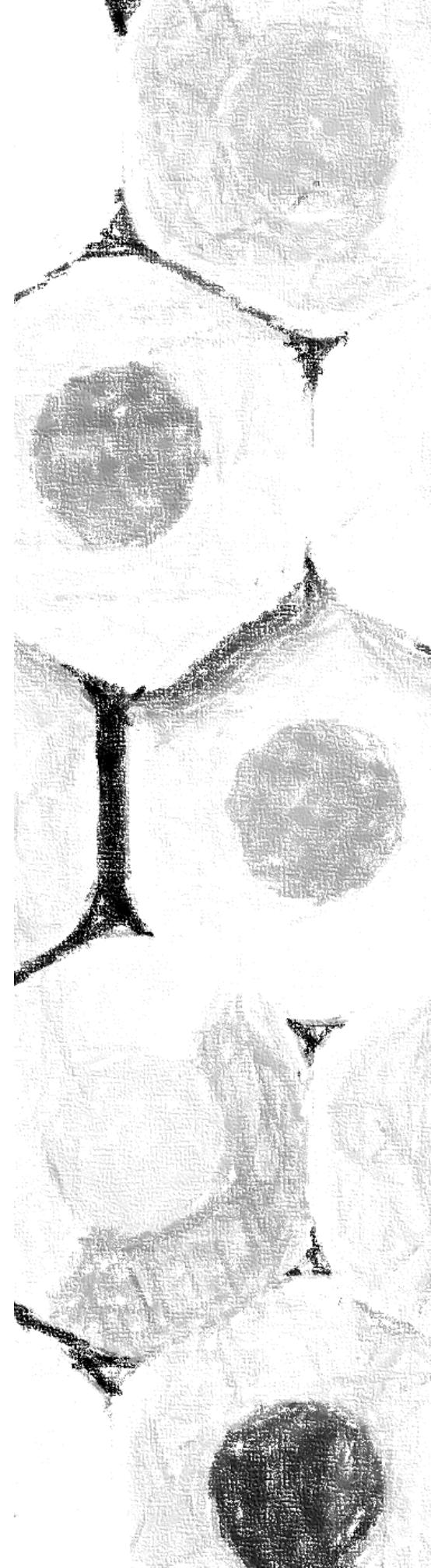


Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

GIRARDI, Eduardo Paulon. Proposição teórico-metodológica de uma cartografia geográfica crítica e sua aplicação no desenvolvimento do atlas da questão agrária brasileira. Tese (doutorado). UNESP - Presidente Prudente, 2008.

LEFEBVRE, Henri. Prefácio: a produção do espaço. Estud. av. São Paulo, v. 27, n. 79, p. 123-132, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000300009&lng=en&nrm=iso>. acesso em 22 de julho de 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142013000300009> .



Introdução e objetivo:

Dentre as atividades propostas no projeto “dentro e além dos muros” foi prevista a elaboração de atividades curriculares/séries didáticas a partir de informações coletadas no território escolar. O material que aqui apresentamos procura atender a ação planejada. Nesse sentido, propõe-se a subsidiar as atividades e práticas pedagógicas dos educadores da EMEF Dr. Sócrates Brasileiro, com ênfase na compreensão do território, disponibilizando diferentes materiais que poderão ser explorados de maneira livre e independente pelos educadores, adaptados e adequados a seus programas curriculares, conforme a necessidade.

Estrutura do material:

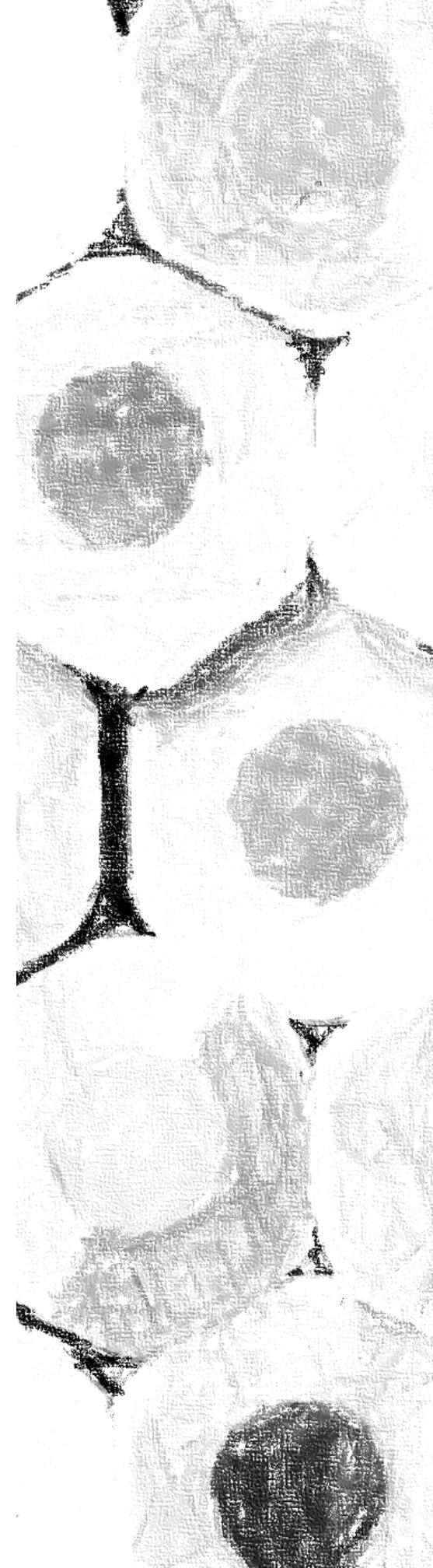
Ele é composto de duas séries didáticas voltadas à compreensão de duas dimensões do território escolar que se articulam e que deverão ser pensadas a partir da inserção em uma totalidade maior, a cidade:

- a) SÉRIE 1: O bairro e a escola. Trata -se de material voltado a subsidiar a atividade dos educadores em sala de aula.
- b) SÉRIE 2: O bairro e a minha casa. Trata-se de um caderno de pesquisa direcionados aos educandos e que busca propor atividades de investigação e de produção de conhecimento em relação ao bairro como lugar de moradia. Inclusões para explicar cada série

Cada série didática e atividades pode ser utilizada e adaptada pelo educador de maneira independente e livre, adequando-a ao momento do seu programa de ensino e às diferentes faixas de escolarização, não sendo necessariamente uma sequência rígida a ser seguida.

O pressuposto dessa proposta é que o educador e o educando possam construir um conhecimento sobre a realidade em que vivem e convivem de forma autônoma. O material, nesse sentido, apenas subsidia a ação, disponibilizando ferramentas para essa construção.

O material selecionado baseia-se na ideia de Paulo Freire de que “há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço” (2017, p.45). Sendo assim, o objetivo é explorar essa qualidade pedagógica do território escolar, esse espaço que é composto pela escola, seu entorno, o trajeto casa-escola, o local de moradia, os bairros que os contem, sempre pensados no contexto da cidade, a sua totalidade.



O material pressupõe educadores e educandos como sujeitos do ato de conhecer a sua própria realidade, participando da produção do conhecimento e tomando posse dele, conforme afirma Carlos Rodrigues Brandão (2006).

Série didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA

É composta de alguns temas de estudo que têm como ponto de partida e de chegada a compreensão da realidade da escola e de seus alunos.

Temas:

1. O que se vê: a paisagem do bairro
2. A paisagem também tem natureza?
3. Origem e formação do bairro
4. Transformações no bairro
5. O bairro hoje

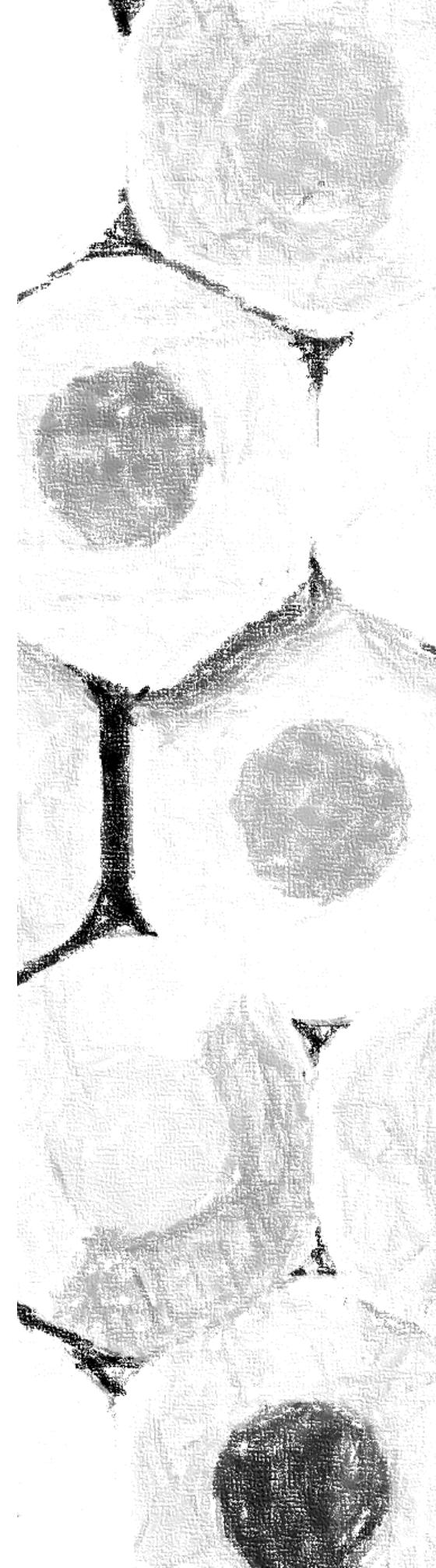
Cada tema de estudo apresenta um conjunto de materiais de apoio, tais como:

Ponto de partida: são PRANCHAS compostas por mapas, fotos, quadro de dados, textos, poesia, música. A ideia é que o educador explore esse ponto de partida junto com os educandos, para construir o caminho do estudo a ser desenvolvido no bairro onde se situa a escola.

Texto explicativo: elaborado pela equipe a partir de uma bibliografia disponível, ele objetiva apresentar para o educador as possibilidades de exploração e uso do material inicial, os conteúdos possíveis de abordagem.

Glossário: contém um conjunto de termos e noções que vão aparecendo na discussão, servindo de ponto de apoio e compreensão.

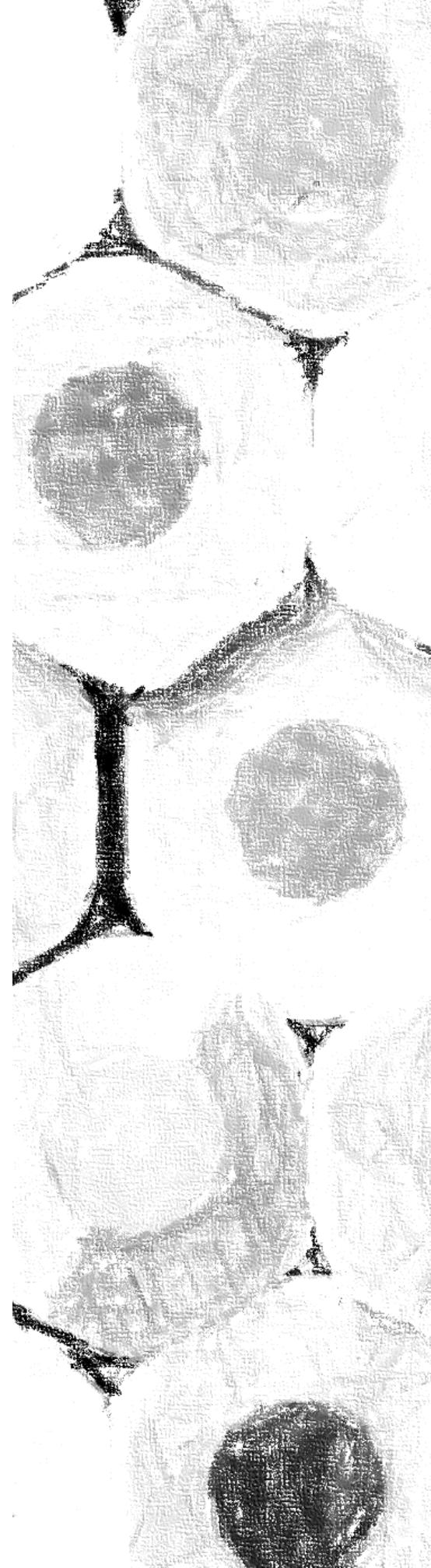
Sugestão de atividades: a partir do material apresentado inicialmente são propostas algumas atividades que podem ser elaboradas em sala de aula.



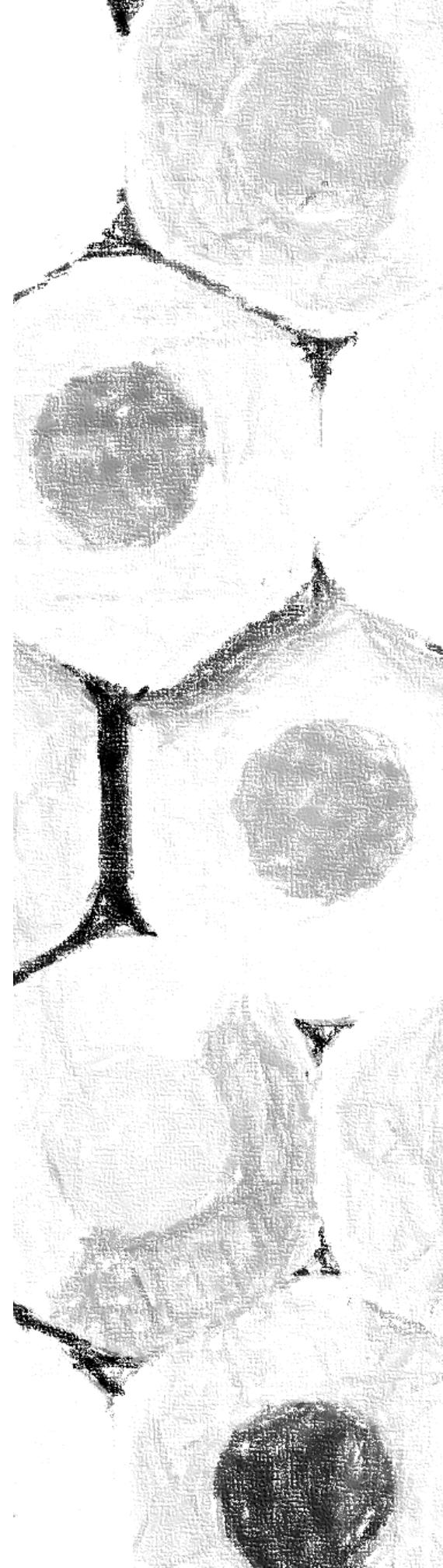
Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). Pesquisa participante. São paulo: Brasiliense, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.



Série didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA



Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 1: A paisagem do bairro como objeto de estudo

APRESENTAÇÃO

O objetivo deste primeiro capítulo é fazer com que professores(as) e alunos(as) explorem as memórias visuais que a paisagem do bairro, onde a escola está localizada, oferece, desvendando suas formas e contando e recontando as diferentes histórias que coexistem em um mesmo espaço. A compreensão daquilo que vemos, todos os dias, requer olhar atento para notar todos os elementos que nos cercam. Visando ao desenvolvimento dessa atenção especial são sugeridos alguns exercícios.

Em uma primeira sensibilização com o tema, apresentamos um conjunto de três fotografias tiradas do bairro Jardim Olinda, na Zona Sul de São Paulo, que servirão de exemplo. Elas pretendem dar início à leitura das diferentes paisagens que cercam os moradores daquela região, com suas formas, funções e histórias particulares. Essas imagens serão a base para as atividades desse capítulo.

As fotografias poderão ser trabalhadas em conjunto ou de forma individualizadas. Ao serem expostas aos educandos(as), o(a) professor(a) deverá trazer inicialmente a reflexão do que se vê em cada uma, buscando que eles/as detalhem, ao máximo, as descrições das imagens e levantem as diferenças fundamentais entre as formas e funções dos diferentes elementos que compõem estas paisagens. Repensar essa atividade usando outras fotos do bairro onde a escola está localizada pode ser um exercício muito enriquecedor.

Em um segundo momento, mais analítico, propõe-se que os alunos(as) levantem hipóteses do porquê dessas diferenças, quem mora em cada um desses lugares e então dar margem para abordar os conceitos trazidos, a seguir.



PRANCHA 1



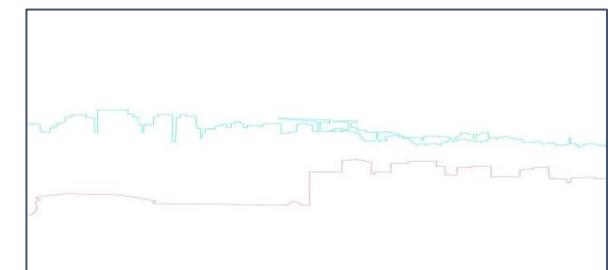
PRANCHA 2



PRANCHA 3



PRANCHA 4



PRANCHA 5



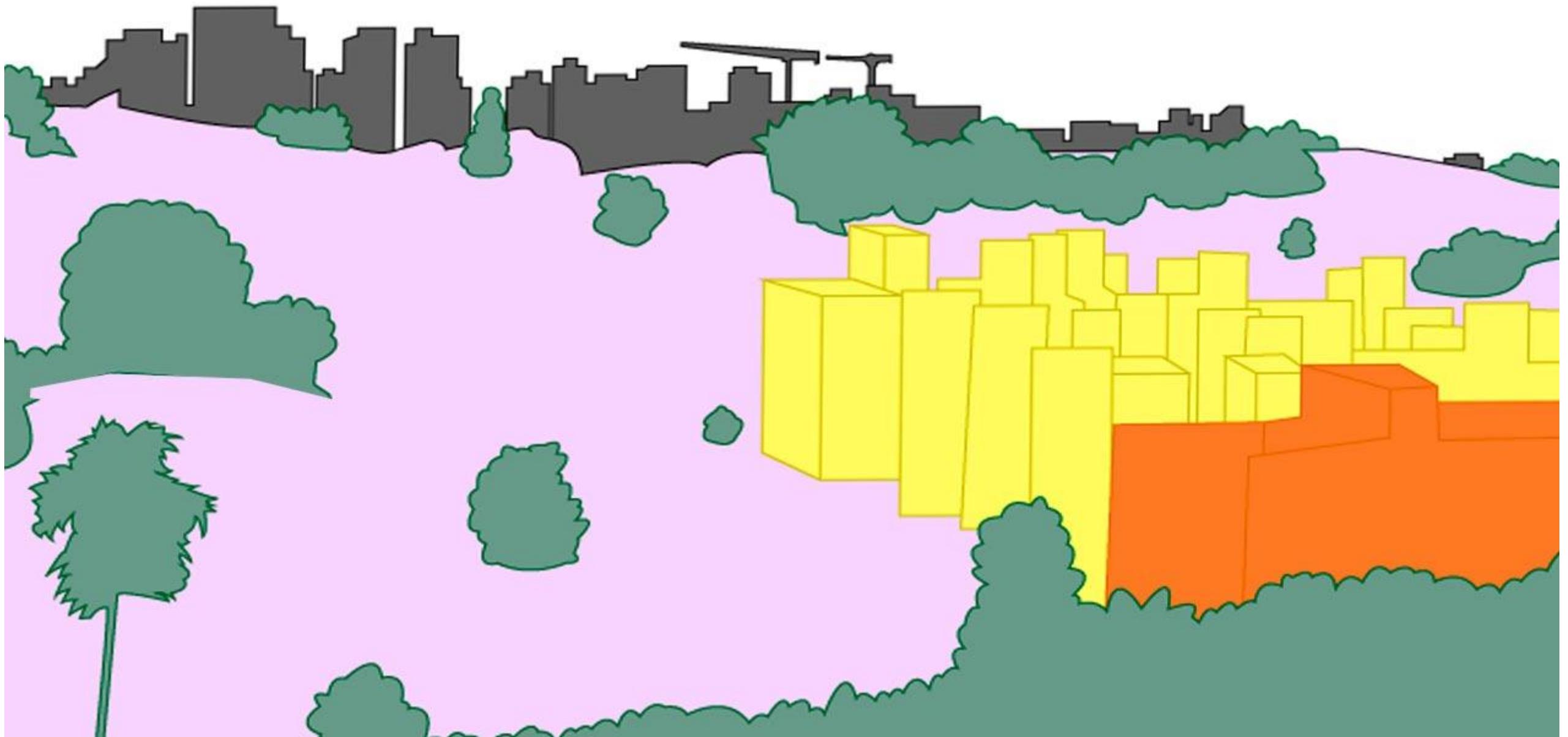
PRANCHA 1 – Vista do bairro Jardim Olinda em primeiro plano e ao fundo condomínios de alto padrão do bairro da Vila Andrade. Autoria: Felipe Gomes; 2019.



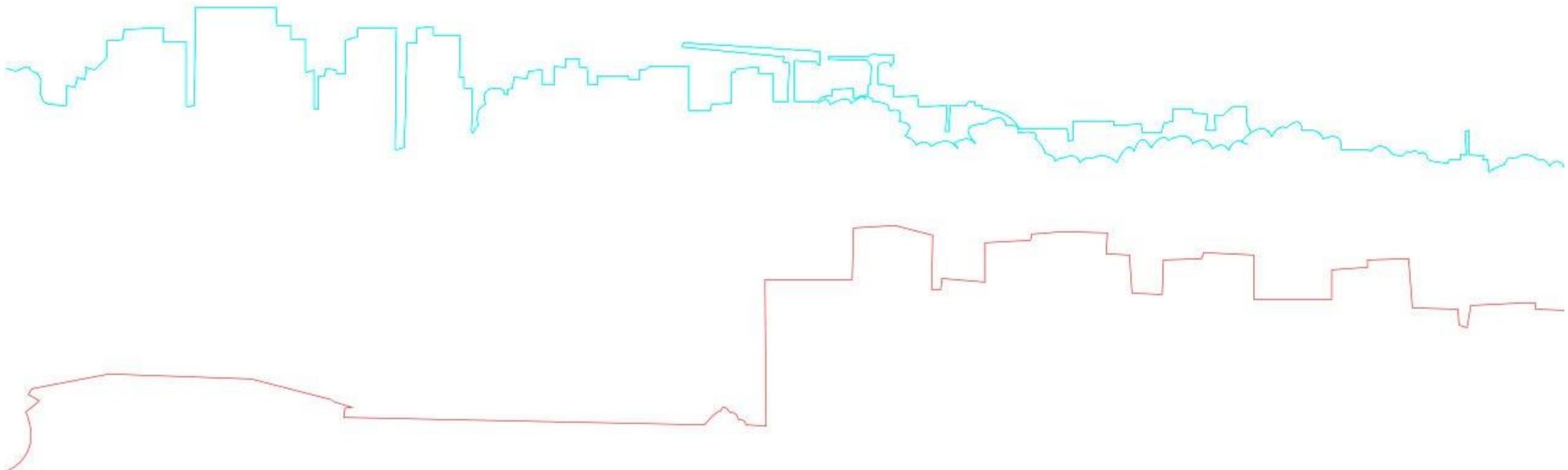
PRANCHA 2 – Foto do bairro Jardim Olinda, com destaque para os padrões de construção dessa região, as chamadas “casas domingueiras” ou “autoconstrução”. Ao fundo na linha do horizonte o conjunto de prédios residenciais do bairro da Vila Andrade, com outro padrão de construção, com uso de técnicas modernas e uma infraestrutura mais ampla. Autoria: Felipe Gomes; 2019.



PRANCHA 3 - Foto com destaque para os prédios do bairro da Vila Andrade ao fundo, com sua imponência e grande adensamento populacional devido a sua verticalidade em contraposição a horizontalidade das casas do bairro do Jardim Olinda no plano mais próximo. Autoria: Felipe Gomes; 2019.



PRANCHA 4: Transparência para sobrepôr na fotografia 1 para facilitar os diferentes padrões de construção e a presença de vegetação em meio a paisagem.



PRANCHA 5: Transparência para sobrepor na fotografia 1 para auxiliar na separação dos planos da imagem.

PAISAGEM: ALÉM DO QUE SE VÊ

O conceito de paisagem possui inúmeros significados em diferentes áreas do conhecimento, como nas artes, na arquitetura, na geografia, na filosofia, na biologia e cada uma dessas áreas apresenta um conteúdo específico para o termo paisagem, que tem um uso tão comum no dia a dia. Essa multiplicidade e banalidade nos faz esquecer de sua importância para a compreensão das dinâmicas sociais, econômicas e políticas que estão contidas no espaço que vemos.

Enquanto nas artes, paisagem pode ser o simples sinônimo de cenário, na arquitetura o termo compreende o conjunto de objetos construídos pela sociedade em interação com os elementos naturais que compõem um determinado espaço, representando um agregado de técnicas planejadas para intervir no meio. A geografia tem a paisagem como uma de suas categorias fundamentais de análise do espaço, sendo de extrema importância para a compreensão da realidade.

Diferentes geógrafos como Paul Vidal de La Blache, Antonio Carlos Robert Moraes, Carlos A. F. Monteiro e Milton Santos dedicaram partes de seus estudos para entender esse conceito e suas implicações na produção do conhecimento científico. O aspecto comum entre todos os ramos do conhecimento é a representação e análise das diferenças entre o daquilo que é visível e o que é associável aos demais sentidos.

Em uma conceituação mais formal, paisagem pode ser compreendida como um conjunto organizado com estruturas e funções, que formam unidades homogêneas, podendo ser identificável por suas semelhanças (MONTEIRO, 2001). Podemos considerá-la como um acúmulo de objetos arranjados espacialmente, onde estão presentes diferentes tempos (SANTOS, 1996), ou ainda, como o produto da junção de diferentes heranças, sejam elas naturais, culturais ou sociais (AB'SABER, 2003).

Tendo como ponto de partida a contemplação daquilo que é visível, o entendimento da realidade só é possível após um olhar atento para enxergar e não apenas ver as formas que compõem uma determinada paisagem. Estamos cercados de informações, desenvolvemos nossas atividades dentro de um espaço em constante movimento que, visto de longe, pode aparentar ser estático, principalmente aqueles por onde realizamos nossas atividades cotidianas e com os quais “acostumamos o nosso olhar”. Será que observamos atentamente as paisagens que nos cercam?

As relações entre o ser humano e a natureza são perceptíveis pelas formas que se materializam na realidade concreta. Diferentes fenômenos estão presentes em uma mesma paisagem, cabe ao olhar atento do observador interpretar as múltiplas nuances contidas em uma paisagem, destacando suas distintas configurações, funções, significados e a historicidades.

A PAISAGEM DO BAIRRO

Muito pode ser apreendido com as marcas que estão presentes nesse conjunto chamado paisagem, quando conseguimos ir além da mera descrição de suas formas e passamos a compreender os múltiplos fenômenos que constituem essa determinada parcela do espaço, deixando de ser meros observadores e nos tornando sujeitos na produção de novos conhecimentos.

Uma paisagem encerra em si as desigualdades que constituem a nossa sociedade, estas diferenças são expressas nos padrões de construção das casas, nas suas cores, nos formatos das ruas e a quantidade de áreas verdes que cada bairro possui, entre outras características. Por exemplo, a comparação e interpretação das fotografias deste material nos permite identificar diferentes formatos de habitações, como as casas domingueiras, os conjuntos habitacionais e os condomínios de prédios de alto padrão.

O nosso bairro possui características próprias que guardam a história de sua formação, dizem sobre as pessoas que ali vieram morar e dão uma ideia de como são as condições de vida nesse lugar e como vivem, hoje, os seus moradores. Assim, os bairros se diferem em todos esses aspectos e essa dinâmica é visível na análise dos elementos que formam uma paisagem; se observamos atentamente o skyline das fotografias abordadas, esse contraste pode ser melhor trabalhado.

E QUAL É O SEU LUGAR?

O conceito de lugar tem grande ligação com esse assunto, pois o espaço vivido, onde acontecem nossas ações, o palco no nosso cotidiano é responsável pelo movimento constante que dá vida a uma paisagem, em uma constante construção, manutenção e destruição das formas que nos circundam.

As desigualdades embasam os conjuntos materiais que foram produzidos historicamente no espaço, seja ele a nossa rua, nosso bairro ou a nossa cidade, são elas a fonte de inúmeros questionamentos, que surgem para a interpretação do lugar em que vivemos em suas múltiplas temporalidades que coexistem em um mesmo espaço.

O nosso lugar é onde somos conectados por questões sentimentais, em que nossas relações são estabelecidas, a categoria inicial entre indivíduo e espaço, aquelas territorialidades onde construímos nossas identidades. Pensar nessa questão é a chave para nos perguntarmos: Por que os bairros são diferentes? O que falta no lugar onde moro? O que pode melhorar no meu bairro? E, então, buscar as mudanças que respondam a esses questionamentos.

GLOSSÁRIO

Paisagem: Extensão territorial que a vista alcança; Panorama; Reunião dos componentes e elementos naturais, ou não, observados a partir de um determinado lugar.

Lugar: No campo simbólico, é o espaço onde o indivíduo mantém ligações afetivas, um vínculo com a paisagem onde vive, a noção de pertencimento e identidade construídas em um determinado território.

Padrão de Construção: Forma como são construídas as edificações, os materiais que foram utilizados, as estruturas que foram erguidas e seus usos; exemplo: casas, barracos e prédios para o uso residencial.

Casa domingueira: Construção de unidades habitacionais de baixo custo por seus próprios usuários (também chamadas de autoconstruções), comuns nas regiões periféricas dos grandes centros urbanos. Chamadas de “domingueiras”, pois muitas foram construídas no sistema de mutirões aos fins de semana, tempo livre dos trabalhadores, com a ajuda dos vizinhos.

Skyline: Um panorama urbano, termo usado em arquitetura, urbanismo e fotografia. É o esboço de um conjunto de prédios ou formas do relevo vistos na linha do horizonte, formando uma silhueta na paisagem.

Temporalidade: Estado do que é provisório; as marcas deixadas no espaço em diferentes períodos da história e coexistindo em um mesmo espaço.

SUGESTÃO DE ATIVIDADES

Atividade 1 – Trabalhando os planos da imagem

Tendo em mãos a fotografia do bairro como material de apoio, utilize a PRANCHA 1 (foto) juntamente com as transparências das PRANCHAS 4 e 5 e:

- a) Caracterize os tipos de construção do primeiro plano (mais próximo) e do segundo plano (mais distante);
- b) Identifique os tipos de moradias presentes na fotografia 1;
- c) Levante hipóteses das atividades que estejam acontecendo em cada um dos planos destacados;
- d) Questionar: o que podemos dizer sobre as pessoas que moram em cada um dos tipos de construção da imagem?

Objetivos:

- Exercitar a percepção dos alunos para as distintas morfologias das paisagens urbanas, associando essas formas a possíveis classes sociais que habitam esses tipos de construção;
- Identificar as diferentes atividades que podem ocorrer em cada um desses espaços;
- Utilizar diferentes linguagens do conhecimento para representar o entendimento dos conceitos trabalhados em sala de aula.

Atividade 2 – Decifrando os elementos da paisagem

Tendo em mãos as fotografias do bairro como material de apoio, utilize as PRANCHAS 2 e 3. Incentive que os alunos façam a delimitação entre os diferentes planos com o uso de folhas de papel vegetal e, posteriormente, identifiquem e descrevam os diferentes elementos das paisagens (diferentes padrões de construção, elementos naturais, etc.).

Objetivos:

- Exercitar a percepção dos alunos para as distintas morfologias das paisagens urbanas, associando essas formas a possíveis classes sociais que habitam esses tipos de construção;
- Identificar as diferentes atividades que podem ocorrer em cada um desses espaços;
- Utilizar diferentes linguagens do conhecimento para representar o entendimento dos conceitos trabalhados em sala de aula.

Atividade 3 – Descobrimo o passado por trás das paisagens

Em grupos, os alunos farão uma ou mais entrevistas com algum morador do bairro para levantar as seguintes questões:

- a) Há quanto tempo a pessoa mora no bairro?
- b) Como era o bairro quando ela veio morar aqui?
- c) Quais foram as mudanças na paisagem do bairro ao longo do tempo?
- d) Se possível, coletar algumas fotos de antigamente para exemplificar essas mudanças.

As informações coletadas poderão ser expostas na forma de seminários ou na produção de um mural comparando as diferenças encontradas no bairro.

Objetivos:

- Criar através da análise de um relato biográfico a importância do conceito de lugar e a forte influência da variante tempo nos aspectos ligados à paisagem;
- Realizar entrevistas e analisá-las.

Atividade 4 – Exercitando a percepção da paisagem

Em grupos, os alunos deverão realizar uma saída para algum ponto do bairro que tenha uma vista ampla do bairro.

Cada grupo deverá realizar um desenho panorâmico da paisagem escolhida, sendo que cada aluno ficará responsável por uma fração dessa paisagem; em seguida terão de juntar seus desenhos de maneira que formem uma única paisagem para ser exposta posteriormente. Na exposição de seus desenhos, em aula, cada grupo destacará os detalhes que foram captados pelos desenhistas.

Objetivos:

- Desenvolver a percepção dos detalhes que compõem uma paisagem;
- Saber expressar e expor os conceitos aprendidos em forma de um desenho panorâmico e na forma de um seminário.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz Nacib. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A cidade. 9ªed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Geografia: pequena história crítica. São Paulo: Annablume, 2003.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

APRESENTAÇÃO

“Acredita-se comumente que um pequeno camponês de hoje, aluno da escola primária, saiba mais do que Pitágoras porque repete docilmente que a terra gira em torno do sol. Mas, na realidade, ele não olha mais para as estrelas. Esse sol de que lhe falaram na aula não tem, para ele, nenhuma relação com o sol que ele vê. Arrancaram-no do universo que o rodeia [...] (WEIL, Simone. 1996, p. 414.)

Um dos temas mais difíceis a se tratar na escola envolve os conteúdos da chamada Geografia Física: o estudo do relevo, das rochas, dos rios, dos solos e da vegetação. A dificuldade vem do fato de que tais conteúdos, muitas vezes, são tratados de forma abstrata, deslocando-se do cotidiano dos alunos, o que torna árdua a tarefa de ensiná-los. Além disso, tem-se o fato de que é muito difícil encontrar bibliografia e mapas que tratam dessa geografia física na escala do bairro. Desse modo, aprendemos, por exemplo, os nomes das formas de relevo que compõem o território nacional, mas o que dizer do relevo do bairro? O que dizer das rochas que formam esse relevo? Quais os nomes dos rios que cortam os nossos bairros?

A proposta aqui é superar essa dificuldade, trazendo uma abordagem dos conteúdos a partir do lugar que moramos, a cidade e os bairros. Assim, este tema propõe tratar dos conteúdos da paisagem do distrito do campo limpo que dizem respeito aos elementos da natureza, apresentando aos alunos alguns conceitos que são estudados mais profundamente pela geografia física. Começaremos partindo da natureza do distrito para, depois, apresentarmos alguns textos que expliquem sucintamente quais e como são estas estruturas. Um glossário complementa essa compreensão relatando alguns conceitos e, além disso, mapas e fotos ajudam a ilustrar esses conteúdos. Ao final, propomos sugestões de atividades. O intuito aqui não é exibir uma visão macro do que seriam as feições geológicas, geomorfológicas, hidrográficas e de vegetação, ou seja, a escala do estado ou do território nacional, como frequentemente encontramos nos livros didáticos. Optamos por demonstrar esses assuntos aos alunos por meio de suas próprias observações sobre o entorno de onde vivem, pois suas análises poderão ser utilizadas como ponto de partida, para que os assuntos citados, acima, sejam estudados.

O ponto de partida, então, é a observação dos alunos, despertando a curiosidade do que é a natureza e onde ela pode ser encontrada em seu dia a dia. Para isto, o material, aqui presente, oferece uma base aos profissionais que buscam desenvolver atividades por meio da percepção da natureza.

Além dos textos explicativos, algumas fotos e mapas também serão utilizados para ilustrar os conceitos e para realizar as atividades. Vale ressaltar, que algumas das pranchas de fotos e mapas serão utilizados em mais de um tema; e, como os assuntos podem ser trabalhados de forma separada, aconselha-se que a questão da paisagem já tenha sido de alguma maneira apresentada, só para que os alunos tenham a compreensão do que significa esta palavra.

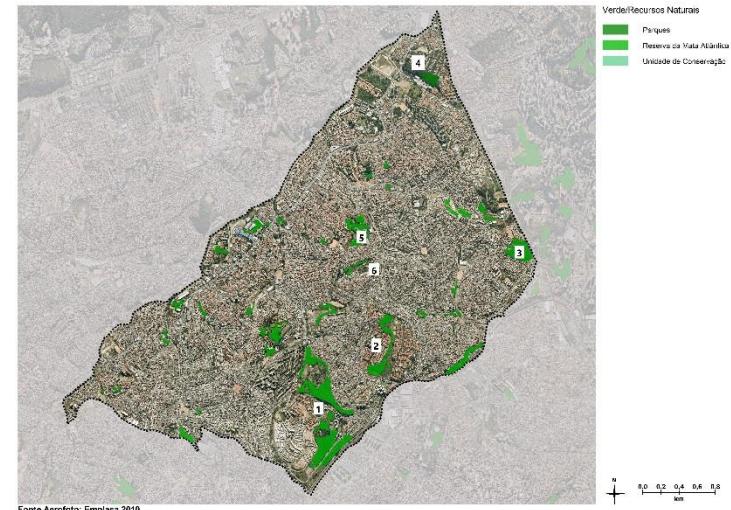
Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 2: A paisagem também tem natureza?

EXISTE VEGETAÇÃO NA PAISAGEM DO BAIRRO?

Para começar a responder a pergunta, vamos observar dois materiais: uma foto que representa parte da paisagem encontrada neste distrito, já trabalhada no Tema 1 (PRANCHA 1) e uma foto aérea, de 2010, do Campo Limpo (PRANCHA 6). Em ambos os materiais percebemos o quê?



PRANCHA 1



PRANCHA 6

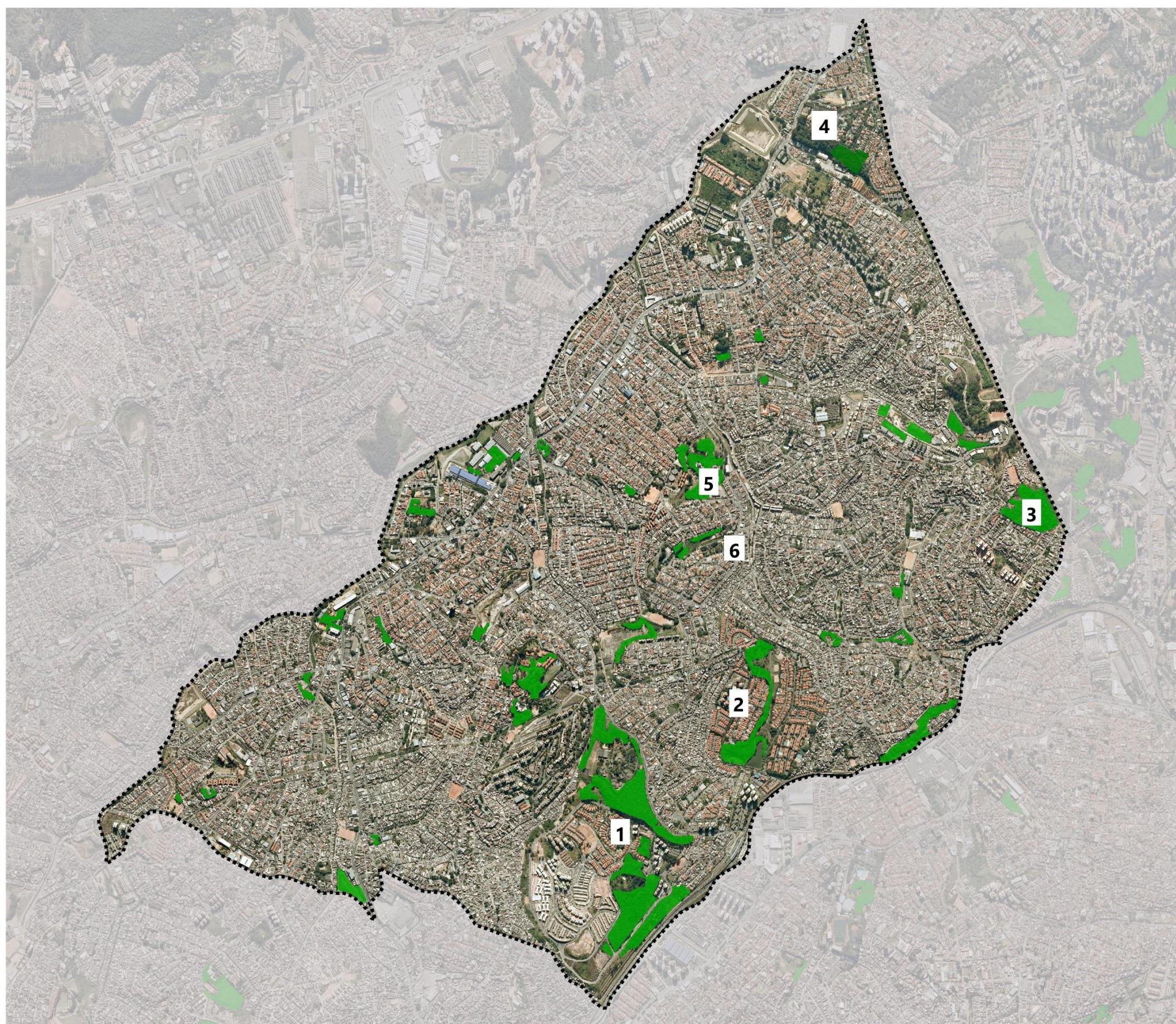
Em primeiro lugar, é possível observar pela foto que a paisagem possui pouca arborização e poucas áreas permeáveis, já que a densidade construtiva é muito alta. Percebe-se que as casas ocupam, predominantemente, a totalidade dos lotes, há vários blocos de prédios, o que indica também grande adensamento e somente algumas árvores isoladas ao longo de vias públicas. Pela foto aérea observa-se que a vegetação arbórea está concentrada em alguns pontos do distrito, principalmente em áreas próximos ou até dentro dos condomínios fechados. Grande parcela das poucas manchas de verde localizadas no distrito são reservas de mata atlântica, havendo apenas um parque, o Parque dos Eucaliptos. Em um ponto localizado próximo a EMEF Dr. Sócrates Brasileiro está localizado a mini floresta urbana plantada pela comunidade, ao longo do Córrego Olarias. Além disso, mais ao sul dessa mata, outra área verde que se observa é a Praça Alexandre Vannuchi Leme. O nome da Praça é uma homenagem a um jovem estudante de Geologia da Universidade de São Paulo que foi morto por forças repressivas da ditadura em 1973.

Qual seria a razão dessa extrema carência de áreas verdes nesses bairros? A história da urbanização na zona sul explica a razão pela qual os bairros têm pouca vegetação, como será abordado no Tema 3, a seguir. Mas, neste momento, vamos mostrar o que era a vegetação original que recobria essa parte da cidade.

Originalmente, o local estudado era composto pela Floresta Ombrófila Densa, conhecida como Floresta Pluvial Tropical. Essa vegetação era distribuída por grande parte do território que é hoje o município de São Paulo e, ainda, está presente no extremo norte, na Serra da Cantareira e no extremo sul, no distrito de Parelheiros.



PRANCHA 1 – Vista do bairro Jardim Olinda em primeiro plano e ao fundo condomínios de alto padrão do bairro da Vila Andrade. Autoria: Felipe Gomes; 2019.

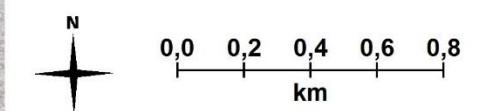


Verde/Recursos Naturais

- Parques
- Reserva da Mata Atlântica
- Unidade de Conservação

Legenda das áreas

- 1: Condomínios residenciais localizados no Jardim Umuarama e Parque Munhoz
- 2: Chácara Nossa Senhora do Bom Conselho
- 3: Jardim São Roque (divisa com a Vila Andrade)
- 4: Parque dos Eucaliptos
- 5: Condomínio e mini floresta urbana
- 6: Praça Alexandre Vannuchi Leme



Fonte Aerofoto: Emplasa 2010

PRANCHA 6 – Foto aérea de parte do distrito do Campo Limpo. Fonte: Emplasa, 2010.

Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 2: A paisagem também tem natureza?

Outra forma de vegetação, anteriormente existente, era a mata que ocorria ao longo dos cursos d'água, chamada de **Floresta Ombrófila Densa Aluvial** ou **mata ciliar**. Ela era responsável pela proteção dos rios, garantindo a qualidade da água. A retirada da mata ciliar prejudica os rios, pois favorece a erosão fluvial das margens e, conseqüentemente, o assoreamento do leito dos rios, pois os sedimentos vão parar no leito dos cursos d'água. Assim sendo, o replantio de espécies nativas, que foi feito pela comunidade escolar para constituir uma floresta urbana, foi uma iniciativa de vital importância, que contribui para a melhoria da qualidade ambiental e de vida dos moradores.

Isso porque as áreas verdes desempenham fatores benéficos para a cidade, entre os quais:

a) Composição atmosférica. A vegetação desempenha um papel benéfico pois exerce uma ação que é purificadora do ar, uma vez que ela é responsável pela fixação de poeiras e materiais residuais que ficam na superfície das folhas das árvores. Além disso, também contribui benéficamente pela reciclagem de gases através da fotossíntese e pela fixação de gases tóxicos, inclusive os emitidos por veículos e pelas indústrias. Pode-se estimular a observação desse efeito de fixação de poeira, passando o dedo nas folhas das árvores.

b) Proteção dos cursos d'água. A vegetação arbórea, que recobre a margem dos rios e córregos é fundamental tanto para evitar a erosão das margens, assoreamento dos rios e também para melhorar a qualidade e quantidade das águas dos rios e córregos. São chamadas ciliares, pois a sua função de proteção do rio é equivalente aos cílios que protegem os olhos.

c) Redução da poluição sonora. O adensamento vegetal amortece os níveis de ruído de fundo sonoro contínuo ou descontínuo. Folhas e árvores podem absorver e amenizar o som e filtrar altas frequências, faixas em que o ouvido humano é mais sensível, melhorando significativamente a qualidade de vida dos moradores dos bairros. Pode-se observar esse efeito, gravando com um celular os níveis de ruído, quando estamos numa área com vegetação e quando estamos numa área sem vegetação e comparando os diferentes níveis.

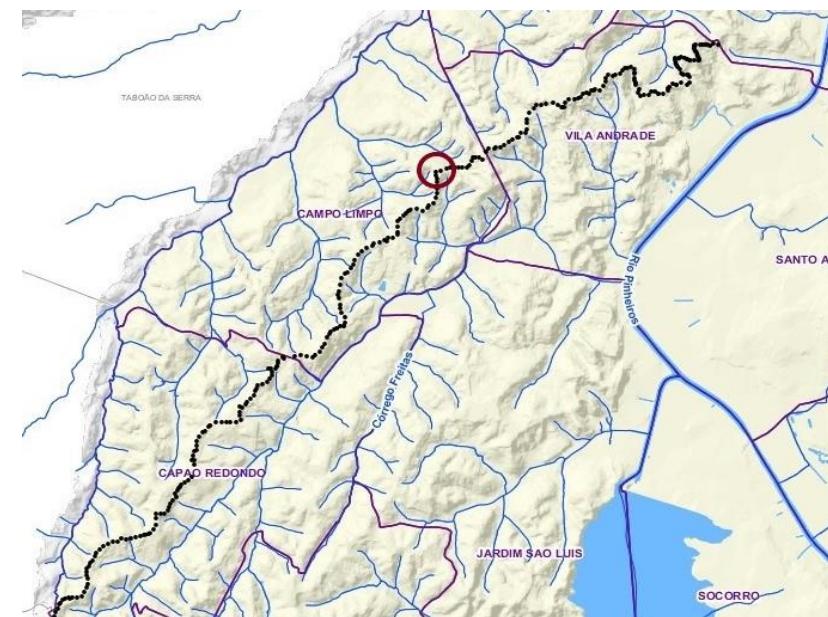
d) Influência microclimática. Pesquisas mostram que ambientes intensamente urbanizados e industrializados e também carentes em cobertura vegetal, como é o caso da metrópole de São Paulo, apresentam um fenômeno chamado de ilha de calor, caracterizado pelo aumento de até 10°C na temperatura das cidades. Esse fenômeno é causado, principalmente, pela concentração de área edificada, excessiva impermeabilização do solo, concentração de atividades geradoras de calor como as indústrias e o trânsito, emissão de poluentes, que contribuem para reter calor na atmosfera, pela formação de verdadeiras barreiras à circulação de ventos em função da verticalização, e, fundamentalmente, pela carência de áreas verdes urbanas. A vegetação contribui para o balanço térmico das cidades, sendo responsável pela amenização das temperaturas elevadas, por meio de dois fenômenos: o sombreamento e por efeito da evapotranspiração, que aumenta a umidade do ar. Mais uma vez podemos comparar essa situação, medindo, com um termômetro, as diferentes temperaturas do ar dentro e fora de uma área com vegetação ou, também, comparando diferentes situações relacionadas ao conforto térmico (mais calor, menos umidade).



Foto da Placa da mini floresta urbana, às margens do Córrego Olarias.

E O RELEVO NA CIDADE?

Ainda sobre a PRANCHA 1, podemos verificar que a foto tirada dos bairros permite analisar, também, a composição do relevo. Olhando as casas, vemos que algumas situam-se em ruas mais elevadas e outras mais baixas, evidenciando que a região não é plana, mas sim composta por níveis de altitudes diferentes, que são características dos morros e morrotes. Tais formas de relevo são predominantes na zona sul, diferenciando-se pela inclinação do terreno, já que os morros têm maior inclinação das encostas que os morrotes. Quanto maior a inclinação da encosta, maior é a dificuldade de subir a rua, seja para o pedestre, como também para os ônibus e carros, exigindo mais força no motor. Os morros e morrotes têm, em geral, uma diferença de 50 a 300 metros entre sua parte mais baixa e a parte mais alta.



PRANCHA 7

Além de morros e morrotes, encontramos, também, no distrito as chamadas várzeas de rios e córregos. As várzeas são terrenos mais baixos, predominantemente planos que se encontram ao lado dos rios. Elas correspondem ao leito maior dos rios, ou seja, àquele trecho no qual o rio anualmente extravasa suas águas, resultando em enchentes. Ao longo da urbanização de São Paulo, as várzeas foram ocupadas com ruas e avenidas e, por inúmeras vezes, com construções, o que aumentou bastante a problemática das enchentes.

No distrito do Campo Limpo as altitudes mais baixas são: 720 metros na várzea do Rio Pinheiros (a leste) e 740 metros na várzea do Rio Pirajussara (a oeste). Entre essas duas áreas mais baixas há uma linha (tracejada de preto na PRANCHA 7) que segue no sentido sudoeste-nordeste onde encontramos os pontos mais altos do relevo, ou seja, os cumes de morros e morrotes. Nessa linha chamada de cumeada encontra-se o ponto mais alto de todo o distrito, com 853 metros. Ele corresponde a Vila Morro da Lua.

Os morros e morrotes tem características geológicas de rochas mais resistentes, por isso resultam em formas de relevo mais elevadas. Das partes mais altas saem os sedimentos que vão preencher as partes mais baixas, as várzeas. Esses processos chamam-se erosão e sedimentação.

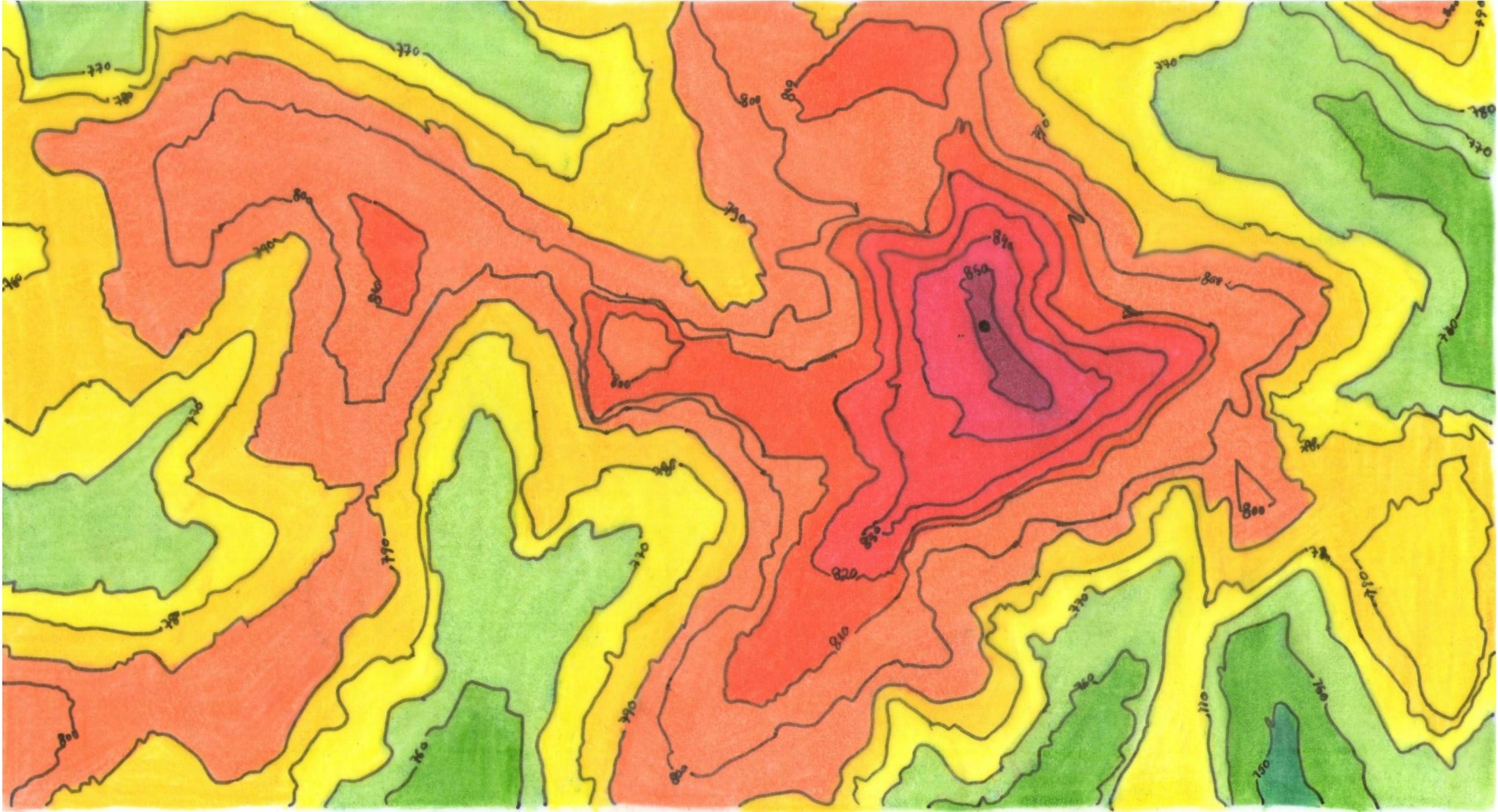
Essas duas formas de relevo que compõem o distrito de Campo Limpo situam-se numa unidade maior chamada de Planalto Atlântico, ou Planalto Paulistano do Alto Tietê, conforme se vê no perfil topográfico. Possui relevos com altimetria em média entre 700 a 800m, com formas dominantes de morros médios e altos.



PRANCHA 7: Recorte com topografia, rios e distritos da cidade de São Paulo. A linha tracejada marca os pontos mais altos da topografia que divide duas bacias hidrográficas, o círculo em vermelho é onde se localiza o Morro da Lua. Fonte: geosampa.prefeitura.sp.gov.br.

Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 2: A paisagem também tem natureza?

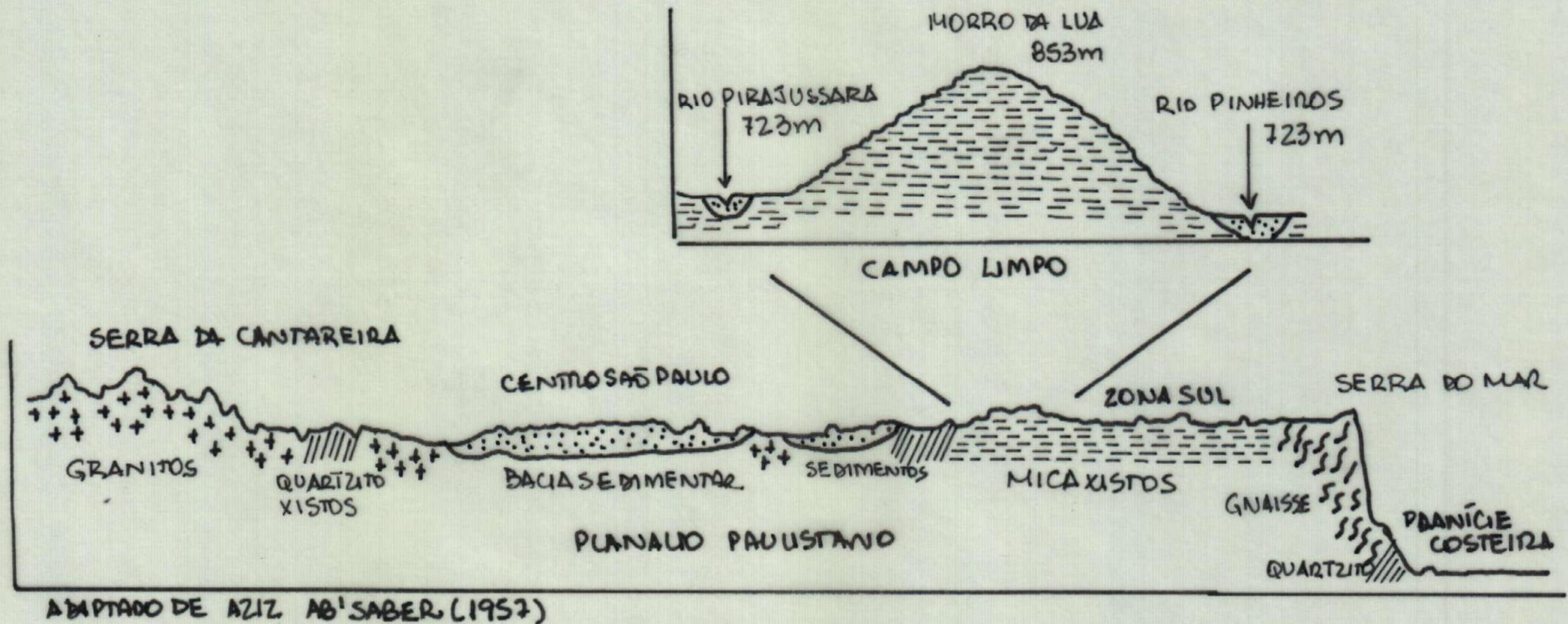
Aqui temos uma carta hipsométrica com recorte próximo ao ponto mais alto da região do Campo Limpo, o Morro da Lua, representado pelo ponto preto na carta. As cartas hipsométricas servem para representar a altitude de determinado região. No caso em questão temos uma variação de 100m das curvas de nível (linhas pretas) que foram desenhados com intervalo de 10 em 10m. A representação do terreno começa em 750m (curva verde claro pintada do lado direito do material) e vai até 850m (vermelho bem escuro que circunda o ponto preto). As cores em verdes são as menores altitudes da carta, as amarelas e laranjas as medianas e as tonalidades em vermelhos os pontos mais altos dos morros e morrotes deste distrito.



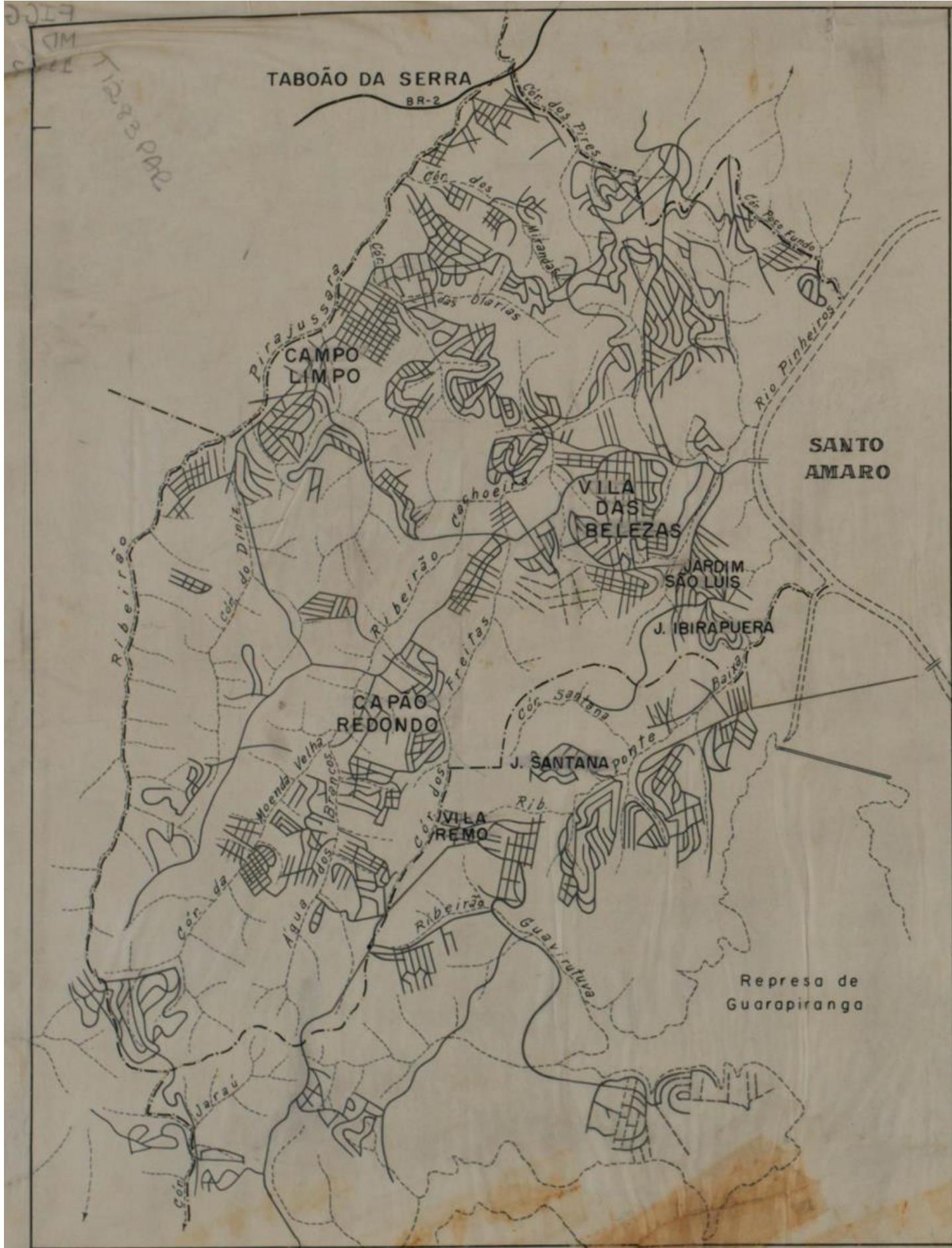
Carta hipsométrica de uma área do Campo Limpo

Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 2: A paisagem também tem natureza?

Quanto aos aspectos geológicos do distrito do Campo Limpo, podemos dizer que eles correspondem às rochas metamórficas, que fazem parte do chamado embasamento cristalino pré-cambriano. O embasamento cristalino é composto por rochas muito antigas, do início de formação do planeta Terra. Dentre as rochas metamórficas do embasamento cristalino, no distrito do Campo Limpo e se estendendo também pelo município do Taboão da Serra, predomina o chamado micaxisto. O micaxisto é um tipo de rocha composta por um mineral chamado mica, que se apresenta como uma placa fina e brilhante e que pode ser facilmente encontrado nos solos que ainda não foram ocupados no bairro.



Perfil topográfico do Planalto Atlântico ou Planalto Paulistano do Alto Tietê, com detalhe para perfil esquemático do distrito.



INSTITUTO GEOGRÁFICO E GEOLÓGICO
SECCÃO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS

MAPA DA REGIÃO
DE
SANTO AMARO

ESCALA APROX. — 1:40 000

São Paulo, 23 de outubro de 1963

INST. GEOGRÁFICO E GEOLÓGICO
 SECCÃO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
Jose A. Machado
 N.º S.E.G.-8655, Data 23-10-1963
Zeladampio Lima
 Diretor do Serviço

Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 2: A paisagem também tem natureza?

GLOSSÁRIO

Hidrografia: A Hidrografia classifica e estuda as águas da superfície do planeta Terra.

Geologia: A Geologia estuda a origem, a estrutura, a composição e as transformações da crosta terrestre.

Geomorfologia: A Geomorfologia estuda as formas da superfície terrestre, tenta identificar, descrever e analisar os relevos e todos seus aspectos genéticos, cronológicos, morfológicos, morfométricos e dinâmicos, tanto passados como atuais, naturais ou antropogênicos.

Áreas permeáveis: Áreas onde a água pode ser absorvida pelo solo. Locais sem asfalto ou concreto.

Floresta Ombrófila Densa: Conhecida como Floresta Pluvial Tropical, tem como principais características as altas temperaturas e o alto índice de precipitação bem distribuídas durante o ano, praticamente sem períodos de seca. As folhas das árvores são geralmente largas e estão sempre verdes. A Mata Atlântica, a Serra do Mar, e partes da Floresta Amazônica são exemplos de Floresta Ombrófila Densa. É chamada de **Floresta Ombrófila Densa Aluvial** a **mata ciliar**, ou seja, a floresta que ocorre ao longo dos cursos d'água.

Erosão Fluvial: Erosão é o processo de desgaste, transporte e sedimentação do solo, dos subsolos e das rochas como efeito da ação dos agentes erosivos, tais como a água, os ventos e os seres vivos. A erosão fluvial é causada pela água dos rios, transformando o seu curso em vales mais profundos do que o seu entorno. Quando não há uma vegetação nas margens dos cursos d'água (mata ciliar), estas são erodidas pela força das águas, intensificando processos de assoreamento e alargamento do leito das bacias de drenagem.

Assoreamento: Ocorre pela presença de sedimentos naturais (areia, argila) e decorrentes da ação humana (lixo, entulho, esgoto), que escoam pela ação dos ventos e dos fluxos das águas, sendo depositados nos fundos dos rios. No fundo dos rios e lagoas, esse acúmulo interfere na topografia de seus leitos e os impede de portar todo o seu volume hídrico, podendo provocar transbordamento em épocas com grande quantidade de chuvas.

Várzea de rio: Também conhecida como planície de inundação, é toda área que margeia naturalmente o curso d'água de um rio e que fica inundada durante as cheias.

Planalto Atlântico: Classificação de Aroldo de Azevedo (1940), diz que superfícies, acima de 200m, são denominadas de Planaltos. São superfícies mais ou menos planas, situadas em diferentes altitudes e delimitadas por escarpas íngremes. Esta mesma formação pode ser chamada de Serras e planaltos do Leste Sudeste (Aziz Nacib Ab'Saber, 1962) e Planaltos em estruturas cristalinas e dobramentos antigos (Jurandy Ross, 1990).

Rochas metamórficas. São formadas a partir de outras rochas preexistentes como as magmáticas ou sedimentares, quando passam pelos processos de metamorfismo, que modifica a estrutura de sua composição mineralógica e química por meio de alterações de temperatura e pressão.

Bacia hidrográfica. É a área ou região de drenagem de um rio principal e seus afluentes. É a porção do espaço em que as águas das chuvas, das montanhas, subterrâneas ou de outros rios escoam em direção a um determinado curso d'água, abastecendo-o. O que separa uma bacia hidrográfica de outra são os divisores de água. Eles são como uma espécie de fronteira em que, de um lado, escoam a água em direção a um rio e, de outro, escoam a água em direção a outro rio.

Em razão da força da gravidade, as águas correm sempre do ponto mais alto da superfície em direção aos pontos com menores altitudes. Assim, podemos dizer que as localidades mais elevadas são os divisores de água e os pontos menos elevados costumam abrigar o leito dos rios. As bacias hidrográficas podem ser classificadas conforme a sua grandeza. Isso porque todo o rio possui a sua bacia, mas alguns deles deságuam em outros rios, formando uma bacia hidrográfica maior, ou seja, as bacias de maior grandeza englobam as áreas de outras bacias menores.

SUGESTÃO DE ATIVIDADES

Propomos algumas atividades para este tema que, por ser bem abrangente, possibilita abordar e elaborar diversos assuntos e trabalhos.

Atividade 1 – Observação da paisagem

Com o auxílio do tema **A paisagem também tem natureza?**, propor uma atividade de observação das fotos aéreas, dos arredores e do caminho que eles fazem de suas casas até a escola. Com isto algumas questões podem ser trabalhadas:

- a) O que é natureza?
- b) Quais elementos da natureza estão presentes nas imagens e nas observações dos alunos?

A partir da observação dos alunos guiados pela(o) professora(o) propor alguns conceitos explicativos, como relevo, rochas, solos, vegetação, sempre tentando demonstrar onde eles podem encontrar estes conceitos no seu dia a dia, seja dentro ou fora da escola.

Objetivos:

- Desenvolver a capacidade de observação e percepção das distintas formas que compõem a paisagem;
- Identificar os diferentes elementos que compõe a natureza e estão presentes no urbano;
- Utilizar diferentes linguagens do conhecimento para representar o entendimento dos conceitos trabalhados em sala de aula.
- Desenvolver a questão do que é a natureza.

Atividade 2 – Vegetação

Com auxílio da foto aérea de 2010, propor aos alunos que observem onde há vegetação. Depois, o(a) professor(a) pode apresentar qual era o tipo de vegetação original. Propor que os alunos pesquisem:

- a) Suas características gerais, como fauna e flora;
- b) O quanto foi desmatada, o quanto ainda resta e as principais causas do desmatamento;

Objetivo: Saber expressar e expor os conceitos aprendidos em forma de texto.

Atividade 3 – Hidrografia

Material utilizado: PRANCHAS 8 e 9, papel vegetal e lápis de cor.

Com auxílio do papel vegetal e a partir da Prancha 8, traçar o rio e os afluentes presentes no distrito. Podem ser todos ou escolher algum canal, fica a critério do(a) professor(a). Fica mais fácil primeiro se os rios forem pintados de azul diretamente em cópia da PRANCHA 8. A PRANCHA 9 pode ser usada como apoio para identificação dos rios. Mas é fundamental que os alunos passem por essa experiência de buscar no mapa os rios. Depois do desenho do Mapa Hidrográfico podem-se trabalhar os conceitos como:

- Rio principal;
- Afluentes;
- Localização dos afluentes e do canal principal;
- Várzea do rio;
- Delimitação de represa;
- Identificação do divisor das bacias

Os elementos relativos aos conceitos podem ser pintados de cores diferentes para elucidar mais didaticamente a localização de cada parte.

Observar e levantar o questionamento: onde estão os rios que um dia estiveram aqui? A partir disso é possível trabalhar conceitos como: **soterramento**, **canalização**, **retificação** e **poluição** dos rios.

A música *“Iarinhas”*, da Luiza Lian, auxilia neste estudo, mostrando um pouco do processo de canalização de alguns dos rios que passam pela cidade de São Paulo.

Música: Iarinhas

Cantora: Luiza Lian

Essa rua tem o nome de um rio que a cidade sufocou
Essa rua tem o nome de um rio que a cidade sufocou
Essa rua tem o nome de um rio que a cidade sufocou
Essa rua tem o nome de um rio que a cidade sufocou.

A vontade do rio de voltar
Às vezes sacode de algum lugar
Ele dorme até a chuva chegar
Mas a tempestade vem anunciar
E uma enchente lembra a população
Que o que é rua antes era vazão

Alô Tapajós, Tamanduateí
Minhas larinhas andam cantando
Suas ladainhas para mim
Minhas larinhas andam cantando
Suas ladainhas para mim

Alô Tietê, Água Preta, Iquiririm
Minhas larinhas andam cantando
Suas ladainhas para mim
Minhas larinhas andam cantando
Suas ladainhas para mim

Objetivos:

- Fomentar nos alunos exercícios de representação espacial em que eles se tornam os protagonistas da ação. Não se trata apenas de copiar mapas em papel vegetal, mas fazer do aluno um sujeito cartógrafo, capaz de representar graficamente o lugar em que mora. Trabalha-se assim a autonomia do aluno e o autoconhecimento do espaço em que vive;
- Desenvolver a percepção dos detalhes que compõem uma bacia hidrográfica;
- Saber expressar e expor os conceitos aprendidos em forma de um desenho e escrita sucinta;
- Trabalhar a interdisciplinaridade com a musicalidade;
- Trabalhar a coordenação motora e a atenção por meio dos traços e pinturas da bacia hidrográfica.

Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 2: A paisagem também tem natureza?

REFERÊNCIAS

AB'SABER, Aziz N. Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Conheça o património geológico de São Paulo. <http://webmap.igc.usp.br/>. Acessado em: 29 de agosto de 2019.

LIAN, LUIZA. Iarinhas. Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiza-lian/iarinhas/>. Acessado em 02/10/2019.

Linguagem geográfica. <http://linguagemgeografica.blogspot.com/2013/08/diferencas-entre-vegetacoes-ombrofilas.html>. Acessado em: 10 de setembro de 2019.

Vieira, Bianca Carvalho. Ser protagonista : geografia 1º ano : ensino médio / Bianca Carvalho Vieira ...[et al.]; organizadora Edições Sm ; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida por Edições SM ; editor responsável Flavio Manzatto de Souza - 3. ed - São Paulo : Edições SM, 2016. - (Coleção drt protagonista)

WEIL, Simone. O desenraizamento operário. In: BOSI, Eclea. (org). Simone Weil. A condição operária e outros estudos sobre a opressão. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 3: Origem e formação do bairro

APRESENTAÇÃO

O objetivo do tema 3 é trabalhar a compreensão do bairro onde a escola se localiza. Localizar é fundamental para que os alunos se encontrem no mapa e, assim sendo, possam se ver na representação do mundo que é a cartografia. Mas, além disso, é preciso também compreender o que vem a ser um bairro, a diferença com o distrito e como se formaram os bairros da zona sul de São Paulo. Veremos, a partir do material selecionado no PONTO DE PARTIDA, como os bairros do Campo Limpo se formaram a partir da abertura dos loteamentos. Outras questões, a serem abordadas, dizem respeito a como eram esses loteamentos na sua origem e as razões que levaram a urbanização se expandir para a zona sul. Entre elas, a formação do Parque Industrial de Santo Amaro e a chegada da ferrovia foram fatores que contribuíram para configurar um perfil popular nesses bairros periféricos. Periferia é uma noção central para entender os processos e as dinâmicas que ocorrem nesse espaço. Além dessas questões, o tema 3 também aborda os movimentos de bairro e o movimento operário que foram essenciais para mudar a paisagem dos bairros da zona sul.

Por fim, propomos uma volta ao passado mais distante para entender o que existia anteriormente à urbanização, ou seja, a origem primeira desse espaço.

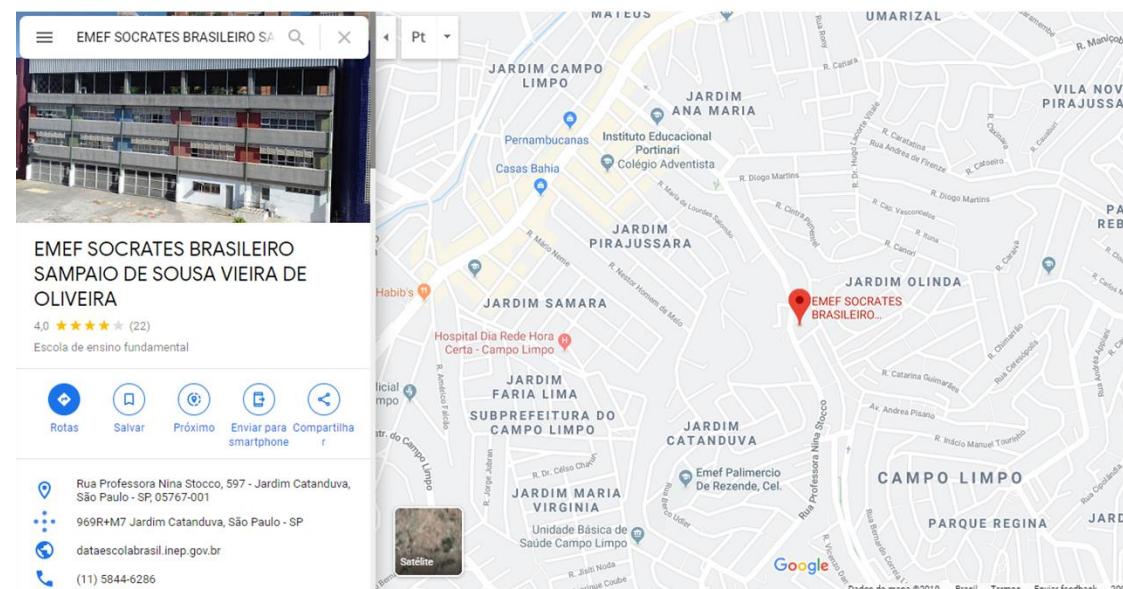
O material selecionado como PONTO DE PARTIDA para trabalhar o tema 3 é um conjunto de mapas atuais e antigos e inclui o primeiro registro cartográfico dos loteamentos de Campo Limpo, fotos antigas dos bairros e alguns textos a serem trabalhados.

LOCALIZANDO O BAIRRO DA ESCOLA

Nossa sugestão é começar pelo mapa mais atual, que irá permitir aos alunos se localizarem hoje. É mais didático começar pelo mapa mais atual, para depois comparar com o mais antigo, a partir das referências que os alunos já identificaram e conhecem, na prática.

A ideia é explorar o mapa como documento que fornece informações importantes para organizar a nossa vida cotidiana. Como um tipo de linguagem específica, o mapa tem seus códigos e seus significados. Nesse sentido, ao olhar o mapa da **PRANCHA 10**, do Google Maps, aparecem questões importantes para debater com os alunos, como por exemplo o nome do bairro onde se encontra a escola, os bairros vizinhos e a delimitação desses bairros. Assim como foi feito para o exemplo da PRANCHA 10, coloque o endereço de sua escola no *Google Maps* e abra a página com sua localização.

A primeira questão a problematizar é compreender, portanto, o que é afinal, um bairro? Como saber seus limites?



PRANCHA 10

Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 3: Origem e formação do bairro

SOBRE OS BAIRROS

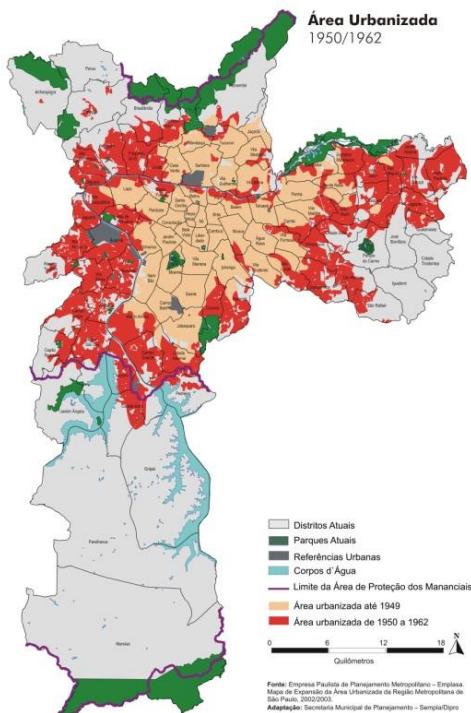
Os bairros não existem oficialmente no município de São Paulo, já que o poder público municipal optou por dividir o espaço municipal em Distritos, como se mostrará, a seguir. Assim sendo, os mapas oficiais da cidade trazem apenas os nomes dos Distritos. Mas, o que é um bairro?

O bairro se constituiu, na história da cidade, como uma espacialidade muito própria e específica, pois ele é o espaço da vida social. Ele nasce dos loteamentos que vão sendo criados na cidade, ao longo dos anos. Assim, onde antes era um terreno vazio, uma área de uso rural como as antigas chácaras que existiam na zona sul, no transcorrer do tempo histórico, esse espaço vai se transformando em área urbanizada, vão aparecendo os lotes, as ruas, as casas vão sendo construídas, os moradores vão se mudando. Assim o espaço vai sendo urbanizado, vai ganhando infraestrutura com as ruas, o calçamento, a iluminação pública, os equipamentos urbanos como escolas, hospitais, bibliotecas.

O bairro constitui esse fragmento espacial que contém a vida social. O bairro é a unidade do espaço vivido, das experiências pessoais, do cotidiano, do uso, das práticas socioespaciais, das relações de vizinhança e muitas vezes familiares, de laços de reciprocidade e de solidariedade. Quando um vizinho ajuda o outro, numa dificuldade, ou quando os moradores se unem para buscar a solução para problemas coletivos, como enchente ou falta de escolas, isso tudo constitui essas relações de reciprocidade e solidariedade. O bairro tem uma vida social: os moradores se conhecem, se organizam para buscar melhorias ao longo do tempo, as crianças brincam na rua, o comércio local se estabelece. A vida cotidiana ali define o conteúdo do bairro, como coloca a Profa. Odete Seabra.

“Pela disposição dos caminhos, das ruas, das casas é possível inferir sobre a vida de bairro, esta que, em verdade, é o conteúdo do bairro, é aquilo que o define.” (SEABRA, 2003, p. 22)

Os bairros surgem dos loteamentos e, dessa forma, seus nomes também. Assim, vemos no Google Maps alguns nomes como Jardim Catanduva, Jardim Ana Maria, Parque Regina, Vila Nova Pirajussara. Essas são denominações que foram escolhidas pelos loteadores para registro no cartório, na prefeitura ou, simplesmente, para a venda. Tudo começa, portanto, no loteamento que é implantado.



PRANCHA 11

SOBRE OS DISTRITOS

Os bairros, então, são unidades espaciais menores que estão contidas em unidades maiores, chamadas de Distritos. Os bairros não existem oficialmente na divisão da cidade de São Paulo e, por esse motivo, não encontramos os seus limites nos mapas, mas somente os limites dos Distritos.

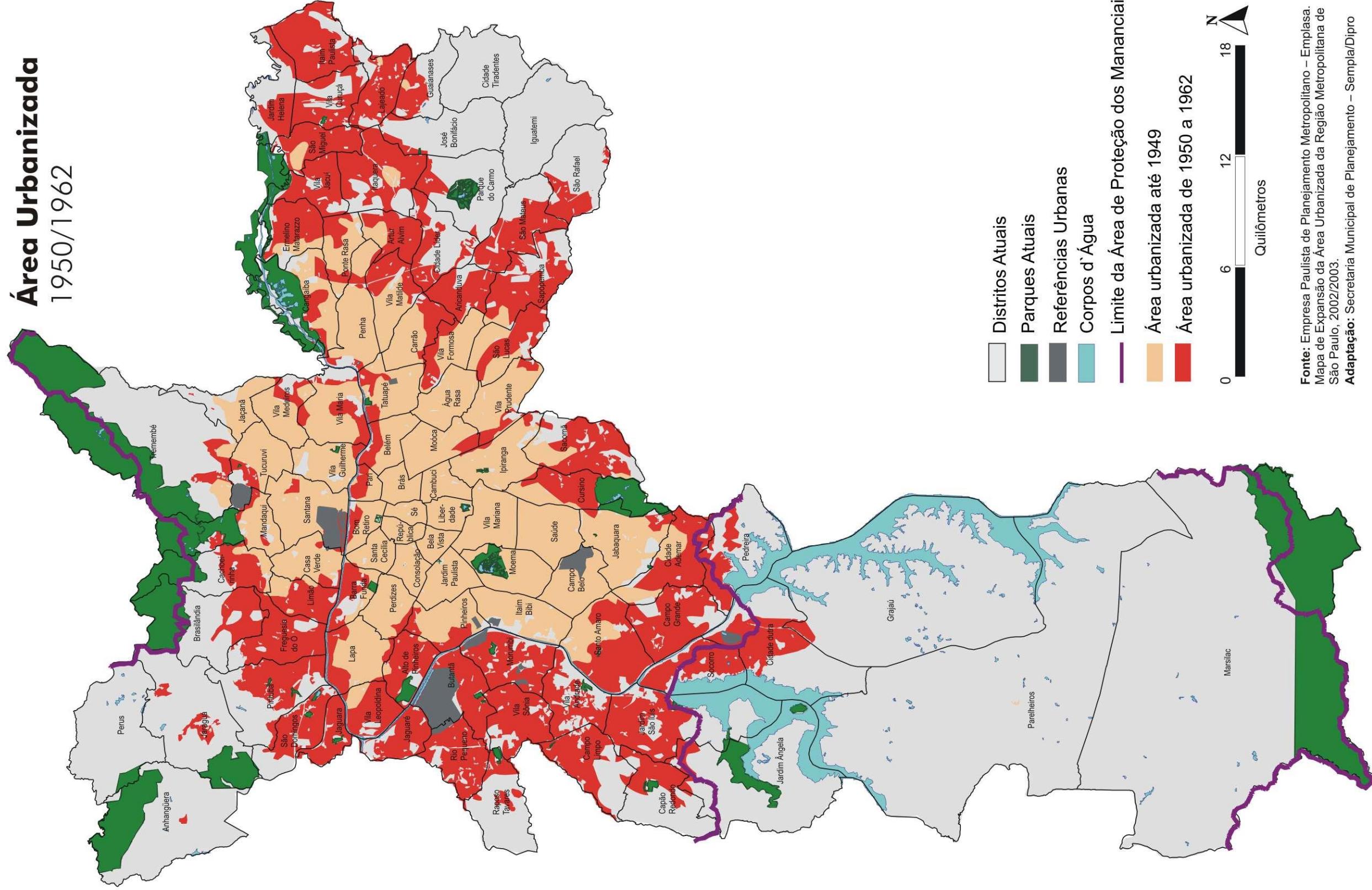
Vamos explorar mais sobre os Distritos. O mapa da **PRANCHA 11**, do município de São Paulo, traz essa divisão oficial em Distritos e pode ser usado para localizar o Distrito de Campo Limpo.

Mas o mapa traz outra informação importante, que aparece nas cores da legenda: o que aparece em cor mais clara é a área urbanizada, até 1949, e o que aparece em vermelho é a área urbanizada no período de 1950 a 1962.

Explorando essa legenda, os alunos podem observar e concluir em que momento histórico o Distrito de Campo Limpo **se urbanizou** e a relação desse fato com a expansão da cidade.

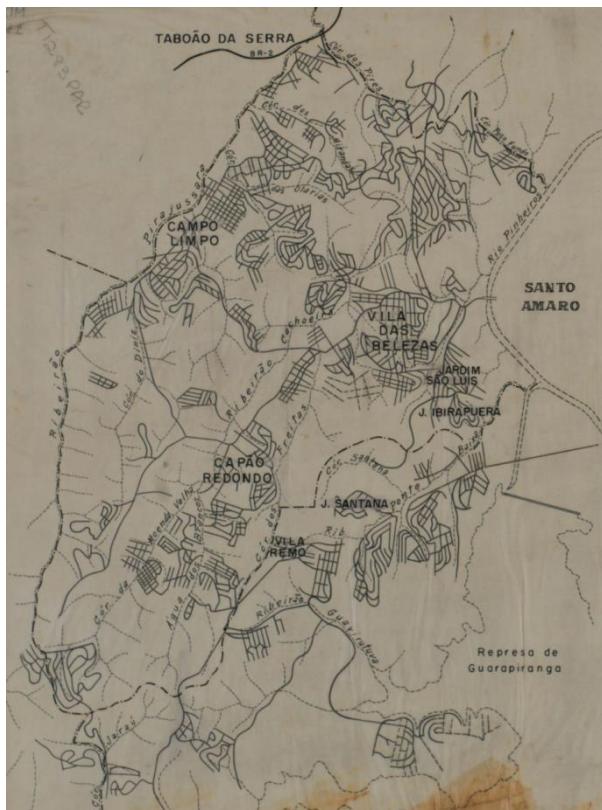
Se o Distrito é a divisão oficial da cidade, por que falamos tanto em bairro? Por que o bairro é importante? Ele é fundamental, pois é onde, concretamente, as pessoas vivem e convivem, enquanto os distritos correspondem a uma divisão oficial e institucionalizada do espaço urbano.

Área Urbanizada 1950/1962



Fonte: Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano – Emplasa.
Mapa de Expansão da Área Urbanizada da Região Metropolitana de São Paulo, 2002/2003.

Adaptação: Secretaria Municipal de Planejamento – Sempla/Dipro



PRANCHA 12

A ORIGEM DOS BAIRROS DE CAMPO LIMPO

Uma fonte de pesquisa para compreender a origem dos bairros da zona sul é o site da prefeitura denominado Geosampa. Nele é possível localizar no mapa atual o bairro onde está a escola e, depois disso, “voltar no tempo”, ou seja, acessar uma outra camada de informação que é o Mapa de 1954. O mapa de 1954, infelizmente, não tem todos os bairros do Campo Limpo e da zona sul, mas apenas uma pequena parte deles.

Por conta disso, fizemos uma pesquisa nos arquivos históricos para encontrar uma fonte de informação e encontramos o mapa da **PRANCHA 12**, de 1963. Ele é o mais antigo disponível na internet em que aparecem os bairros que estavam se formando nos Distritos de Campo Limpo, Jardim São Luiz e Capão Redondo.

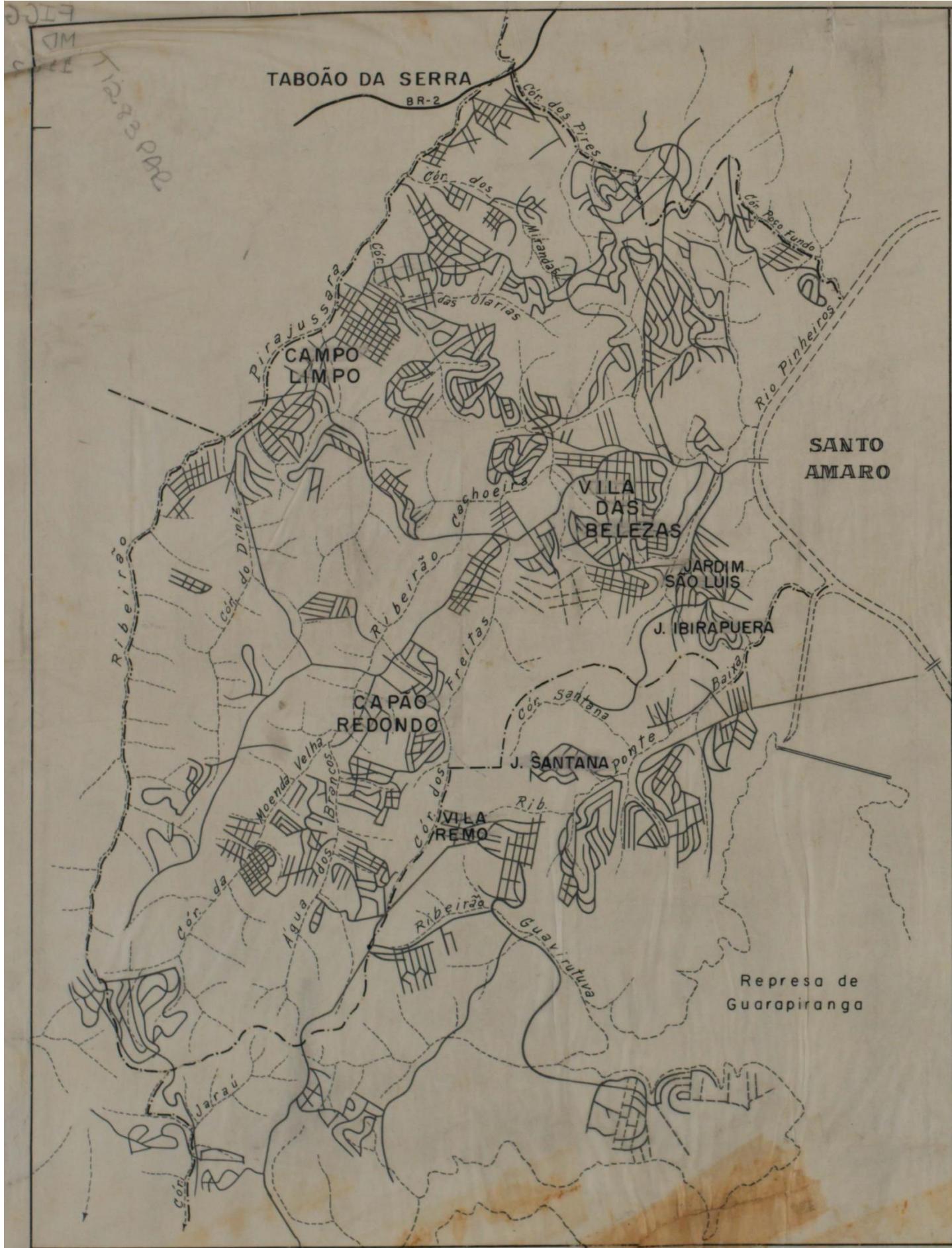
Nele podemos ver os bairros da zona sul que estavam surgindo nesse momento. Também é possível perceber que esses bairros surgiram acompanhando as estradas existentes: Estrada do Campo Limpo, Estrada de Itapecerica, Estrada do M’Boi Mirim. Essas estradas eram as principais ligações entre o centro de Santo Amaro (Largo Treze) e outras cidades como Taboão da Serra, Itapecerica da Serra e Embu das Artes (nomes atuais). Ou seja, essas antigas estradas foram os vetores de crescimento e expansão dos loteamentos que geraram os bairros do “outro lado do Rio”.

Olhando para o mapa de 1963, vemos muitos novos bairros, indicando que nos anos 1960 a urbanização se intensificou. Vila das Belezas e Capão Redondo nasceram ao longo da Estrada de Itapecerica, já Campo Limpo se formou ao longo da Estrada de Campo Limpo e Vila Remo acompanhou a Estrada de M’Boi Mirim. Esse foram os primeiros bairros do “outro lado do Rio”.

Um detalhe importante nesse mapa: percebe-se que os loteamentos vão sendo abertos de forma pontual e fragmentada, o que fez com que essa urbanização não se desse de forma contínua no espaço. Observam-se várias glebas de terras, que permanecem vazias entre os loteamentos que se formam.

“A estratégia de lotear dos empreendedores viabilizava a venda a prestação de terrenos para o trabalhador de baixa renda. O lote saía barato porque quase nada se investia em infraestrutura, porque vendiam-se pequenos terrenos de zona rural como se fossem áreas urbanas e porque deixavam-se vazios entre a zona já urbanizada e os novos loteamentos.” (BONDUKI, 2011, p.277)

Foi uma estratégia dos loteadores de deixar essas glebas de terra vazias, à espera de futura valorização, à medida em que os bairros fossem crescendo e a infraestrutura implementada. Esse processo é chamado de especulação imobiliária. Esses espaços vazios serão, décadas mais tarde, preenchidos com novos loteamentos, com terrenos que foram vendidos mais caros. Esse é um traço histórico da formação dos bairros periféricos de São Paulo, tanto na zona sul, como nas zonas leste e norte. Trata-se do processo de constituição da periferia paulistana, que ocorre a partir dos anos 1940.



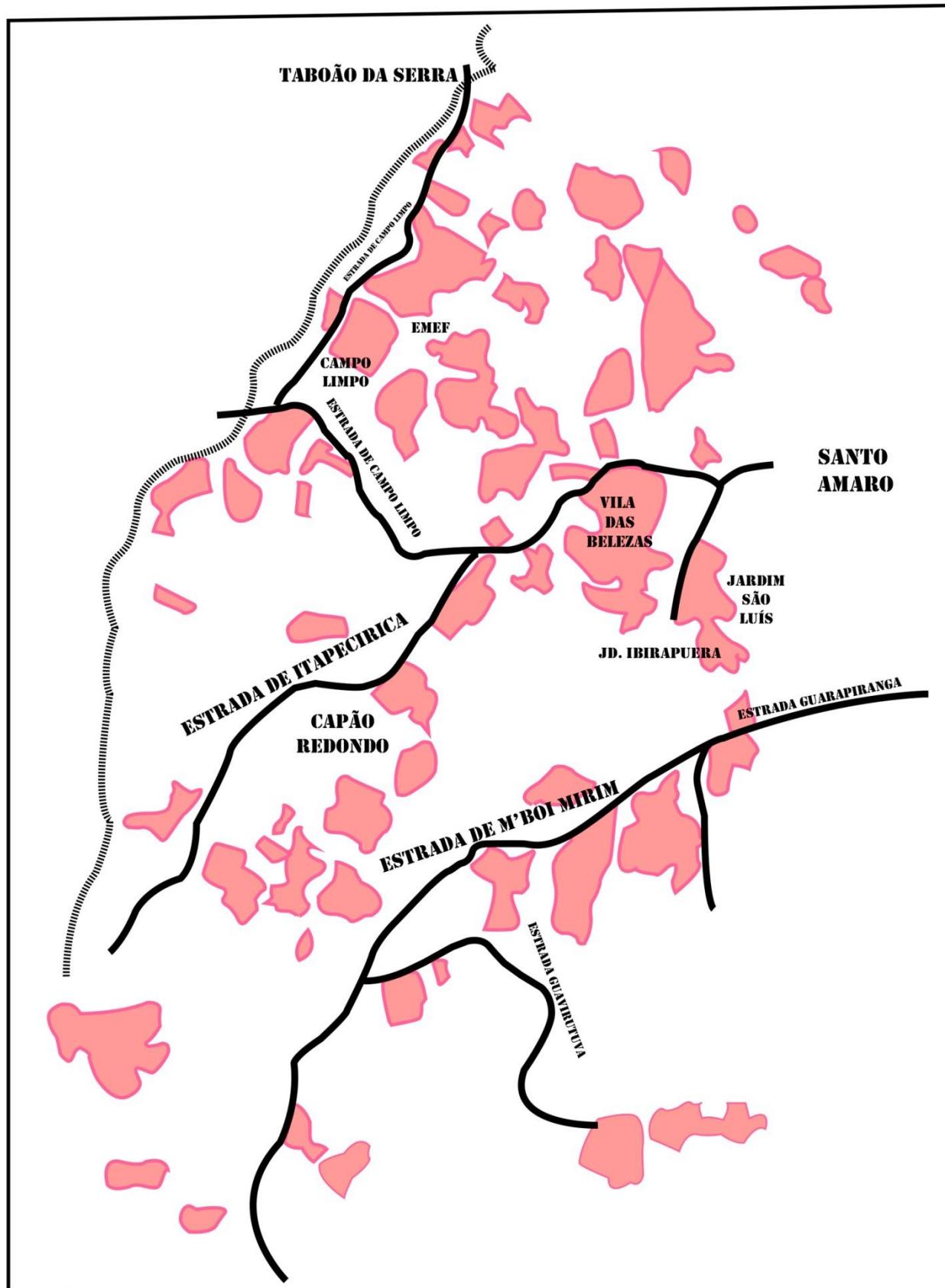
INSTITUTO GEOGRÁFICO E GEOLÓGICO
SECCÃO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS

MAPA DA REGIÃO
DE
SANTO AMARO

ESCALA APROX. — 1:40 000

São Paulo, 23 de outubro de 1963

INST. GEOGRÁFICO E GEOLÓGICO
 SECCÃO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS
Jose A. Machado
 N.º S.E.G.-8655 Data 28-10-1963
Zeladampaiolunari
 Diretor de Serviço



ÁREA URBANIZADA EM 1963

- ÁREA DOS LOTEAMENTOS**
- ESTRADAS PRINCIPAIS**
- DIVÍSA DE MUNICÍPIO**

Khaled

Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 3: Origem e formação do bairro

As áreas periféricas da cidade, nos anos 1940, foram o lugar de moradia do trabalhador mais pobre. Nelas aparece uma nova solução para essa moradia: o loteamento periférico e informal e a casa construída pelo próprio trabalhador, chamada de casa domingueira ou autoconstrução.

O loteamento periférico, de caráter informal já que não possuía aprovação na Prefeitura, passou a se constituir um padrão comum nos bairros das zonas sul e leste da cidade. O loteamento informal permitia vender um lote mais barato, mas, em contrapartida, não oferecia nenhuma infraestrutura necessária.

As ruas de terra, a falta de iluminação pública, de escolas, de creches, de água encanada, de posto de saúde e de linhas de ônibus eram aspectos comuns na formação dos bairros periféricos, nos anos 1960, 1970 e 1980.

Ao pesquisar com moradores mais antigos dos bairros, aqueles que chegaram primeiro, os alunos certamente vão ouvir essa história, que se repete por toda São Paulo, como vemos nos versos da música dos Racionais MC e nas imagens da zona sul disponíveis na **PRANCHA 14**.

Isso gerou, nos anos 1970, na Zona Sul de São Paulo, um intenso movimento social, à medida em que a população dos bairros começou a se organizar e a se mobilizar, exigindo os serviços urbanos e a regularização dos loteamentos. Esse assunto pode ser visto no Tema 4, que trata das transformações do bairro.

Observações:

Para acessar Geosampa: geosampa.prefeitura.sp.gov.br

O site onde encontramos esses mapas é o do Arquivo do Estado. Para realizar consulta a esse mapas entre no endereço: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/documento_cartografico.

Para fazer a pesquisa digitamos São Paulo (no título) e aparecem várias opções de mapas. É um pouco trabalhoso, pois fomos abrindo mapa por mapa para escolher os melhores para a atividade. Além disso é preciso antes se cadastrar no site, quando for consultar os mapas.

“[...] Milhares de casas amontoadas, ruas de terra
Esse é o morro, a minha área me espera
Gritaria na feira (vamos chegando!)
Pode crer, eu gosto disso, mais calor humano
Na periferia a alegria é igual
É quase meio dia, a euforia é geral
É lá que moram os meus irmãos, meus amigos
E a maioria por aqui se parece comigo. [...]”

Fim de semana no parque. Racionais MCs



Irma Passoni, freira e líder comunitária



Santo Dias construindo sua casa, 1969

Imagens do livro:
Santo Dias. A construção da memória (1962-2005), de Carlos Alberto Nogueira Diniz.
São Paulo: Ed. Alameda, 2016.

PRANCHA 14



Santo Dias construindo sua casa, 1969

Imagens do livro:
Santo Dias. A construção da memória (1962-2005), de Carlos Alberto Nogueira Diniz.
São Paulo: Ed. Alameda, 2016.

“[...] Milhares de casas amontoadas, ruas de terra
Esse é o morro, a minha área me espera
Gritaria na feira (vamos chegando!)
Pode crer, eu gosto disso, mais calor humano
Na periferia a alegria é igual
É quase meio dia, a euforia é geral
É lá que moram os meus irmãos, meus amigos
E a maioria por aqui se parece comigo. [...]”

Fim de semana no parque. Racionais MCs



Irma Passoni, freira e líder comunitária

ANTES DO BAIRRO, O QUE EXISTIA?

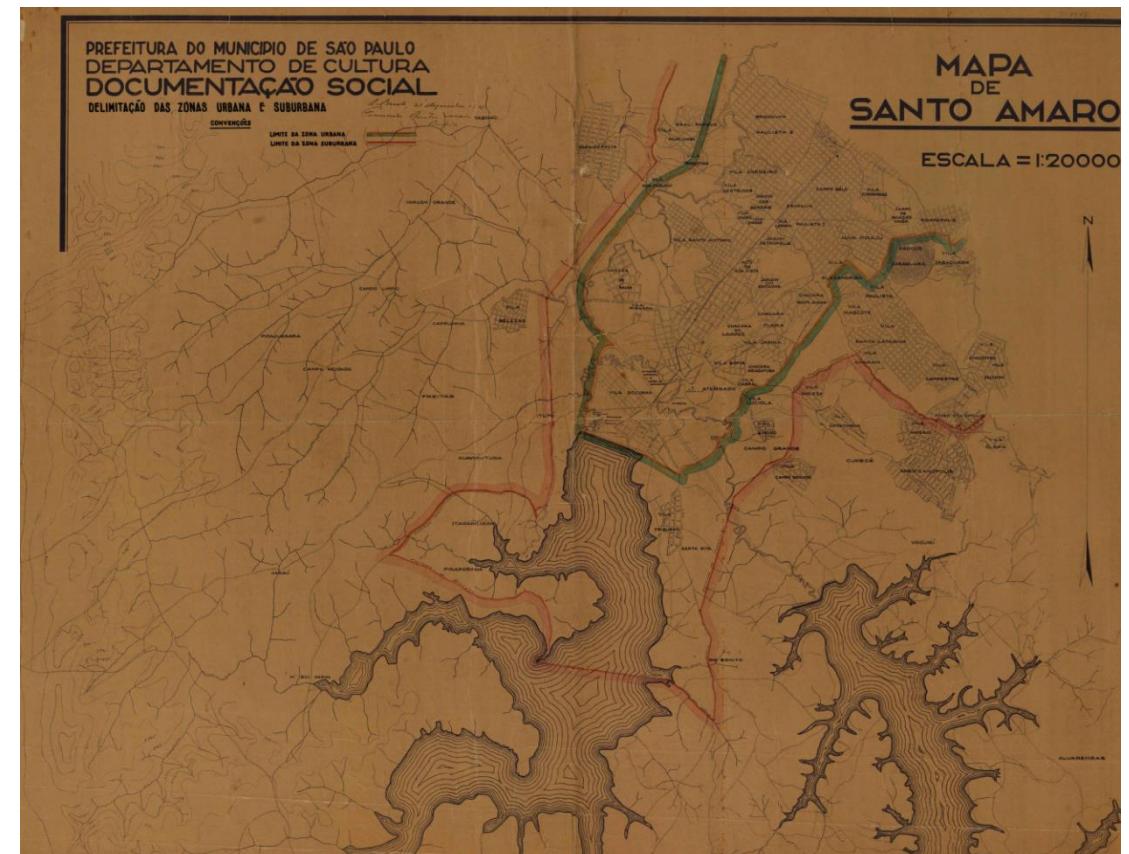
Como já foi dito, a urbanização da zona sul começou ao longo de antigas estradas que cortavam a região. Essas estradas são hoje avenidas, mas guardam ainda seu nome original. Um exemplo é a Estrada de Campo Limpo, que ligava o Largo do Taboão da Serra às terras que depois se transformaram em bairro. O nome Campo Limpo remete à existência de vegetação campestre, que compunha essa área rural formada por fazendas, sítios e chácaras do sertão de Santo Amaro.

Assim, vemos que o mapa da **PRANCHA 15**, serve de contraponto, para mostrar o que era esse espaço, em sua origem. No mapa, não há nitidez para perceber a data, mas, sabendo que ele se refere ao antigo município de Santo Amaro, podemos inferir que ele é anterior a sua anexação por São Paulo, que se deu em 1935, como será visto adiante.

Neste mapa, vemos, apenas, Vila das Belezas como o primeiro loteamento aberto do lado oeste do rio Pinheiros. Observa-se, também, pelo nome dos lugares, o que devia ser o uso rural daquele espaço: Campo Limpo e Campo Redondo remetem ao uso da área como pasto de fazendas, sítios e chácaras.

Nesse mapa é, possível identificar, também, todos os rios da região, uma rica rede de drenagem e as duas Represas do Guarapiranga e Billings.

Parte do Distrito de Campo Limpo tem seus rios seguindo a direção leste, pois são afluentes da Bacia do Guarapiranga e fazem parte da chamada Área de Proteção aos Mananciais. Outra parte dos rios seguem para oeste, desaguando na Bacia do Rio Pirajussara, que faz divisa entre São Paulo e Taboão da Serra.



PRANCHA 15

Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 3: Origem e formação do bairro

Mas porque esses nomes remetem ao uso rural? É preciso lembrar que Santo Amaro, até 1935, não pertencia a São Paulo, era um município autônomo. O centro do município era o atual Largo 13 de Maio, onde havia a sede do poder municipal, a igreja matriz, o Mercado Público, concentrando, assim, a vida urbana. O outro lado do Rio Pinheiros correspondia ao chamado sertão de Santo Amaro, área composta por fazendas, chácaras e sítios, cuja produção agrícola abastecia não somente Santo Amaro, como também o município de São Paulo.

Foi a partir da formação das duas Represas da Light, a Guarapiranga (1907) e a Billings (1927), que toda a região passou a ser valorizada como lugar de recreação e de lazer. Foram instalados clubes náuticos e de campo, além de chácaras de recreio. Iate Clube São Paulo, Iate Clube Santo Amaro, Iate Clube Itália (depois Itaipu), Clube de Campo São Paulo foram alguns desses equipamentos.

Assim, em 1935, a Assembleia Legislativa extinguiu o antigo município de Santo Amaro e anexou-o ao território de São Paulo, com a justificativa de que “dentro do plano geral de urbanização da cidade de São Paulo, o município de Santo Amaro está destinado a constituir um de seus mais atraentes centros de recreio”. O decreto de extinção (Decreto estadual nº. 6.983 de 1935), conforme vemos na **PRANCHA 16**, informa ainda que estavam sendo previstas para fortalecer essa área de recreação a construção de hotéis e estabelecimentos balneários para funcionamento de cassinos.

Transcrição

Decreto no 6988 de 22 de fevereiro de 1935 que extingue o município de Santo Amaro, cujo território passa a fazer parte do município da Capital:

O Doutor Armando de Salles Oliveira, Interventor Federal no Estado de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo decreto federal no 19398 de 11 de novembro de 1930,

Considerando que dentro do plano geral de urbanismo da cidade de São Paulo, o município de Santo Amaro está destinado a construir um dos seus mais atraentes centros de recreio;

Considerando que para a organização desse plano o Estado tem que auxiliar, diretamente ou por ato da Prefeitura, as finanças de Santo Amaro, tanto que desde já declara extinta sua responsabilidade para com o Tesouro do Estado, proveniente do contrato de 18 de julho de 1931, e que muito onera o seu orçamento e dificulta a sua expansão econômica e cultural;

Considerando que, liquida essa dívida as suas rendas poderão ser aplicadas no seu próprio desenvolvimento;

Considerando ainda que o Estado não só se dispõe a incrementar em Santo Amaro, a construção de hotéis e estabelecimentos balneários que permitam o funcionamento de cassinos, como também já destinou verba para melhorar as estradas de rodagem que servem àquela localidade, facilitando-lhe todos os meios de comunicação, rápida e eficiente com o centro urbano;

Decreta:

Art. 1.º – Fica extinto o município de Santo Amaro, cujo território passará a fazer parte do município da Capital, constituindo uma sub-prefeitura, diretamente subordinada à Prefeitura de São Paulo.

Art. 2.º – O subprefeito será nomeado pelo Prefeito da Capital com os vencimentos anuais de 24:000\$000 (vinte e quatro contos de réis);

Art. 3.º – Serão mantidos os direitos dos atuais funcionários da Prefeitura de Santo Amaro, que poderão servir na subprefeitura ora, criada, ou ser reaproveitados na Prefeitura da Capital;

Art. 4.º – Fica o Tesouro do Estado autorizado a cancelar o adiantamento de 500:000\$000 (quinhentos contos de réis); atualmente acrescidos dos juros de 124:658\$600 e que foi feito ao município de Santo Amaro em virtude do contrato de 18 de julho de 1931, abrindo-se para esse fim o necessário crédito;

Art. 5.º – Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de São Paulo, aos 22 de fevereiro de 1935,

ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA

Valdomiro Silveira

Francisco Machado de Campos

Publicado em Secretaria de Estado dos Negócios da Justiça, em 23 de fevereiro de 1935.

PRANCHA 16

Decreto no 6988 de 22 de fevereiro de 1935 que extingue o município de Santo Amaro, cujo território passa a fazer parte do município da Capital:

O Doutor Armando de Salles Oliveira, Interventor Federal no Estado de São Paulo, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo decreto federal no 19398 de 11 de novembro de 1930,

Considerando que dentro do plano geral de urbanismo da cidade de São Paulo, o município de Santo Amaro está destinado a construir um dos seus mais atraentes centros de recreio;

Considerando que para a organização desse plano o Estado tem que auxiliar, diretamente ou por ato da Prefeitura, as finanças de Santo Amaro, tanto que desde já declara extinta sua responsabilidade para com o Tesouro do Estado, proveniente do contrato de 18 de julho de 1931, e que muito onera o seu orçamento e dificulta a sua expansão econômica e cultural;

Considerando que, liquidada essa dívida as suas rendas poderão ser aplicadas no seu próprio desenvolvimento;

Considerando ainda que o Estado não só se dispõe a incrementar em Santo Amaro, a construção de hotéis e estabelecimentos balneários que permitam o funcionamento de cassinos, como também já destinou verba para melhorar as estradas de rodagem que servem àquela localidade, facilitando-lhe todos os meios de comunicação, rápida e eficiente com o centro urbano;

Decreta:

Art. 1.o – Fica extinto o município de Santo Amaro, cujo território passará a fazer parte do município da Capital, constituindo uma sub-prefeitura, diretamente subordinada à Prefeitura de São Paulo.

Art. 2.o – O subprefeito será nomeado pelo Prefeito da Capital com os vencimentos anuais de 24:000\$000 (vinte e quatro contos de réis);

Art. 3.o – Serão mantidos os direitos dos atuais funcionários da Prefeitura de Santo Amaro, que poderão servir na subprefeitura ora, criada, ou ser reaproveitados na Prefeitura da Capital;

Art. 4.o – Fica o Tesouro do Estado autorizado a cancelar o adiantamento de 500:000\$000 (quinhentos contos de réis); atualmente acrescidos dos juros de 124:658\$600 e que foi feito ao município de Santo Amaro em virtude do contrato de 18 de julho de 1931, abrindo-se para esse fim o necessário crédito;

Art. 5.o – Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de São Paulo, aos 22 de fevereiro de 1935,

ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA

Valdomiro Silveira

Francisco Machado de Campos

Publicado em Secretaria de Estado dos Negócios da Justiça, em 23 de fevereiro de 1935.

GLOSSÁRIO

Loteamento: é quando um proprietário de uma grande gleba resolve subdividi-la em terrenos menores, que serão vendidos para a construção de casas. Pela legislação, os loteamentos devem prever a abertura de ruas, a instalação de infraestrutura e a doação de porcentagem do terreno total à prefeitura, para que sejam instalados equipamentos públicos como escolas, creches, posto de saúde e praças. Quando o loteador subdivide a terra em lotes menores para a venda, mas não atende a legislação, isso é considerado loteamento clandestino ou informal.

Especulação imobiliária: é quando o proprietário de um terreno resolve deixar sua propriedade sem uso e sem construção, esperando a valorização imobiliária e aumento de preço, para depois vender mais caro. Nesse caso, o proprietário de terras está fazendo do solo urbano uma reserva de valor e o terreno não está cumprindo a sua Função Social, conforme estabelece a Constituição Federal de 1988, artigo 182. A propriedade cumpre sua função social quando tem um aproveitamento racional e adequado e, também, quando atende a preservação ambiental e observa a regulamentação das relações de trabalho.

Autoconstrução: é o termo usado para se referir à casa construída por conta própria pelo morador, geralmente aos finais de semana e nas folgas do trabalho. Também chamada casa domingueira, essa forma de construção ficou bastante popular, a partir dos anos 1940, em toda a periferia da cidade. Não conta com planta aprovada na prefeitura e nem com arquiteto responsável pela obra. É feita a partir do saber fazer empírico de moradores que são trabalhadores da construção civil, tais como serventes e pedreiros. Feita no sistema de autoajuda, com a família e amigos colaborando.

Vegetação campestre: é uma forma de vegetação em que predominam espécies rasteiras, como as gramíneas.

Light: é a empresa estrangeira, de nacionalidade canadense, que, no início do século XX, ganhou a concessão para fornecer energia elétrica e o transporte de bondes elétricos em São Paulo. Seu nome oficial era *The São Paulo Tramway Light and Power Company*. Em 1901, ela construiu a primeira Usina Elétrica em São Paulo, a usina de Parnaíba, no Rio Tietê. Nos anos 1920, ganhou a concessão para retificar o Rio Pinheiros, ficando também com as terras da várzea como sua propriedade.

Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 3: Origem e formação do bairro

SUGESTÃO DE ATIVIDADES

1) Explorando os conteúdos da PRANCHA 10

Primeira atividade é se localizar no *Google Maps*. Entre no site, digite o endereço da escola no espaço que se encontra no canto superior à esquerda e dê um enter. O mapa onde está a escola vai se abrir marcando a escola com . Pronto, assim você já montou sua PRANCHA 10. Agora identifique o que você conhece perto da escola. Identifique as referências espaciais: comércios, nomes de rua ou de avenida, parques. O que é mais próximo e o que é um pouco mais distante? Qual critério podemos usar para definir o que é mais próximo ou distante?

A proposta é que vocês definam juntos esse critério, a partir da experiência concreta de andar na rua do bairro, tomar ônibus ou ir a pé.

Sugestão para trabalhar conteúdos de matemática é usar barbantes com medidas diferentes: uma maior e outra menor posicionados tendo como centro a escola. Os barbantes servem de parâmetro para indicar o que está mais perto e o que está mais longe. Também é possível usar compassos definindo as zonas mais próximas e as mais distantes.

Segunda atividade é pensar no bairro. Qual é o nome do bairro onde se localiza a escola? Que outros nomes de bairros aparecem?

Há um nome de bairro que consta do endereço, mas no mapa aparece outro nome próximo. Como saber que nome está correto? Qual é o limite entre um bairro e outro? Por que o mapa não mostra isso?

Objetivos:

- Explorar as possibilidades de conhecer o bairro, fomentando o autoconhecimento do aluno em relação à realidade em que vive;
- Ao problematizar o conceito de bairro, as atividades buscam promover a reflexão crítica.

2) Explorando os conteúdos da PRANCHA 11

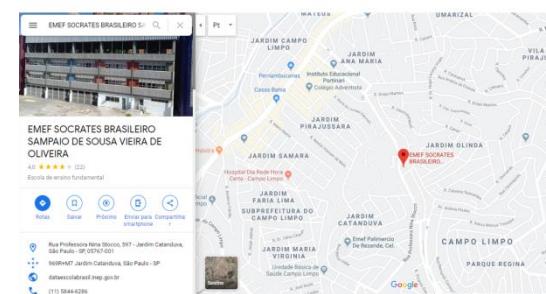
A mesma atividade que foi feita com base na *Google Maps* (PRANCHA 10) pode ser feita com a PRANCHA 11 dos distritos. Primeiro localizando o distrito do Campo Limpo, depois identificando os distritos mais próximos e os mais distantes.

A mesma atividade do barbante ou do compasso pode ser feita nesse mapa.

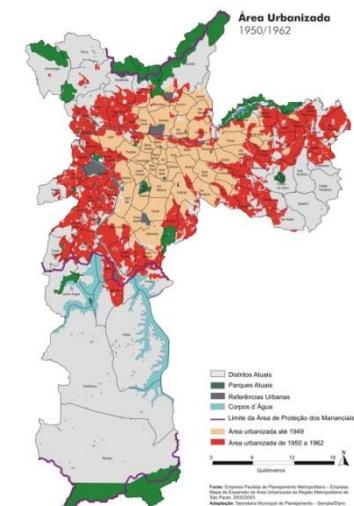
A PRANCHA 11 traz uma importante informação histórica, as cores da legenda indicam os momentos em que se deu a urbanização nestes diferentes distritos. Quais distritos de São Paulo se urbanizaram primeiro (até 1949)? Quais os que se urbanizaram depois (de 1950 a 1962)?

Objetivo:

Partir da realidade do aluno, dos distritos próximos a sua casa e escola, para trabalhar o mapa como linguagem a ser decifrada, com seus códigos e seus significados, explorando, na prática, a própria história da urbanização da cidade em que o aluno mora, São Paulo.



PRANCHA 10



PRANCHA 11

Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA – TEMA 3: Origem e formação do bairro

5) Pesquisando a casa domingueira

A partir da exploração do conteúdo da PRANCHA 14, das fotos e do texto que tratam da moradia na zona sul, de como as casas são construídas, de como o bairro vai crescendo, sugerimos focar essa atividade na questão da produção da casa.

Primeiro, vamos trabalhar com o conteúdo da PRANCHA 14: observar as fotos e descrever o que eles podem ver ali, o que eles acham que está acontecendo. Outra atividade pode ser pesquisar sobre Santo Dias, quem é esse personagem importante da zona sul? A internet dispõe de muitos conteúdos que explicam esse personagem histórico.

Exploradas as fotos, passamos para o trecho da música dos Racionais MCs. O que diz esse trecho? Qual a relação com o que as fotos mostram? Quem são os formadores desse grupo? Eles moram também na zona sul?

Como vimos no texto, a autoprodução da moradia é muito comum nos bairros periféricos de São Paulo. A casa construída pela própria família, nos finais de semana, sem planta de arquiteto, feita à várias mãos, de amigos e parentes, conta com o saber popular. Faz parte das tradições rurais e urbanas do Brasil.

A sugestão é que os alunos pesquisem em suas famílias sobre a construção de suas casas. Quem construiu? Como foi? Quem ajudou? Quanto tempo durou? Que materiais foram utilizados?

Objetivo:

Partindo da realidade vivida pelos alunos, de fotos e trecho de música de grupos locais, pensar sobre as tradições populares brasileiras enraizadas no cotidiano das famílias e, assim sendo, valorizar essa história local, percebendo os moradores como sujeitos. Trabalha-se, assim, o repertório cultural, promovendo o autoconhecimento e autorização ao reconhecer a importância da diversidade e da diferença.



"[...] Milhares de casas amontoadas, ruas de terra. Esse é o morro, a minha área me espera. Gritaria na feira (vamos chegando!) Pode crer, eu gosto disso, mais calor humano. Na periferia a alegria é igual! É quase meio dia, a euforia é geral. É lá que moram os meus irmãos, meus amigos. E a maioria por aqui se parece comigo. [...]"

Fim de semana no parque. Racionais MCs

Santo Dias construiu casas, 1909

Imagem do livro: Santo Dias, A construção da memória (1982-2001), de Carlos Alberto Rodrigues Filho. São Paulo: ED. Iluminata, 2016.



Foto: Racionais MCs, Fim de semana no parque

PRANCHA 14

6) Entendendo a história de Santo Amaro

Como vimos, o território onde se situam os atuais bairros da zona sul de São Paulo constituíam em sua origem outro município, o de Santo Amaro.

Explorando o mapa da PRANCHA 15 vemos uma legenda que indica dois traços, o limite da zona urbana e da zona suburbana. O que fica fora da zona suburbana é possivelmente considerado área rural.

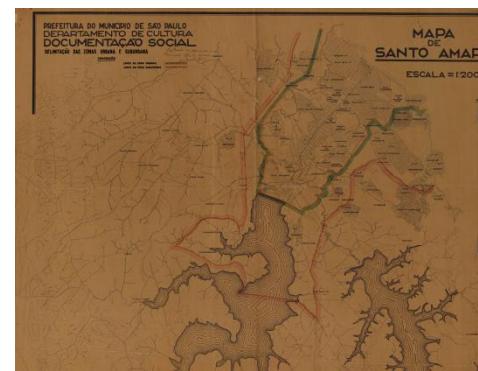
Vamos desenhar o mapa do município de Santo Amaro em sua situação original? Que lugares são definidos como zona urbana? Que bairros são considerados como zona suburbana? Que outros estão fora da zona suburbana e podem constituir a área rural? Onde está Campo Limpo? Pode-se trabalhar esses diferentes conceitos: **urbano, suburbano e rural**. Que usos há em cada uma destas zonas?

Observar a quantidade de rios existentes nessa área que é hoje urbanizada. O que aconteceu com esses rios? Eles existem ainda? Sumiram?

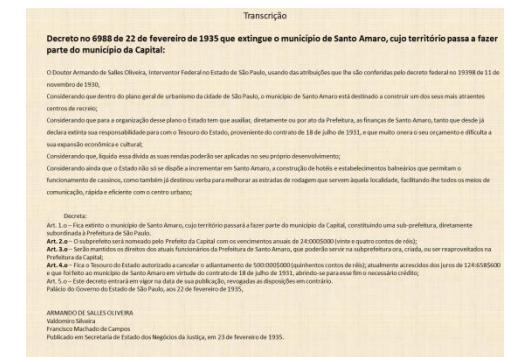
Explorando a PRANCHA 16, os alunos podem dar continuidade a compreensão da história de Santo Amaro. Vamos ler o decreto de extinção do município. Qual a justificativa para a extinção? Explore os conteúdos históricos: o que significava ser “interventor” de São Paulo e por que isso acontecia? O que estava ocorrendo, nesse momento, na história do Brasil? Quais eram os planos do governo para esse território que foi anexado?

Objetivo:

Levar o aluno a compreender as relações existentes entre a história do lugar em que vive com a história do país e do estado de São Paulo. Ao perceber essas relações o aluno pode compreender que ele também faz parte dessa história que está em constante construção.



PRANCHA 15



PRANCHA 16

REFERÊNCIAS

BONDUKI, Nabil. Origens da habitação social no Brasil. Arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

DINIZ, Carlos Alberto N. Santo Dias. A construção da memória (1962-2005). São Paulo: Ed. Alameda, 2016.

SEABRA, Odette Carvalho L. Urbanização e fragmentação. Cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole a partir das transformações do Bairro do Limão. Tese de Livre Docência, Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2003.

APRESENTAÇÃO

O objetivo do tema 4 é refletir sobre as transformações no Campo Limpo desde o início da industrialização e urbanização da zona sul até os dias atuais. Partiremos da concepção de espaço como produto das relações humanas e, portanto, além de analisar as mudanças no uso e ocupação do bairro, abordaremos também questões relacionadas aos movimentos sociais e culturais presentes nesse período, pois estes também compõem e são agentes modificadores do espaço. Esta compreensão é importante para que o aluno se enxergue enquanto sujeito que produz o espaço o qual pertence, logo, possui potencial para transformá-lo.

Sugerimos a leitura do TEMA 3 do presente material para contextualizar o início da formação do bairro e dessa forma construir uma linha de raciocínio linear das mudanças ocorridas nesse espaço.



PRANCHA 6

PONTO DE PARTIDA

Para pensar as transformações ocorridas na morfologia do bairro buscamos na Emplasa fotos aéreas dos anos 1973 (PRANCHA 17) e 2010 (PRANCHA 6) de um recorte do Campo Limpo, localizado a nordeste da delimitação do distrito. Sugerimos que apresentem para os alunos, inicialmente, a foto mais recente para que consigam se localizar e relacionar a foto com suas vivências e conhecimentos do local pois a posterior análise comparativa com a foto de 1973 ficará mais clara visto que os alunos associarão melhor as mudanças do espaço já conhecido.

Como ponto de referência inicial o(a) professor(a) pode apresentar para os alunos o local indicado com um círculo branco à direita na PRANCHA 6, onde atualmente se localiza uma escola municipal no bairro do Campo Limpo, a EMEF Sócrates Brasileiro. A partir daí podem ser encontrados outros locais que os alunos conhecem no entorno dessa escola.

Após esse reconhecimento, pode ser apresentada para os alunos a PRANCHA 17 para compará-la com a foto mais recente, apontando as transformações percebidas em um mesmo terreno, como é exemplo a localização marcada com um círculo branco nas duas pranchas. Sugerimos também a análise de lotes que em 1973 estavam vazios e atualmente estão ocupados, para levar o aluno a questionar o por que dessa mudança. Para entender isso, se faz necessário entender a urbanização e industrialização da zona sul.



PRANCHA 17



PRANCHA 6 – Foto aérea do entorno da escola EMEF Sócrates Brasileiro. Fonte: Emplasa, 2010.



PRANCHA 17 – Foto aérea do que, futuramente, será o entorno da escola EMEF Sócrates Brasileiro. Fonte: Emplasa, 1973.

URBANIZAÇÃO E INDUSTRIALIZAÇÃO DA ZONA SUL

A partir de 1950 inicia-se a formação dos bairros na zona sul. Essa urbanização ocorre pela oferta de empregos na área industrial que atraiu os trabalhadores para lá, resultado da instalação, na década de 1940, de grandes e modernas fábricas ao longo dos distritos de Campo Grande (bairro de Jurubatuba) e de Socorro, formando assim o Parque Industrial de Santo Amaro. Empresas como a Caloi, a Monark e a Semp foram as primeiras a se instalar nas proximidades do Rio Pinheiros. Eram grandes linhas de produção que necessitavam de muita mão de obra atraindo trabalhadores pela oportunidade de emprego. Em 1957, a instalação da ferrovia, o ramal Jurubatuba da antiga Estrada de Ferro Sorocabana (atual Linha 9 CPTM), também fortaleceu essa vocação de região operária industrial.

Do início da industrialização, até 1938, estavam instaladas na zona sul onze empresas. No final da década de 1960, o Parque Industrial de Santo Amaro já era a mais importante região industrial da cidade de São Paulo. Metalúrgicas, mecânicas, químicas e plásticas eram os ramos predominantes na área industrial (COELHO, 2007).

São Paulo foi escolhido como centro da industrialização brasileira, principalmente, por já possuir uma infraestrutura mínima por conta do café - principal produto comercializado até então - e também devido ao fato da maioria dos investidores serem ex-cafeicultores paulistas. Portanto, a migração de trabalhadores para as indústrias paulistas teve origem de outras regiões do país onde havia menos oferta de empregos e maior expropriação das terras, sendo mais frequente as de origem dos estados do Nordeste. E, como já dito anteriormente, visto que a zona sul era um dos principais polos industriais da cidade de São Paulo, os trabalhadores que ali se instalaram vieram em sua maioria da região Nordeste.

Além do crescimento do emprego é importante lembrar a situação dos trabalhadores. Sob o governo militar, nos anos 1970, foi produzido um intenso arrocho salarial que contrastava com a ampliação da lucratividade das empresas, fase conhecida como “milagre brasileiro”. Os salários foram sofrendo rebaixamento em função da manipulação, pelo governo militar, dos índices de inflação, em 1973, que reduziu a reposição salarial. Ao mesmo tempo, o movimento operário e sindicalista era impedido de se organizar e se manifestar, publicamente, pelas forças de repressão da ditadura militar.

Mesmo nessa condição, os trabalhadores foram se organizando por meio da Oposição Sindical Metalúrgica, da Pastoral Operária e nos movimentos de bairro.

ALÉM DA OCUPAÇÃO: REAÇÕES E EXPRESSÕES DOS MORADORES

Movimentos Sociais

As duras condições de vida enfrentadas pelos primeiros moradores dos bairros da zona sul levaram a organização e mobilização social. Foi esse importante movimento de bairro que conquistou as melhorias que conhecemos hoje na zona sul: asfalto e iluminação pública nas ruas, transporte coletivo, posto de saúde, escolas e creches.

Um desses movimentos muito importantes foi o **Clube de Mães**, que teve seu início na Vila Remo a partir de 1972. Eram grupos de mulheres que se organizaram a partir das igrejas católicas existentes na região, e que debatiam sobre a inflação e o aumento dos preços dos alimentos, a falta de escolas, creches e transporte, a criação dos filhos e filhas, a situação do custo de vida com os salários arrojados de modo geral. Esses clubes geraram o **Movimento Custo de Vida**, que contestou os anos de arrocho salarial que deixavam os trabalhadores com muitas dificuldades, pois os salários não acompanhavam suas reais necessidades (MONTEIRO, 2017). A PRANCHA 18 ilustra uma foto do fruto desse movimento, em que mulheres se organizaram para escrever uma carta sobre os problemas do custo de vida e foram à Brasília entregá-la para a presidência .

Os Clubes de Mães foram embriões da luta nos bairros, nos anos 1970 e 1980, destacando-se pelo protagonismo das mulheres, que em conjunto com trabalhadores organizados e mobilizados por melhores salários e condições de vida fizeram surgir na zona sul um importante movimento popular que conquistou melhorias para os bairros. Apesar da existência de clube de mães e outros movimentos similares em outras regiões do país, nenhum teve tanta importância e repercussão como o Clube de Mães da Zona Sul de São Paulo, articulado com as CEB's, a Oposição Metalúrgica e a Pastoral Operária (SADER, 2010) .

No **movimento dos trabalhadores** se destaca uma importante liderança, o **operário Santo Dias**, que fazia parte da Oposição Sindical Metalúrgica e atuava no bairro a partir da Pastoral Operária. Santo Dias nasceu no interior paulista, foi trabalhador do campo migrando para São Paulo como muitos operários moradores da zona sul e trabalhou como metalúrgico. Foi assassinado em 1979 por policiais militares, em frente à Indústria Sylvania, enquanto entregava folhetos na porta da fábrica. Símbolo da luta dos trabalhadores, Santo Dias tem sua memória marcada em nome de muitos logradouros públicos como o Parque Santo Dias, no Capão Redondo. São 41 lugares no Brasil que carregam o nome de Santo Dias, incluindo logradouros em Fortaleza (CE), Porto Alegre (RS) e Manaus (AM). Esse ano de 2019 marca quarenta anos do assassinato de um trabalhador que lutava por melhores condições de vida (ANTONINI, 2016).



PRANCHA 18

Observação

Para saber mais sobre o Clube de Mães buscar o Centro de Documentação e Memória da UNESP, que possui parte do acervo digitalizado.



PRANCHA 18: Comissão do Movimento Custo de Vida encarregada da entrega de abaixo-assinado em Brasília em 1978 – Foto: Movimento (suplemento Assuntos, set./1978)

Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 4: Transformação no bairro

Um exemplo de movimento mais recente é a **União Popular de Mulheres do Campo Limpo e Adjacências (UPM)**, fundada em 1987 a partir da mobilização de um grupo de mulheres de diversos bairros da região que, desde os anos 1970, se organizou para reivindicar do poder público a atenção para os graves problemas que havia na região como verminoses, desnutrição, mortalidade infantil, falta de creches, postos de saúde, escolas, entre outras carências de serviço público. Atualmente garante a continuidade de suas ações através de campanhas de arrecadação de fundos e se faz presente em vários segmentos da comunidade, desenvolvendo atividades e iniciativas visando à emancipação da mulher, a igualdade nas relações sociais e de gênero, e a plena realização dos direitos sociais, econômicos, políticos, ambientais e culturais.

Expressões Culturais

As expressões culturais na zona sul se destacam em 1990 e 2000, reflexo, principalmente, das influências dos movimentos de bairro anteriores à essa data que tiveram importante papel de conscientização da população. Enxergando, entre outras questões, as injustiças na falta de equipamentos urbanos nos bairros da zona sul, como a inexistência de bibliotecas e cinemas, muitos se inspiraram para promover atividades culturais autônomas, colocando os bairros marginalizados como foco da narrativa.

No Campo Limpo, **Sarau do Binho** se destaca na promoção de atividades culturais na região. “Apresenta na atualidade uma mistura de território de contestação, declamações de poemas, apresentações de teatro, diálogos, debates, discussões e a festiva ciranda que encanta os participantes veteranos, anima e aproxima os visitantes recentes, formando um público eclético e assíduo pela qualidade das exibições” (DUARTE, 2016). Teve sua origem na década de 90 nos encontros entre amigos no Bar do Binho, chamados “Noite de Vela”, onde escutavam músicas de todo o mundo à luz de velas; e a partir da construção de laços de amizade nesse espaço surgiram inspirações como as iniciativas “Postesia”, em que grupos de amigos retiravam placas de candidatos em campanha e substituíam-nas por poesias, e “Postura”, em que frequentadores do bar produziam telas pintadas para expor na rua do Campo Limpo e nos postes da cidade. Também havia música, como a Banda do Varal - atualmente chamada Veja Luz - que fazia um reggae que reunia cerca de 500 pessoas na frente do bar. Frente à essa multiplicidade de linguagens artísticas, em 2004 foi sistematizado o Sarau do Binho porém em outro local, todas às segundas-feiras havia poesias, produções de fanzines, de eventos, grupos de teatro, dança, mostra de filmes e vídeos, debate, empréstimos de livros etc. Em 2012, o bar é fechado e, atualmente, as atividades do sarau ocorrem no Espaço Clariô na cidade de Taboão da Serra. Robinson Padial, conhecido como Binho, promoveu outras iniciativas de promoção cultural e é reconhecido nacional e internacionalmente. Em 2013 foi publicado um livro sobre o sarau que reuniu poesias de 179 autores da região da zona sul.

Na PRANCHA 19 selecionamos um poema presente no livro Sarau do Binho que sintetiza em forma de poesia as experiências lá vividas.

Nas noites de segunda

Codinome Shil

Nas noites de segunda, lá no Sarau do Binho
Pensadores, ativistas
Militantes e artistas
Traçam seu próprio caminho

Lugar que sempre fiz questão de chamar de sagrado
Lá tomei muito vinho, bebinho tomava até enquadrado
Vi teatro de arena, cordel e dança de coco
Me expressei, sorri cantei e não foi pouco

É nas noites de segunda
A mente aberta se deslumbra
Há quem diga que essa conduta é vagabunda
Uma visão reacionária de quem nunca se aprofunda
Prefere tentar se encaixar nessa sociedade imunda

Mentes pensantes reunidas sempre causam pânico no sistema
Que viu problema
É uma pena
Se assustou com o poema
Do pequeno e da pequena
Mas a única coisa que roubamos é a cena
E quem quiser temer que tema
Meu povo nunca parou na algema
O dilema
Esbarra sempre no mesmo problema
Dinheiro, esquema.

Nas noites de segunda

Codino me Shil

Nas noites de segunda, lá no Sarau do Binho
Pensadores, ativistas
Militantes e artistas
Traçam seu próprio caminho

Lugar que sempre fiz questão de chamar de sagrado
Lá tomei muito vinho, bebinho tomava até enquadro
Vi teatro de arena, cordel e dança de coco
Me expressei, sorri cantei e não foi pouco

É nas noites de segunda
A mente aberta se deslumbra
Há quem diga que essa conduta é vagabunda
Uma visão reacionária de quem nunca se aprofunda
Prefere tentar se encaixar nessa sociedade imunda

Mentes pensantes reunidas sempre causam pânico no sistema
Que viu problema
É uma pena
Se assustou com o poema
Do pequeno e da pequena
Mas a única coisa que roubamos é a cena
E quem quiser temer que tema
Meu povo nunca parou na algema
O dilema
Esbarra sempre no mesmo problema
Dinheiro, esquema.

Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 4: Transformação no bairro

Outra iniciativa de promoção de cultura na zona sul de São Paulo é a **Cooperifa**, uma cooperativa que em 2001 surgiu, assim como o Sarau do Binho, a partir de ideias construídas em encontros em um bar, – este, no caso, o bar Zé Bastião. Foi responsável pela **Semana de Arte Moderna da Periferia**, realizada em 2007, em que reuniu 300 artistas ligados a grupos de literatura, teatro, dança, música e produtoras/coletivos de cinema em escolas e centros culturais na zona sul de São Paulo. Atualmente, como é descrito no site da Cooperifa, realizam Cinema na laje, Chuva de livros, Várzea poética, Poesia no ar, Ajoelhaço, Natal com livros, Mostra cultural, Sarau nas escolas, Canja poética, entre outras intervenções culturais na zona sul da cidade.

Na criação de bibliotecas de atividades artísticas, temos como representação também o movimento cultural **1daSul (Somos todos um pela dignidade da zona sul)**, criado em 1999 e responsável pela criação de bibliotecas comunitárias e atividades artísticas no distrito do Capão Redondo.

Como expressão cultural não pode ser ignorada a presença dos artistas ligados ao hip-hop, os **rappers**. Estes retratam a realidade das periferias, denunciando as injustiças que sofrem e reafirmando com orgulho quem são e onde moram. Traduzem em música a visão sobre “ser da periferia” que significa participar de um estado de coisas, que inclui tanto uma capacidade para enfrentar as duras condições de vida, quanto pertencer a redes de sociabilidade, a compartilhar certos gostos e valores. (BORELLI, 2012).

Um relevante exemplo de rappers da zona sul de São Paulo são os **Racionais MC's**, que desde 1988 retratam a realidade das periferias no que tange a violência policial, preconceito racial, criminalidade e miséria, e são responsáveis pela difusão e notoriedade do rap brasileiro. É um grupo composto pelos rappers Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay.

Na PRANCHA 20 apresentamos alguns versos da música Fim de semana no parque, composta em 1993 pelos Racionais MC's. Podemos observar o sentimento de pertencimento e ao mesmo tempo denúncias das condições de vida da periferia da zona sul, como é retratado nos versos “É lá que moram os meus irmãos, meus amigos / E a maioria por aqui se parece comigo” e “Polícia, a morte, polícia socorro/ Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo/Pra molecada frequentar, nenhum incentivo”.

Observação

A Agenda Cultural da Periferia, criada em 2011, possui publicações mensais sobre os eventos culturais que vão ocorrer nas periferias da Grande São Paulo e/ou por artistas das periferias. É um instrumento interessante de divulgação para que os alunos saibam o que está acontecendo em seu bairro e está disponível em plataforma online no site <http://www.agendadaperiferia.org.br/>

Fim de semana no parque – Racionais MC's

(...)

Milhares de casas amontoadas, ruas de terra
Esse é o morro, a minha área me espera
Gritaria na feira (vamos chegando!)
Pode crer, eu gosto disso, mais calor humano
Na periferia a alegria é igual
É quase meio dia, a euforia é geral
É lá que moram os meus irmãos, meus amigos
E a maioria por aqui se parece comigo
E eu também sou bam-bam-bam e o que manda
O pessoal desde às 10 da manhã está no samba
Preste atenção no repique e atenção no acorde
(Como é que é Mano Brown?) Pode crer, pela ordem

A número, número um de baixa renda da cidade
Comunidade Zona Sul é dignidade
Tem um corpo no escadão, a fiazinha desce o morro
Polícia, a morte, polícia, socorro
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar, nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso

(...)

Fim de semana no parque – Racionais MC's

(...)

Milhares de casas amontoadas, ruas de terra
Esse é o morro, a minha área me espera
Gritaria na feira (vamos chegando!)
Pode crer, eu gosto disso, mais calor humano
Na periferia a alegria é igual
É quase meio dia, a euforia é geral
É lá que moram os meus irmãos, meus amigos
E a maioria por aqui se parece comigo
E eu também sou bam-bam-bam e o que manda
O pessoal desde às 10 da manhã está no samba
Preste atenção no repique e atenção no acorde
(Como é que é Mano Brown?) Pode crer, pela ordem

A número, número um de baixa renda da cidade
Comunidade Zona Sul é dignidade
Tem um corpo no escadão, a fiazinha desce o morro
Polícia, a morte, polícia, socorro
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar, nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso

GLOSSÁRIO

EMPLASA: Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano, uma instituição pública de capital misto vinculada à Secretaria Estadual de Governo, responsável pelo planejamento regional e metropolitano do Estado de São Paulo e pela realização de estudos e produtos cartográficos para diversos fins, que podem ser adquiridos via compra ou gratuitamente caso a utilização tenha objetivos didáticos ou de pesquisa. Atualmente está extinta pela lei nº 17.056 de 05 de junho de 2019, criada pelo governador João Doria.

Linha de produção: É uma forma de produção em série, que ocorre nas fábricas, em geral grandes estabelecimentos. Essa forma de produção caracteriza-se por ter operários especializados em funções específicas, desempenhando tarefas repetitivas e de forma sequencial, o que se dá por meio do uso de uma esteira rodante que ao se movimentar encadeia as tarefas individuais sucessivas numa cadência regular de trabalho que é controlada pela direção da fábrica. Assim, o ritmo do trabalho é dado pela esteira e os operários fazem número limitado de gestos que são repetitivos que somados resultam na produção das peças finais.

Expropriação das terras: é a expulsão dos trabalhadores rurais mais vulneráveis que se dá no campo brasileiro em função da concentração fundiária nos latifúndios ou em função da valorização das terras que tornam inviável a permanência dos mais pobres no campo.

CEB's: as Comunidades Eclesiais de Base são pequenos grupos organizados em torno da paróquia por iniciativa de padres, bispos ou leigos. Reúnem pessoas da mesma fé, congregadas em torno da Igreja Católica e voltadas a um trabalho popular. As CEBs foram importantes núcleos de organização popular da periferia durante a ditadura militar, questionando as causas da pobreza e desigualdade social.

Oposição Sindical Metalúrgica: é resultado de uma organização de base de vários grupos que faziam a resistência operária e que tem suas origens na criação de uma chapa de oposição dentro do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, em 1967-68. A Oposição Sindical fazia o trabalho de organização dos operários nas fábricas, questionando a política salarial de arrocho do governo militar e por isso vários trabalhadores foram perseguidos, presos e torturados durante a ditadura (Fonte: Investigação Operária empresários, militares e pelegos contra os trabalhadores. Conselho Político do Projeto Memória da OSM-SP. São Paulo, 2014)

Pastoral Operária: como parte da ação pastoral da Igreja Católica, a Pastoral Operária atua entre os trabalhadores buscando a defesa do direito ao trabalho e a cidadania. Durante a ditadura militar a Pastoral desenvolveu importante ação reunindo operários e religiosos em busca do fortalecimento das lutas no trabalho e no bairro.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

1) Linha do tempo criativa

Dado que a série didática corresponde às transformações no bairro, sugerimos que os alunos construam uma linha do tempo para representar a sequência cronológica das mudanças estudadas e percebidas. E, para que o aluno trabalhe sua autonomia nos estudos, propomos que além das aulas sejam feitas duas atividades antes da confecção da linha do tempo:

- **Entrevistas com funcionários da escola e moradores dos entornos**

Aqui os alunos, individualmente ou em grupo, vão entrevistar pessoas que possuam uma maior vivência no bairro para que eles possam perguntar sobre suas percepções à cerca das mudanças do local que vivem e/ou trabalham. Não é necessário um roteiro, o importante é o aluno conduzir a conversa naturalmente, mas sugerimos que as seguintes questões sejam feitas (mas não apenas elas):

1. Há quanto tempo você mora/trabalha aqui? E, caso apenas só trabalhe no bairro, onde mora atualmente?
2. Onde você morava antes daqui?
3. Mudou muito o lugar que você mora/trabalha? Como?
4. Você acha que aqui é um bom lugar para morar/trabalhar? Acha que algo pode ser melhorado?

- **Trabalho de campo**

Esta atividade deve ser feita em grupo, entre 3 e 5 pessoas. Propomos que seja a última etapa antes da confecção da linha do tempo, para que os alunos observem com um conhecimento prévio os entornos da escola e adquiram uma compreensão mais ampla desse espaço. Como nosso objetivo é também treinar a autonomia dos alunos, sugerimos que a partir dos conhecimentos das aulas e das entrevistas que fizeram, eles mesmos construam um roteiro de lugares para visitar, com auxílio da foto aérea de 2010 (PRANCHA 6) e de um mapa com nomes das ruas impresso, para que não se percam – este pode ser retirado do Google Maps e, se possível, impresso na sala de informática da escola.

Para orientar o olhar geográfico dos alunos, sugerimos que observem as pessoas que ocupam o espaço delimitado por eles e qual suas relações com ele (trabalho, diversão, compras), os equipamentos urbanos ali presentes (postes de luz, escolas, hospitais, asfaltamento, lugares para lazer), se há comércios e/ou residências e como é a morfologia das ruas e seus respectivos nomes.

- **Confecção da linha do tempo**

Após essas etapas, os alunos devem fazer em grupo, de preferência com pessoas diferentes das que os acompanharam no trabalho de campo e nas entrevistas, a linha do tempo criativa. Em papel de Kraft (ou qualquer outro material disponível na escola o qual o aluno possa desenhar) os alunos devem apresentar suas impressões acerca das transformações no bairro da escola de maneira cronológica via colagens, desenhos, fotos, qualquer instrumento que julgarem importante. No final, apresentar em sala de aula, explicando sua arte.

Objetivos:

- Desenvolver habilidades de percepção dos significados e histórias do que cercam os alunos, bem como comunicação;
- Incentivar o potencial criativo, ao colocar no papel aquilo que viu, ouviu e compreendeu.

Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 4: Transformação no bairro

2) Surgimento e expansão do Jardim Olinda (atividade indicada pela Profa. História para o 9ª)

A pergunta norteadora é: quais os principais problemas enfrentados pelos moradores do Jardim Olinda?

Justificativa: Buscar as origens do bairro onde moramos, analisar seu crescimento e expansão e identificar os principais problemas enfrentados diariamente pelos moradores, para conhecermos nossa história, para buscarmos melhorias, para cobrarmos o poder público e intervirmos como cidadãos críticos e conscientes de que nossa atuação pode melhorar o local em que vivemos.

Passo-a-passo:

- Formação de grupos compostos por 4 alunos;
 - Definir qual tema cada grupo irá pesquisar;
 - Definir a primeira data de entrega da pesquisa;
 - Estabelecer cronograma para digitação e elaboração de slides
- Este projeto de pesquisa tem como objetivos:
- Compreender o processo de formação do bairro nas décadas de 1950/1960;
 - Analisar o seu processo de crescimento e expansão ao longo dos anos;
 - Identificar os principais problemas enfrentados pelos moradores;
 - Apontar os equipamentos públicos de que a população carece;
 - Atuar para conquistar melhorias locais.

3) Mapear as transformações do bairro.

As transformações no bairro são vividas e sentidas por seus moradores de formas diferentes. Intervenções como construção de prédios na margem do córrego, alterações na infraestrutura do bairro, novos moradores que chegam nos condomínios fechados, o trânsito que se intensifica nas ruas, estes são alguns exemplos de fatores que modificam a vida e as relações com o espaço, trazendo novas experiências que podem ser positivas e benéficas, como também sentidas de forma negativa. Assim sendo, mapear as transformações do bairro a partir da vivência de cada um permite compreender esses diferentes pontos de vista.

A proposta aqui é partir do seguinte trecho da obra de Rubem Alves intitulada “Os mapas” (In: Sobre o tempo e a eternidade, Campinas: Ed. Papyrus, p.125):

“ Assim são meus mapas. Olho para vastos espaços. Identifico rios, montanhas, mares e cidades. Não me dizem coisa alguma. Não me produzem nenhum riso. Mas há poucos lugares que brilham como estrelas. São lugares onde moram pessoas que eu amo. Ou lugares onde eu fui feliz, vi a beleza, experimentei o mar. Cada um tem um mapa que é só seu.”

Sugere-se uma leitura coletiva do trecho, uma roda de conversa com os alunos para pensar nas questões a seguir e uma finalização com um desenho de mapa em papel kraft:

- Em primeiro lugar: quais os lugares da minha infância? Onde eu brincava? Por quais ruas eu circulava? Que lugares estão na minha memória, como aqueles que Rubem Alves no diz? Desenhe no kraft esse mapa que é só seu, apontando esses lugares de sua memória.
- Em segundo lugar: o que aconteceu nesses lugares? Eles ainda permanecem iguais? Houve mudanças? Levantar quais as mudanças que eles sentem na vida do bairro e como eles avaliam, se é positiva ou se é negativa.

Em seguida, o(a) professor(a) pode apresentar as PRANCHAS 6 e 17, fotos aéreas do bairro de 2010 e 1973 respectivamente, para os alunos refletirem sobre as mudanças na ocupação do bairro. O(a) professor(a) pode também trazer também a PRANCHA 19, poema apresentado no Sarau do Binho, para refletirem sobre as outras maneiras de construir e transformar o espaço além das ocupações – através da cultura, por exemplo.

A partir dessa atividade desencadeadora de reflexão, cada aluno vai montar um mapa que é só seu.

Objetivos:

- Trabalhar questões relacionadas à memória do bairro, buscando identificar as relações afetivas e identitárias construídas na vivência dos alunos no espaço;
- Refletir criticamente sobre as mudanças que ocorrem na cidade e nos bairros e o seu impacto na vida social. Por fim, a realização do mapa é um exercício de síntese e de representação visual das questões identificadas.

REFERÊNCIAS

ANTONINI, Anaclara Volpi. **Lugares de memória da ditadura militar em São Paulo e as homenagens ao operário Santo Dias da Silva**. Dissertação (Mestrado) em Geografia – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

COELHO, Maria Nelba G. **O movimento sindical metalúrgico na zona sul de São Paulo: 1974 a 2000**. Tese (Doutorado) em História Social - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007

DUARTE, Diego Elias Santana. **Sarau do Binho VIVE! Identidades alteradas e o sarau como processo de identificação Periférica**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MONTEIRO, Thiago Nunes. **Como pode um povo vivo viver nesta carestia**. O Movimento o Custo de Vida em São Paulo (1973-1982). São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2017.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**. Experiências e luta dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

APRESENTAÇÃO

A proposta nessa parte é discutirmos sobre o bairro e o distrito do Campo Limpo hoje. Nesse sentido, nos apoiaremos em alguns dados que ganham representação através dos mapas, mas também a ideia é que convidemos os alunos a construir esse retrato do bairro hoje a partir da perspectiva deles. Nosso percurso sugerido é iniciarmos o debate sobre os dados mais recentes sobre o bairro, seguirmos discutindo como especialmente em relação aos equipamentos de cultura, existem divergências nessas representações cartográficas, e, por fim, refletirmos como os mapas são importantes para conhecermos o território - e como nós mesmos podemos ser produtores deles.

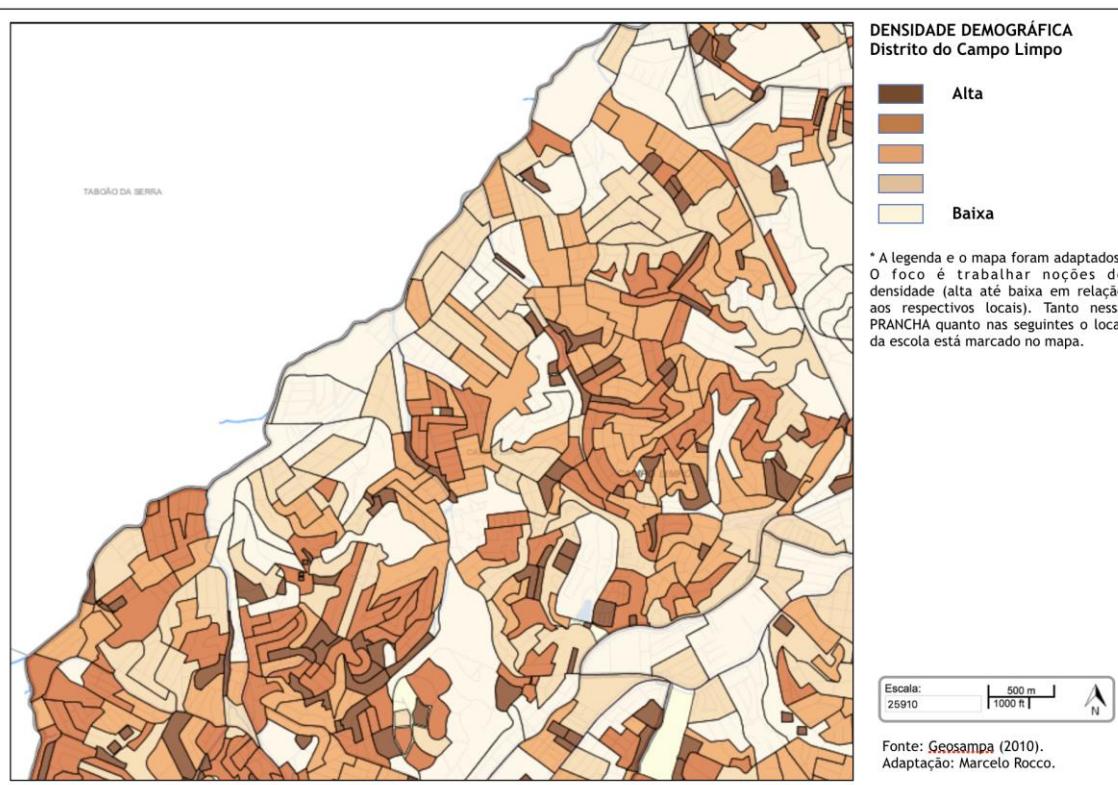
A proposta aqui é conhecermos o bairro e o distrito hoje através dos dados, mas também evidenciarmos que nós mesmos somos produtores de dados e precisamos construir nossa própria representação sobre o território que vivemos. A cartografia é uma forma de conhecimento do mundo.

CONCENTRAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO DO CAMPO LIMPO: DENSIDADE DEMOGRÁFICA

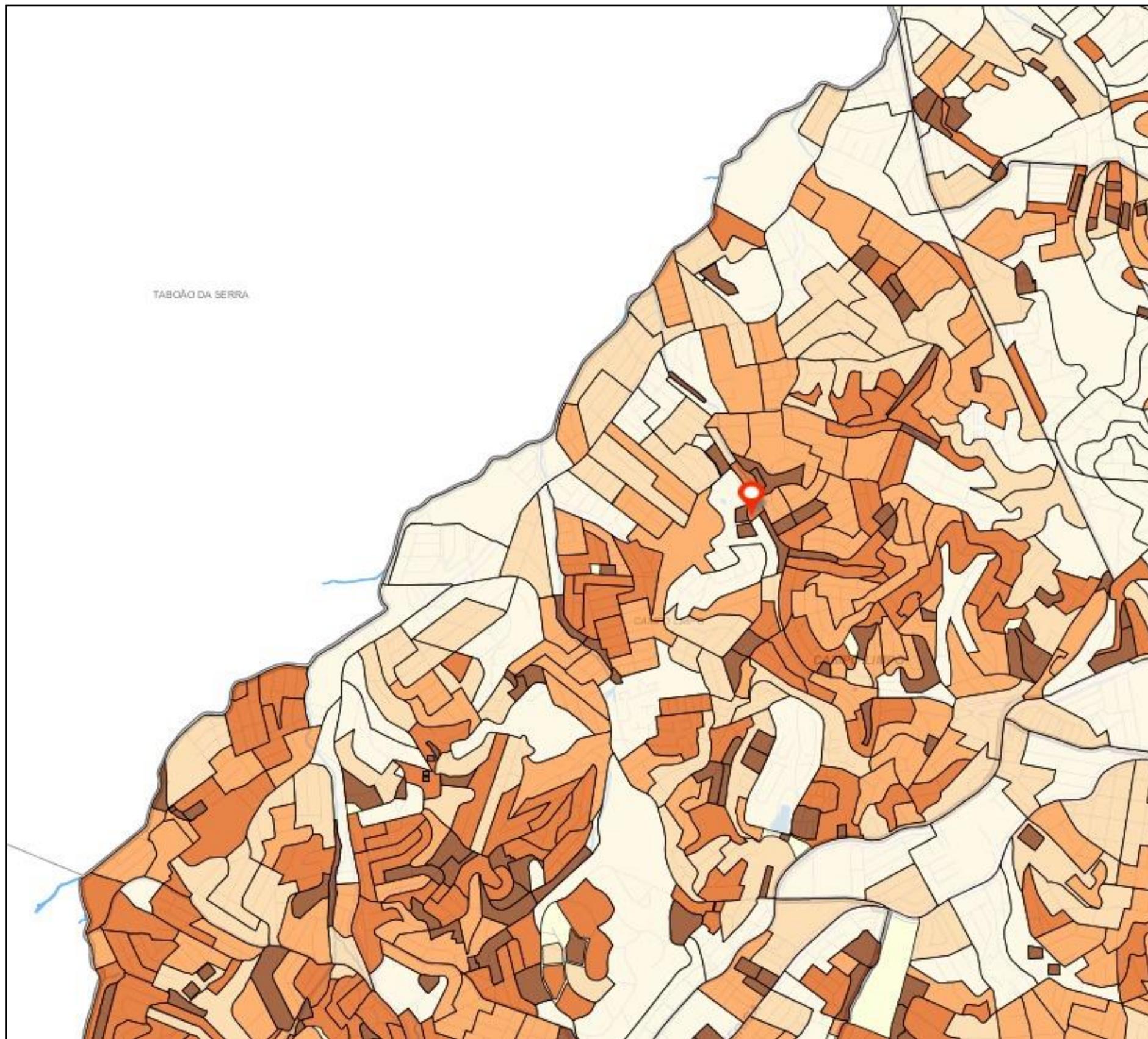
Na **PRANCHA 21** vale destacar que podemos reconhecer tonalidades diferentes daquilo que está indicado. O que elas significam? Considerando que o mapa trata de densidade demográfica o que as diferentes tonalidades indicam? - vale perguntarmos aos alunos.

Caso nenhum saiba, tente estimular. Uma sugestão é pedir para que os alunos fiquem em pé na sala e se distribuam tal como queiram. Assim, buscamos reconhecer o acúmulo de pessoas nos diferentes pontos da sala. Se buscamos representar isso, poderíamos optar como na imagem em pintar os locais com maior número de pessoas ou menor, nos utilizando com mais ou menos intensidade de cor - tal como na **PRANCHA 21**. *Destaque que tal como nesse mapa, a ideia é a mesma, a densidade demográfica está representada assim, ou seja, existem locais em nosso distrito que mais pessoas moram por metro quadrado, do que em outros, o que gera essa variação de cor. A proposta seria explicar como se constrói a representação da densidade demográfica no mapa.*

Mas, o que faz com que as pessoas morem entre um local e outro para mais pessoas viverem nele? Olhando pelo mapa vocês conseguem reconhecer onde estamos e o que está ao nosso redor? Localize a escola. Assim, destaque que existem locais de moradia que possuem um acúmulo maior de pessoas por área, e outros locais com outros usos, logo, menos pessoas.



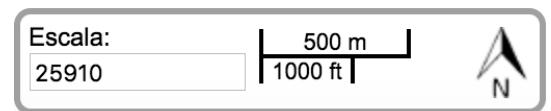
PRANCHA 21



DENSIDADE DEMOGRÁFICA
Distrito do Campo Limpo



* A legenda e o mapa foram adaptados. O foco é trabalhar noções de densidade (alta até baixa em relação aos respectivos locais). Tanto nessa PRANCHA quanto nas seguintes o local da escola está marcado no mapa.



Fonte: Geosampa (2010).
 Adaptação: Marcelo Rocco.

PRANCHA 21 – Densidade Demográfica no Distrito do Campo Limpo

Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 5: O bairro hoje

USO E APROPRIAÇÃO DO SOLO URBANO

Quais os usos do espaço que vemos no bairro que vivemos? Como o espaço é usado? - essa é a questão. Podemos observar casas de moradia, prédios, lojas, supermercados, estações de metrô, etc. - podemos observar isso enquanto estamos andando na rua. A sugestão é o professor trazer para a reflexão aquilo que está sendo tratado na sala de aula, a experiência dos pés nas ruas, o que vivenciamos no nosso dia a dia.

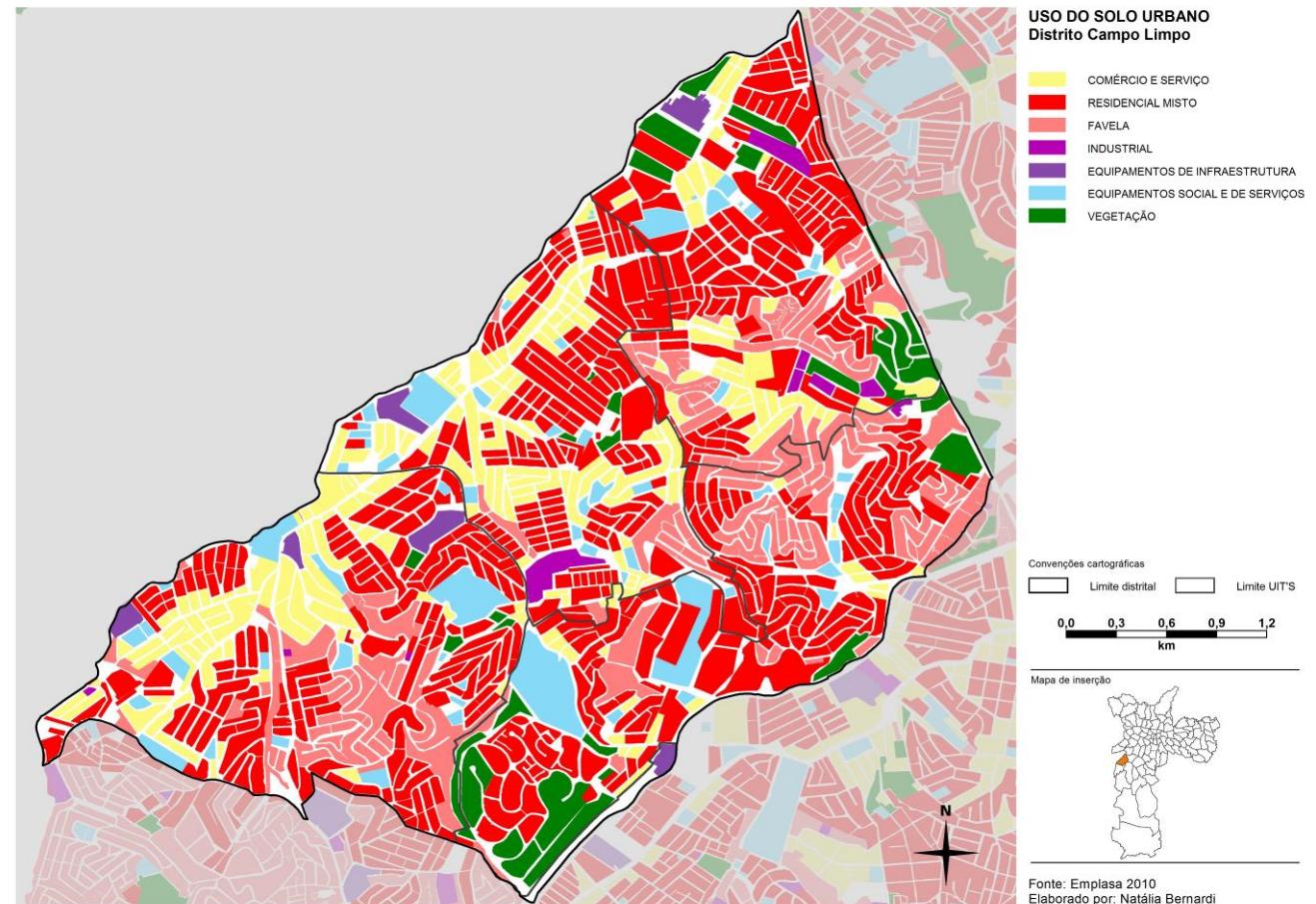
Quando observamos a **PRANCHA 22** podemos perceber uma gama de cores. Oriente os alunos a contarem quantas cores vemos no mapa (7). Cada uma dessas cores representam uma informação sobre esse distrito que vive nos contando um pouco sobre os usos e apropriações do solo urbano. Leia a legenda (comércio e serviço, residencial misto, favela, industrial, equipamentos de infraestrutura, equipamento social e de serviços, vegetação).

A partir daquilo que observamos no mapa, o distrito do Campo Limpo tem seu solo ocupado principalmente por residências, tanto residências mistas, quanto favelas - representadas pela cor vermelha. A segunda cor mais recorrente é o amarelo, indicando forte ocupação também de comércios e serviços – percebam, principalmente, as margens da Estrada do Campo Limpo.

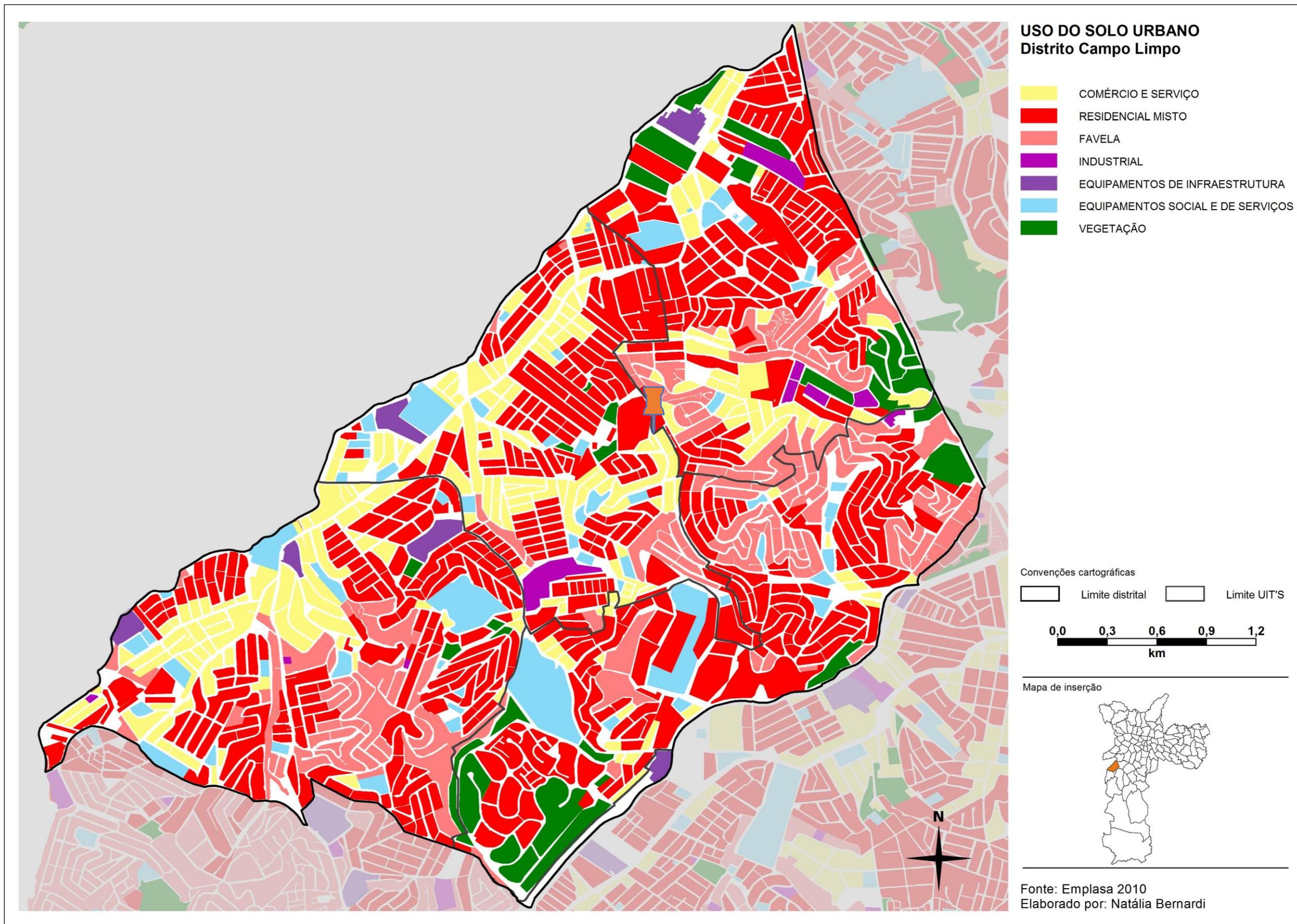
Depois, podemos observar o azul claro, que representa equipamentos social e de serviços, seguido pela cor verde que representa áreas de vegetação tais como parques. Por fim, vemos equipamentos de infraestrutura, tais como estações de metrô, terminais de ônibus, etc. e na sequência indústria. Nesse sentido, importante frisar para os alunos que nosso distrito é composto principalmente por residências e comércio, e a partir do mapa conseguimos observar que é baixa a atividade industrial.

Entretanto, vale ressaltar que todo mapa afirma, mas também oculta informações. No caso da **PRANCHA 22**, aquilo que está indicado como residência mista, o termo “mista” indica também a variação de usos que esses próprios espaços possuem. Isso porque, como sabemos, a partir do que observamos na rua, que seria impossível toda essa área em vermelho ser apenas residências. O uso preponderante na área é residência, mas uma mesma residência pode abrigar um comércio, a famosa “loja de bairro”, ao passo que também sabemos que na favelas também muitos empreendem algum negócio próprio, mercados, lojas, bares, etc. Nesse sentido, comércio/serviço e residencial misto (sendo que o misto já indica uso variado), e também favela, devem ser considerados os usos e apropriações preponderantes do distrito de Campo Limpo.

A partir desse momento de generalização sobre o uso do solo no distrito, busque aproximar os aprendizados daquilo que é possível observar ao redor da escola (localize a escola). Vale seguir para a área mais alta da escola e observar o entorno, identificando os diferentes usos do solo a partir das legendas que a **PRANCHA 22** utiliza. Reconhecemos comércios e serviços? Residências mistas e favelas? O que é possível observar da nossa paisagem?



PRANCHA 22



PRANCHA 22 - Uso do solo urbano no Distrito do Campo Limpo.

Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 5: O bairro hoje

A OFERTA E OS EQUIPAMENTOS DE CULTURA HOJE: DIVERGÊNCIA ENTRE MAPAS

A proposta é o educador começar a discussão abordando sobre aquilo que o mapa da **PRANCHA 23** representa - o distrito do Campo Limpo. Pela legenda observamos a origem dessa representação. Esse é um recorte do Mapa Base da Prefeitura Regional do Campo Limpo, que além desse distrito compreende a Vila Andrade e o Capão Redondo - que conseguimos observar apenas uma pequena parte mais ao Norte e mais ao Sul (aponte no mapa).

Vale sinalizar aos alunos o quanto é importante observar todas as informações que um mapa contém, e que isso se faz principalmente através da legenda. A leitura da legenda, junto com os alunos, pode facilitar a compreensão e, nesse sentido, vale apontar o uso das cores, das formas (pontos, linhas e zonas) e o que representa no mapa essas sinalizações.

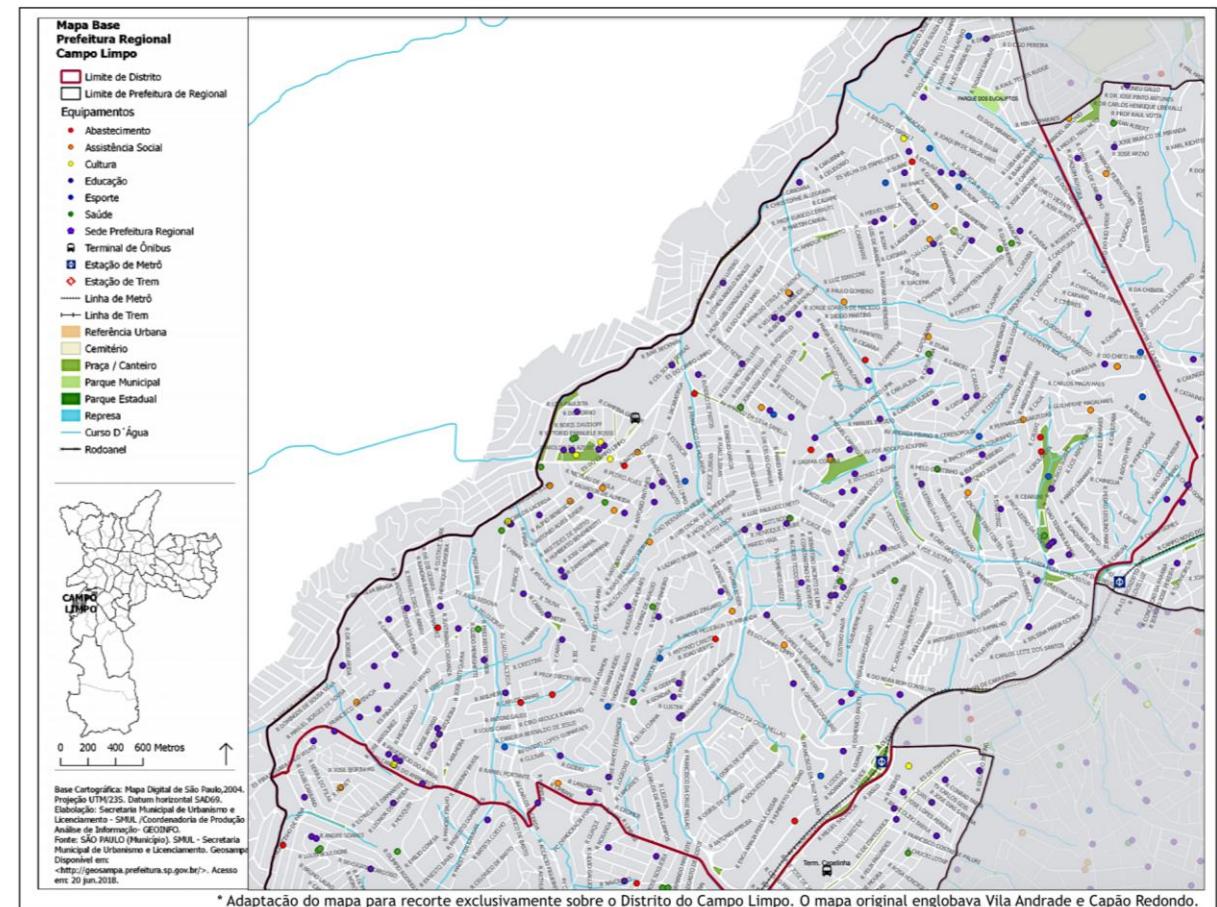
Deixe que os alunos conduzam a ordem daquilo que o educador irá abordar. Por exemplo, se algum aluno começar perguntando ou observando sobre a finalidade das cores, comece abordando o assunto e discutindo seu significado no mapa. Sublinhe para os alunos as indicações dos limites do mapa, as representações dos equipamentos a partir dos pontos e cores, sinalize as representações das linhas de transporte e do curso d'água (que são muitos) e também as zonas, que no caso do distrito do Campo Limpo conseguimos observar apenas Praças / Canteiros e um Parque Municipal - o Parque dos Eucaliptos no limite com o distrito da Vila Andrade. Destaque o que mais podemos identificar através da legenda.

Podemos observar no mapa a quantidade de escolas no distrito, tanto municipais, quanto estaduais evidenciadas a partir dos pontos de cor roxa. Outro ponto em destaque são os verdes, que representam os hospitais e postos de saúde. Também em destaque os pontos laranjas, postos de assistência social. Dos pontos mais frequentes, ou seja, dos tipos de locais mais frequentes, começamos a notar que outros são menos frequentes.

Os equipamentos de esporte e de cultura não aparecem com tanta frequência. Podemos perceber, inclusive, que enquanto os poucos equipamentos de esporte estão distribuídos no distrito, a maior parte dos equipamentos de cultura, exceto um, se localizam na parte superior da imagem, na Estrada do Campo Limpo, uma via de alto fluxo. Essa não é apenas uma coincidência, mas característica da instalação dos equipamentos estaduais nos bairros, sempre iniciando através destas vias onde circulam muitas pessoas - aquilo que é construído precisa não apenas ser utilizado, mas também visto, inclusive, quando existem poucos.

Mas, por qual motivo existem tão poucos equipamentos de cultura? Olhando para a **PRANCHA 23** vocês identificam os locais desses equipamentos? Vocês conhecem? Já frequentaram? - questões que estimulam os alunos a se vincularem cada vez mais com o que está sendo apresentado. Pensar o Campo Limpo hoje também é considerar a oferta de equipamentos públicos aos quais temos acesso, e também se usufruímos dele.

Em relação a cultura, não podemos esquecer que para além dos locais geridos pelo Estado, a cultura está em todo lugar. Isso significa que a produção cultural da região e os locais de sociabilidade onde a cultura acontece na prática ultrapassam (e muito) aquilo que está representado no mapa. Lembrando que estamos falando de um mapa realizado em 2004, logo, imagina-se que não apenas ele oculta esses lugares, como novos equipamentos, provavelmente, surgiram e outros fecharam.



PRANCHA 23

**Mapa Base
Prefeitura Regional
Campo Limpo**

- Limite de Distrito
- Limite de Prefeitura de Regional

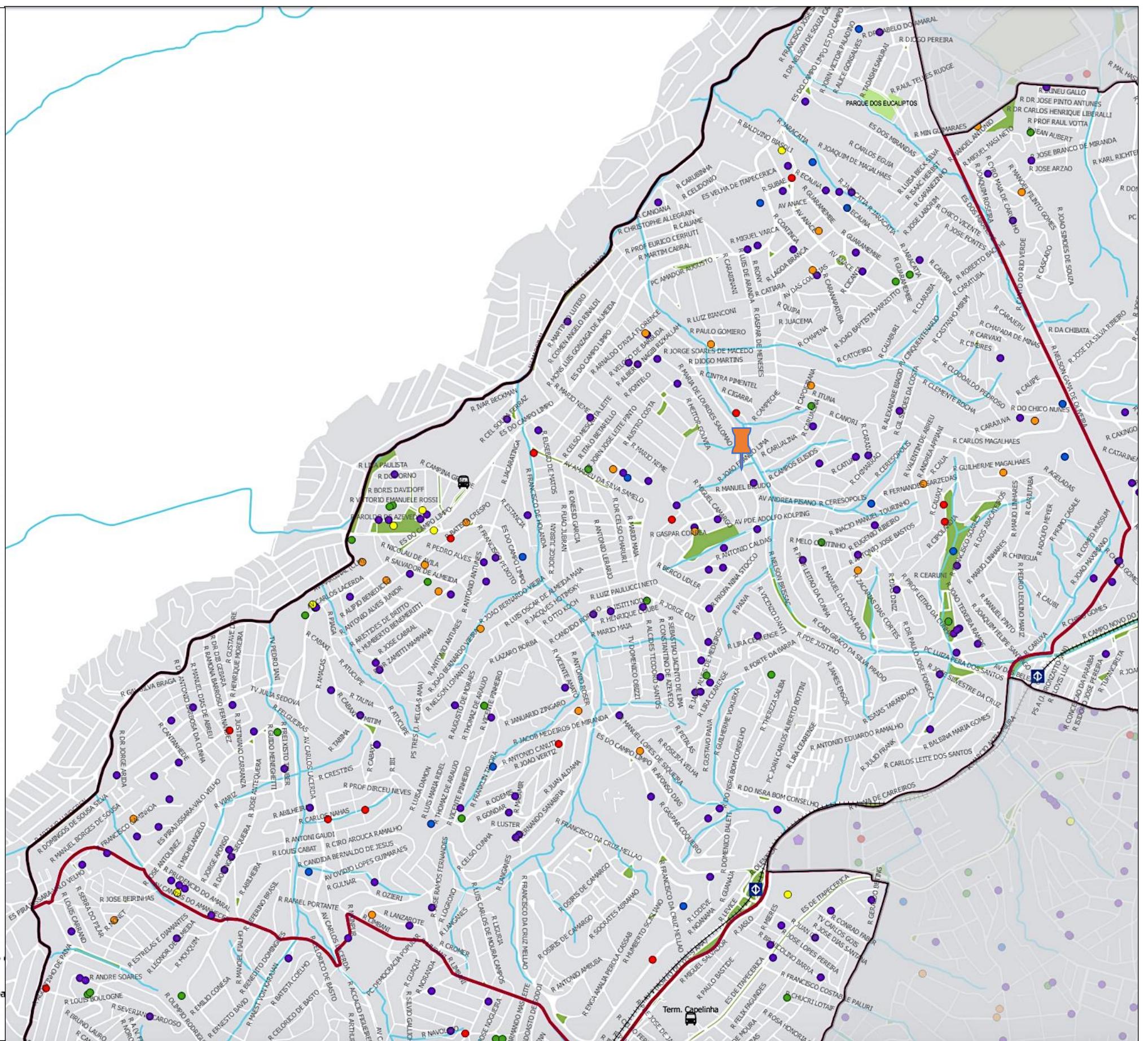
Equipamentos

- Abastecimento
- Assistência Social
- Cultura
- Educação
- Esporte
- Saúde
- Sede Prefeitura Regional
- Terminal de Ônibus
- Estação de Metrô
- Estação de Trem
- Linha de Metrô
- Linha de Trem
- Referência Urbana
- Cemitério
- Praça / Canteiro
- Parque Municipal
- Parque Estadual
- Represa
- Curso D'Água
- Rodoanel



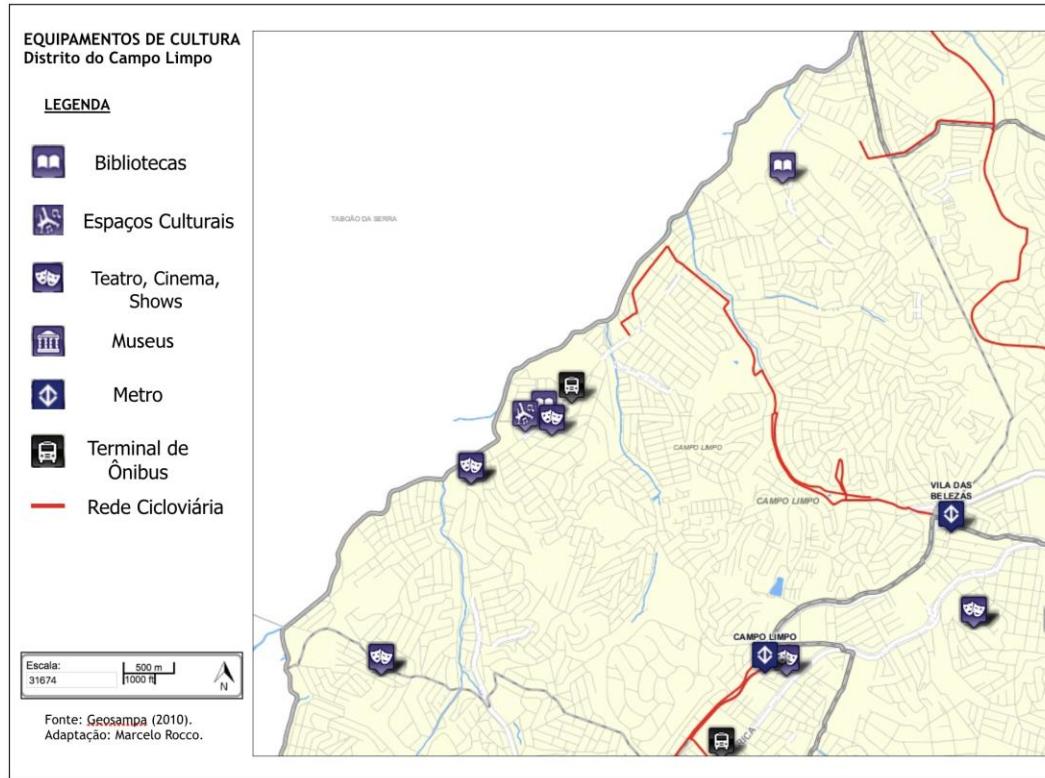
0 200 400 600 Metros

Base Cartográfica: Mapa Digital de São Paulo, 2004.
 Projeção UTM/23S. Datum horizontal SAD69.
 Elaboração: Secretaria Municipal de Urbanismo e
 Licenciamento - SMUL /Coordenadoria de Produção
 Análise de Informação - GEOINFO.
 Fonte: SÃO PAULO (Município). SMUL - Secretaria
 Municipal de Urbanismo e Licenciamento. Geosampa
 Disponível em:
 <<http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/>>. Acesso
 em: 20 jun. 2018.



* Adaptação do mapa para recorte exclusivamente sobre o Distrito do Campo Limpo. O mapa original englobava Vila Andrade e Capão Redondo.

Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 5: O bairro hoje



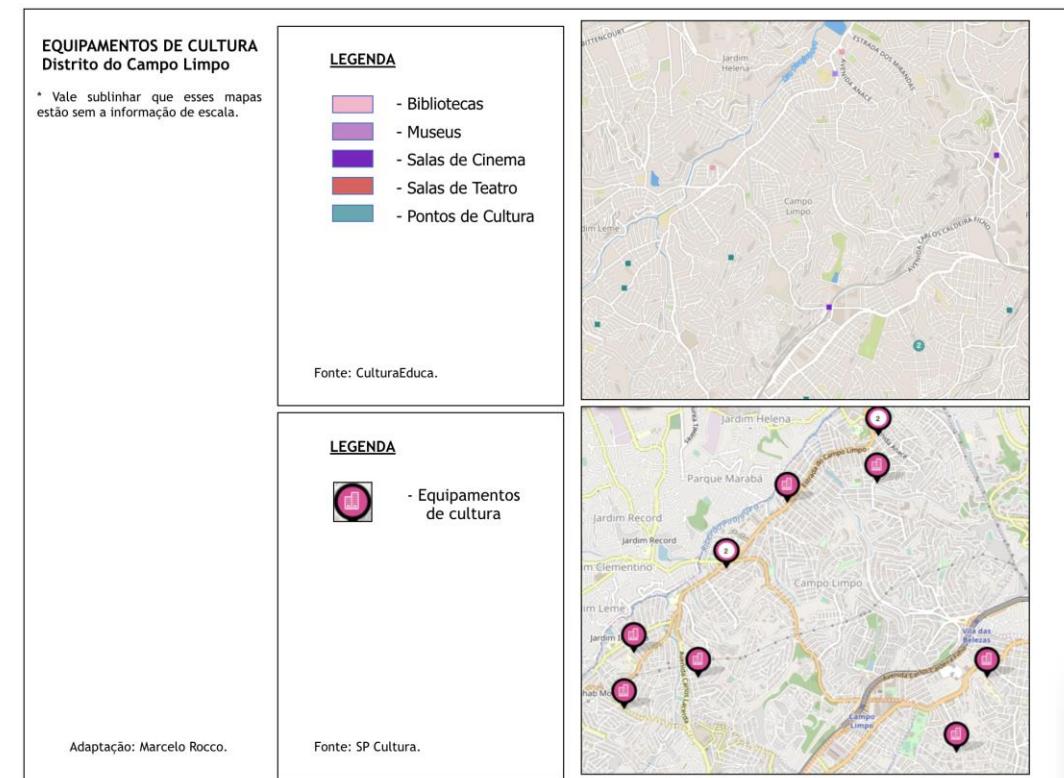
PRANCHA 24

Agora, vale destacar que a **PRANCHA 25** foi gerada através do portal CulturaEduca e do SP Cultura. Esses portais permitem a colaboração de agentes do território que podem registrar ações, eventos ou lugares, portanto isso sugere que esses dois mapas estão mais atualizados do que aqueles mostrados nas duas PRANCHAS anteriores. Esses mapas apontam equipamentos que antes não apareciam, além dos mesmos equipamentos que identificamos anteriormente. Mais uma vez podemos verificar como a avenida de alto fluxo de carros, ônibus e pessoas são os locais preferidos para a instalação de equipamentos, no caso, relacionados à Cultura.

Essa variedade na representação de equipamentos de cultura entre os mapas é significativa. Determinar qual mapa é mais verídico depende da nossa participação - você professor e seus alunos - para conferir o que é real ou não. A proposta dessa discussão é identificar padrões na instalação de equipamentos públicos no bairro e reconhecer sua oferta, mas também instigar que nós vasculhemos essas ferramentas, verifiquemos os locais indicados e nós mesmos atualizemos esses mapas. Esse assunto do **TEMA 5** pode ser trabalhado navegando pelos mapas das **PRANCHAS 24 e 25** nos computadores do laboratório de informática da escola. A construção do conhecimento sobre os equipamentos de cultura e sobre o território depende de nós!

Ao observarmos a **PRANCHA 24**, aparentemente nada mudou daquilo que identificamos na **PRANCHA 23**. O mapa de 2019 mostra aparentemente uma mesma quantidade de equipamentos nos mesmos locais, novamente exceto um, que antes localizado na parte inferior da imagem, agora não o encontramos.

Solicite aos alunos que observem outras possíveis diferenças entre os mapas que são apresentados nas duas pranchas. Não apenas sobre os equipamentos de cultura, mas como no mapa o distrito é representado cartograficamente. Aparecem ruas nesse mapa? Aparecem demarcações de áreas através das zonas? Como vemos não, mas apenas os tais pontos, agora exemplificados através de ícones temáticos e a rede cicloviária representada através da linha vermelha. Entretanto, os ítems ajudam a identificarmos que tipo de equipamento encontramos no distrito do Campo Limpo, algo que não aparecia no outro mapa. A partir desses ícones vemos que equipamentos de teatro e música aparecem, mas também existe o ícone com imagem de livro, o que sugere uma biblioteca. Leia com os alunos a legenda e identifique os locais.



PRANCHA 25

EQUIPAMENTOS DE CULTURA
Distrito do Campo Limpo

LEGENDA

-  Bibliotecas
-  Espaços Culturais
-  Teatro, Cinema, Shows
-  Museus
-  Metro
-  Terminal de Ônibus
-  Rede Ciclovária

Escala: 500 m
31674 1000 ft



Fonte: Geosampa (2010).
Adaptação: Marcelo Rocco.



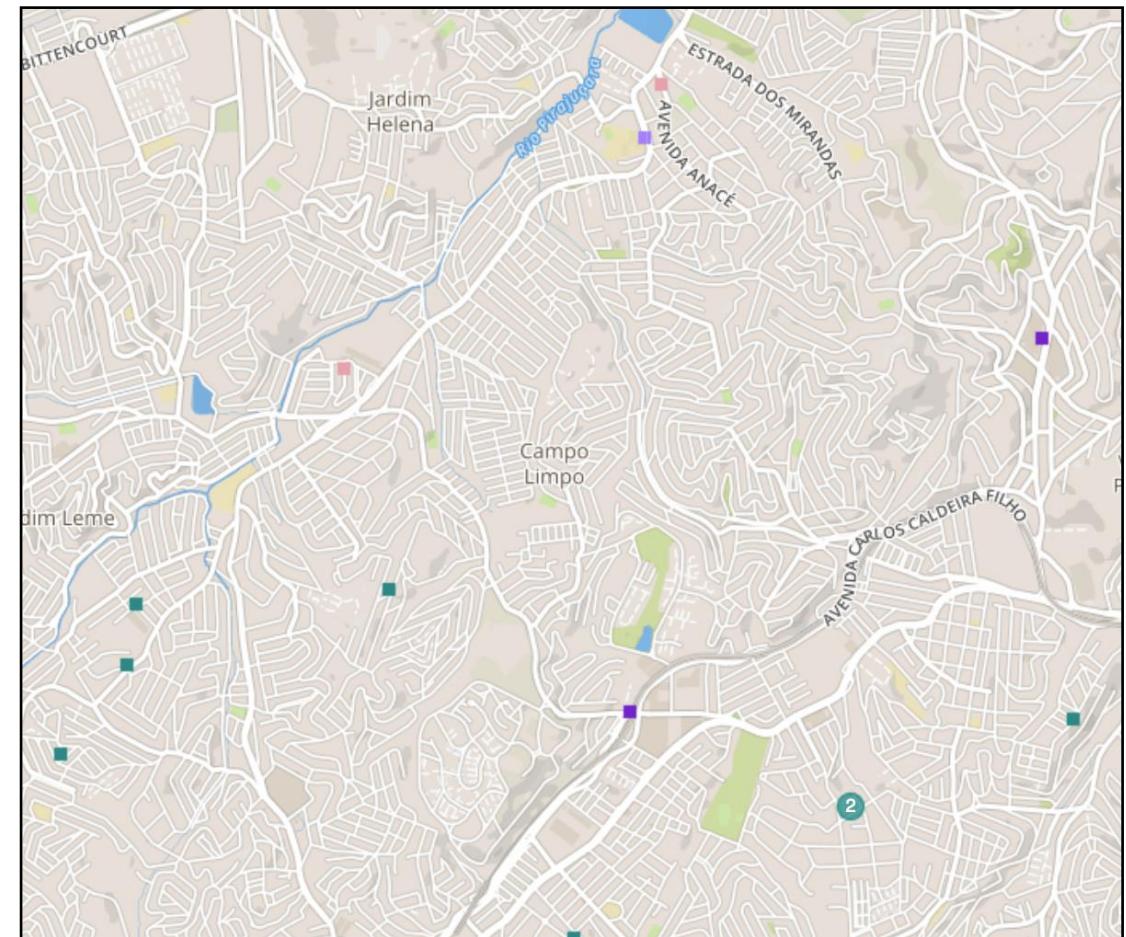
EQUIPAMENTOS DE CULTURA Distrito do Campo Limpo

* Vale sublinhar que esses mapas estão sem a informação de escala.

LEGENDA

-  - Bibliotecas
-  - Museus
-  - Salas de Cinema
-  - Salas de Teatro
-  - Pontos de Cultura

Fonte: CulturaEduca.

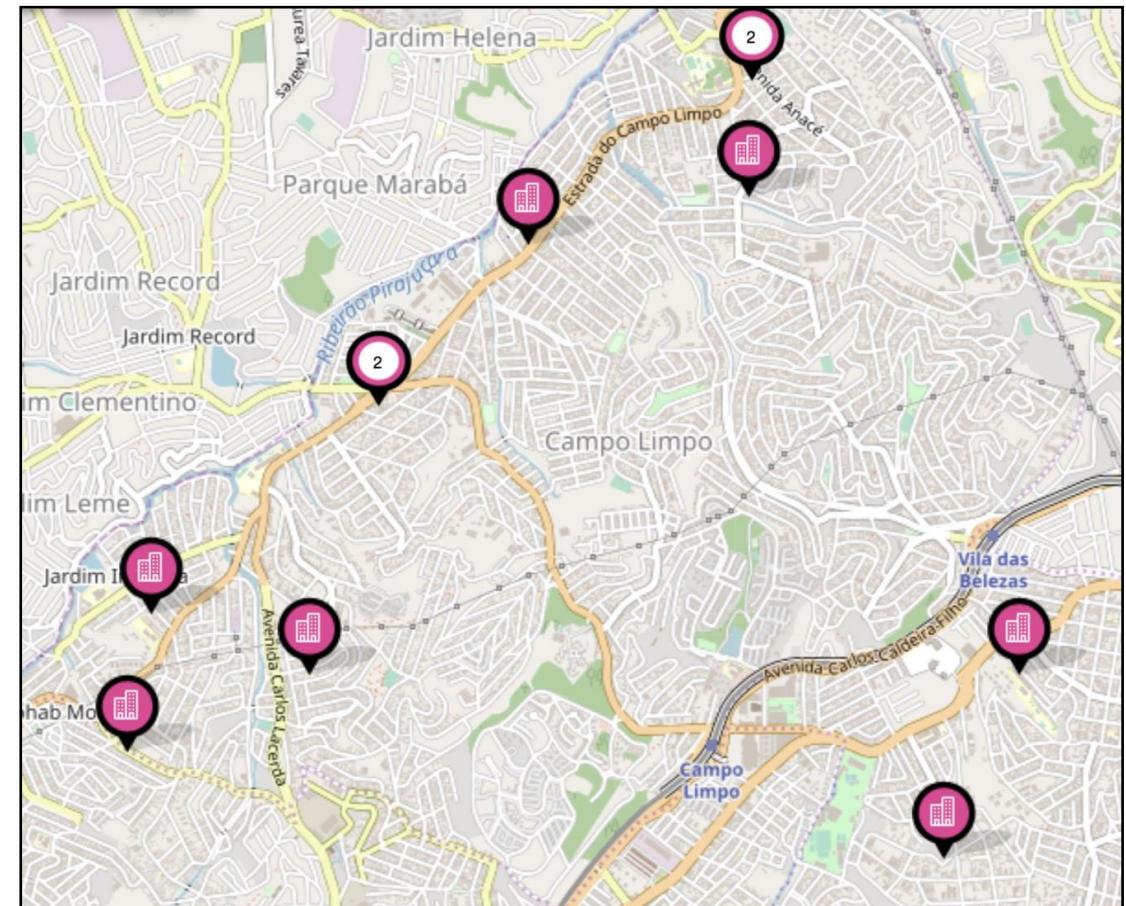


LEGENDA

-  - Equipamentos de cultura

Adaptação: Marcelo Rocco.

Fonte: SP Cultura.



UMA CARTOGRAFIA DO DIA À DIA: O CAMPO LIMPO MAPEADO POR NÓS

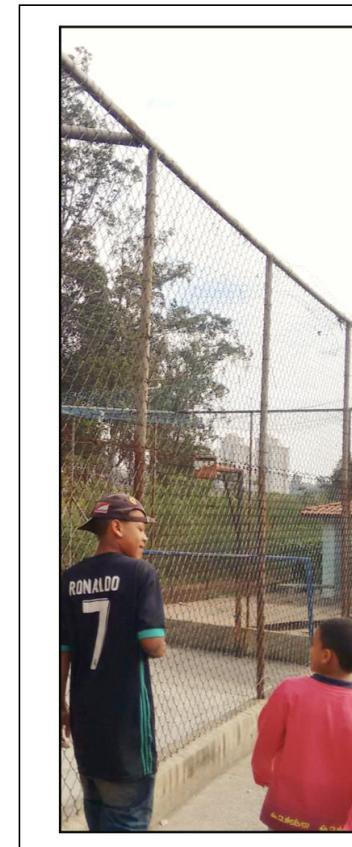
A proposta aqui é situarmos como durante o percurso desse **TEMA 5** (e também dos outros) as informações cartográficas foram nossas aliadas de caminhada. Nosso apoio são os mapas para, por meio deles, compreendermos as características e, também, a história do bairro e do distrito em que moramos, o seu passado e também seu futuro. Nesse sentido, os mapas foram nossos grandes aliados, mesmo quando percebemos que existem informações desatualizadas neles e reconhecendo que cabe a nós atualizá-los.

Entretanto, todos esses mapas que observamos e analisamos durante o percurso são produzidos por outras pessoas que não nós mesmos. Isso significa que estamos conhecendo a realidade, ou reconhecendo, através de um instrumento que não foi produzido por nós desde o começo. Vale destacar que isso não é exatamente com técnicas muito especializadas.

Assim, através dessas técnicas, que apenas alguns dominam, caso a informação não circule, não seja acessível, essa limitação revela o mapa como um instrumento de poder - poucos acabam tendo acesso a dados que dizem respeito a muitos. Isso considerando que através do nosso percurso entre as PRANCHAS descobrimos aspectos que não conhecíamos sobre o próprio território que moramos, logo, esse conhecimento nos diz respeito.

Mas, e o conhecimento que nós mesmos dominamos sobre o nosso território? Como vimos, os mapas têm algumas divergências quando comparamos um com outro, mostram como envelhecem considerando as **PRANCHAS 23 a 25**. Sendo assim, não seríamos nós mesmos agentes que poderiam constatar *in loco* (no próprio lugar) qual mapa condiz melhor com a realidade?

Observem a **PRANCHA 26**. Qual nosso papel na construção de uma representação daquilo que nosso bairro realmente é? O que toda a sociabilidade que vemos e vivemos conta da história do nosso bairro? - sugerimos ler a prancha com os alunos. Aqui vemos aquilo que pode ser representado nos mapas e relatado através do texto. Nesse sentido, nossos mapas podem contar a história da nossa própria narrativa sobre o território e a narrativa já é uma forma de representarmos nossa vida no bairro.



"(...) São Paulo pra mim é pagode com feijoada nos botecos que brotam nas ladeiras. É samba da vela, elétrico nos trilhos de santo Amaro até o samba da hora atrás da batina da Igreja da Estrada do M'Boi Mirim. É ser Rap Soul funk ou metal de primeira. É segura o Peão que corre a cavalo na pista dos bares de Interlagos onde a Primavera começa toda sexta. É cantar de galo nas Rinha dos Mcs no Grajaú onde o Criolo Doido não tem nada de louco. É sarau da Cooperifa no quilombo do Jardim Guarujá, onde a poesia nasce das ruas sem asfalto, em plena quarta-feira... a literatura do morro arranhando os céus da cidade. Ô povo lindo, ô povo inteligente! É comprar livros nos sebos e ensebar nos bancos da praça ou do metrô, até o Jabaquara. É ler Brasil de fato com os caros amigos dos Becos e vielas dentro do ônibus ou na fila de espera. É ser Um da sul e ser 100% favela, e se é por ela, deixa a bússola te levar. É assistir a Glauber Rocha no cine Becos que é cinema novo para galera do Jardim Ângela, que é truta do jardim Ranieri. Ou dançar samba de côco no Panelafro, onde Zumbi impera no largo de Piraporinha. É jogar futsal nas quadras das escolas públicas, quase abandonadas pelo alfabeto. É conspirar a favor, tomando cerveja gelada no bar do Zé Batidão. É Carolina de Jesus de Jeferson De, saindo da tela. É as mina de vestidinho e chinelo de dedo no churrasco em cima da laje. É comer pipoca sem pipoco na quermesse da Vila Fundão, no coração do Capão. É a rapaziada nos campos de várzea de canela em punho maltratando a bola ou sendo maltratada por ela. É Poesia do Binho no Campo Limpo, pra se livrar das sujeiras. É ver os sonhos se realizarem na Casa do Zezinho onde as Marias também são vem-vindas. É ser preto ou branco, tanto faz, mas principalmente verde, que é a esperança da paz. É o ensaio da Vai-Vai e das outras escolas unidas do morro. É Amado Batista no Vila Sofia, à capela, no Socorro a caminho da represa de Guarapiranga. É comer peixe na barraca do Saldanha. É Levar os espinhos na Casa das rosas para colher cravos e margaridas que nasce no Jardim das Rosas. É não ouvir cd pirata nem original, quando o mesmo for caro. É ser enquadrado somente pelas lentes do Marcelo Min, QSL? É ser 'nóis vai', mesmo quando a gente não for. É Falar errado, mas agir correto. É curtir o sol mesmo quando ele não vem -e encontrar sempre as mesmas pessoas no muro das lamentações. É empinar pipa nos dias sem vento. É viver mil fitas e ser mil graus na terra da garoa. Enfim, São Paulo é isso, mas também tem outros lugares."

Sérgio Vaz, "Mil graus na terra da garoa" in: Literatura, pão e poesia. Global Editora, 2011.

PRANCHA 26



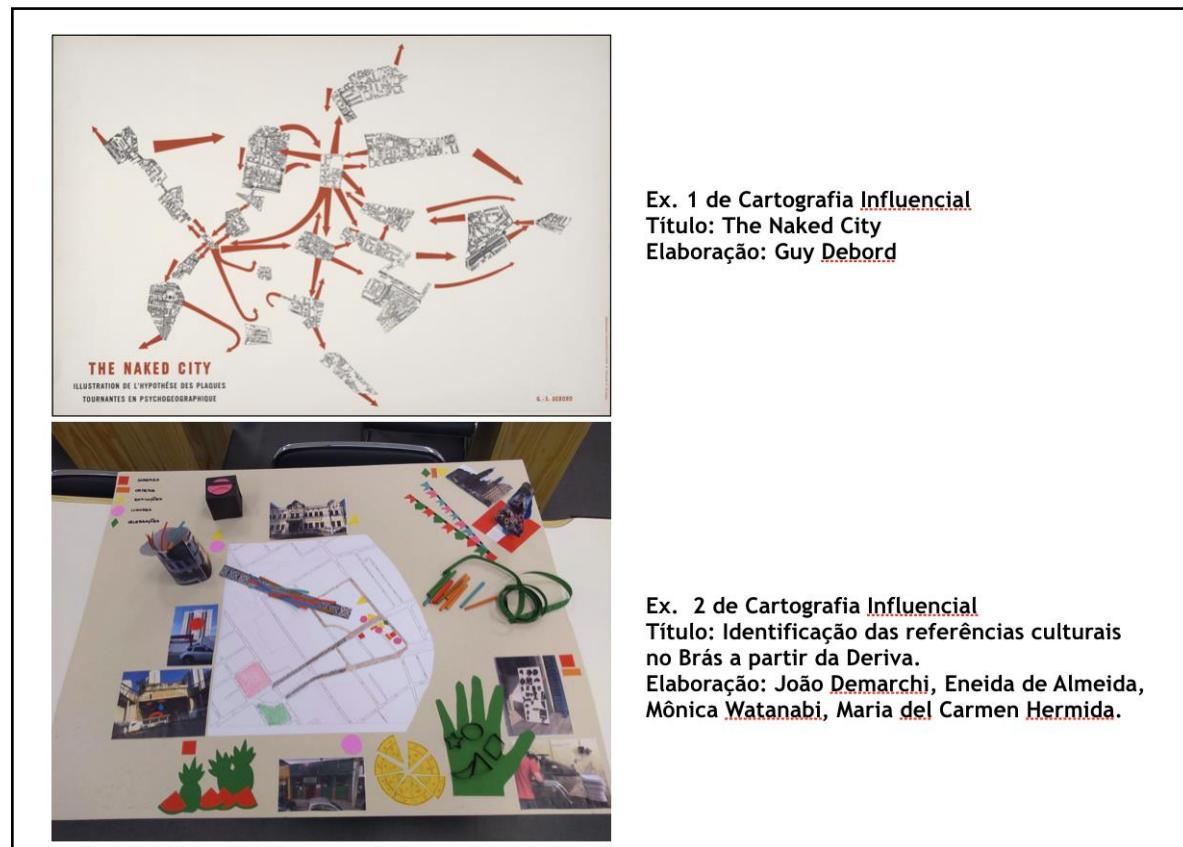
"(...) São Paulo pra mim é pagode com feijoada nos botecos que brotam nas ladeiras. É samba da vela, elétrico nos trilhos de santo Amaro até o samba da hora atrás da batina da Igreja da Estrada do M'Boi Mirim. É ser Rap Soul funk ou metal de primeira. E segura o Peão que corre a cavalo na pista dos bares de Interlagos onde a Primavera começa toda sexta. É cantar de galo nas Rinha dos Mcs no Grajaú onde o Criolo Doido não tem nada de louco. É sarau da Cooperifa no quilombo do Jardim Guarujá, onde a poesia nasce das ruas sem asfalto, em plena quarta-feira... a literatura do morro arranhando os céus da cidade. Ô povo lindo, ô povo inteligente! É comprar livros nos sebos e ensebar nos bancos da praça ou do metrô, até o Jabaquara. É ler Brasil de fato com os caros amigos dos Becos e vielas dentro do ônibus ou na fila de espera. É ser Um da sul e ser 100% favela, e se é por ela, deixa a bússola te levar. É assistir a Glauber Rocha no cine Becos que é cinema novo para galera do Jardim Ângela, que é truta do jardim Ranieri. Ou dançar samba de côco no Panelafro, onde Zumbi impera no largo de Piraporinha. É jogar futsal nas quadras das escolas públicas, quase abandonadas pelo alfabeto. É conspirar a favor, tomando cerveja gelada no bar do Zé Batidão. É Carolina de Jesus de Jéferson De, saindo da tela. É as mina de vestidinho e chinelo de dedo no churrasco em cima da laje. É comer pipoca sem pipoco na quermesse da Vila Fundão, no coração do Capão. É a rapaziada nos campos de várzea de canela em punho maltratando a bola ou sendo maltratada por ela. É Poesia do Binho no Campo Limpo, pra se livrar das sujeiras. É ver os sonhos se realizarem na Casa do Zezinho onde as Marias também são vem-vindas. É ser preto ou branco, tanto faz, mas principalmente verde, que é a esperança da paz. É o ensaio da Vai-Vai e das outras escolas unidas do morro. É Amado batista no Vila Sofia, à capela, no Socorro a caminho da represa de Guarapiranga. É comer peixe na barraca do Saldanha. É Levar os espinhos na Casa das rosas para colher cravos e margaridas que nasce no Jardim das Rosas. É não ouvir cd pirata nem original, quando o mesmo for caro. É ser enquadrado somente pelas lentes do Marcelo Min, QSL? É ser 'nóis vai', mesmo quando a gente não for. É Falar errado, mas agir correto. É curtir o sol mesmo quando ele não vem -e encontrar sempre as mesmas pessoas no muro das lamentações. É empinar pipa nos dias sem vento. É viver mil fitas e ser mil graus na terra da garoa. Enfim, São Paulo é isso, mas também tem outros lugares."

Sérgio Vaz, "Mil graus na terra da garoa" in: Literatura, pão e poesia. Global Editora, 2011.

Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 5: O bairro hoje

O professor deve se reconhecer e pode promover entre os alunos o reconhecimento de que os agentes escolares são os produtores dessa realidade. A escola não está apartada do território, mas também é expressão dele - cabe a nós reconhecermos essas relações. Algumas dessas ferramentas, como os mapas que vimos, permitem que nós atualizemos essas informações. Entretanto, também podemos produzir nossos próprios mapas mesmo não dominando as técnicas específicas usadas nas PRANCHAS que vimos.

O conhecimento que temos do território que vivemos também são informações sobre essa realidade. Nesse sentido, aquilo que nossos vizinhos nos contam, os trajetos que fazemos diariamente, ou aquilo que observamos também são importantes - apenas através dessa vida cotidiana, das divergências entre os mapas que vimos, nesse capítulo, podem ser constatadas. Entretanto, tal como esses mapas explicitam uma forma de construí-los, também explicitam uma forma de representar as informações. Então, precisamos pensar: como representar aquilo que nós mesmos conhecemos sobre o Campo Limpo? Como representar de um jeito nosso?



PRANCHA 27 – Exemplo de Cartografia Influencial

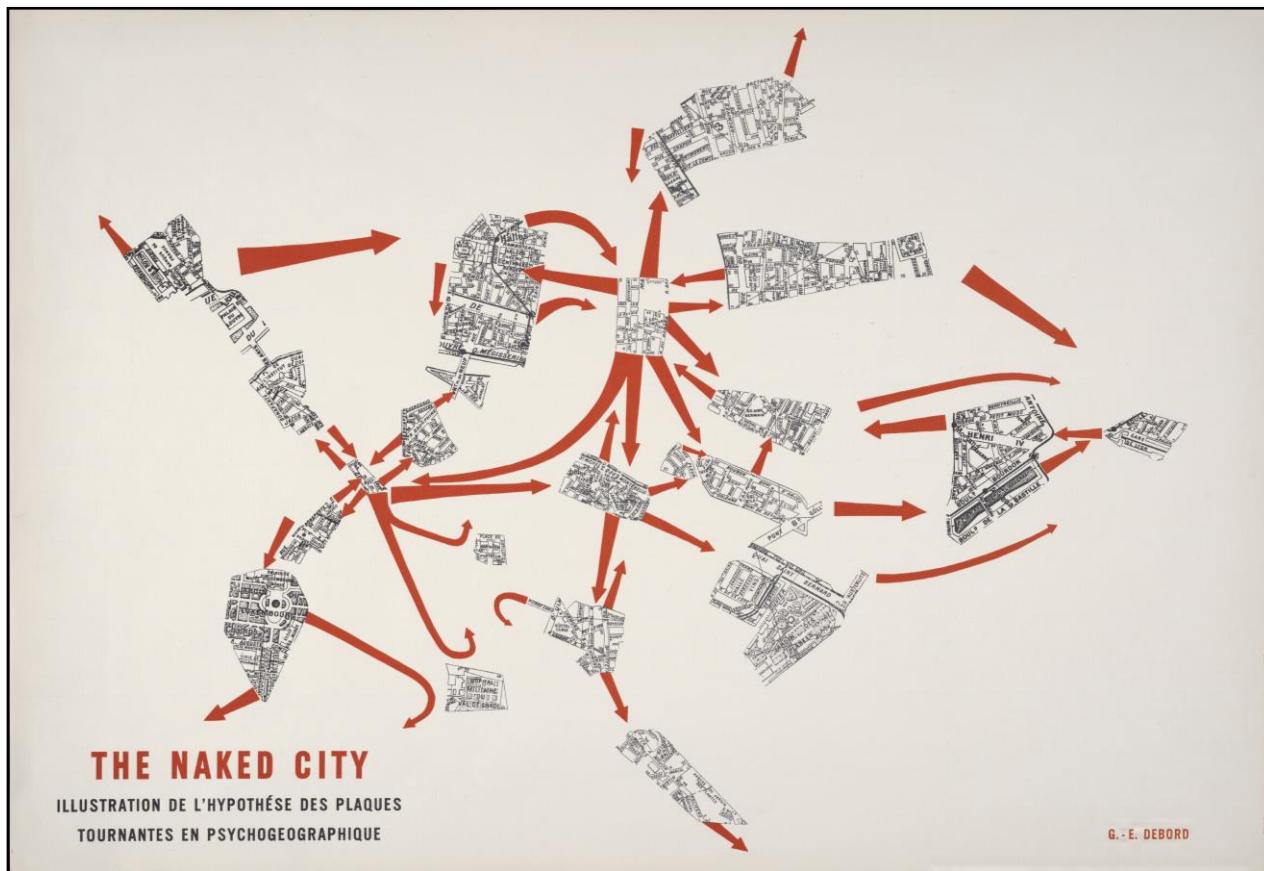
A proposta da cartografia influenciada apresentada no Ex. 2 pretende possibilitar que professor e alunos percebam que outros tipos de materiais podem ser usados para construir os mapas. Nesse momento, a proposta não é que dominem técnicas cartográficas, mas que tornem o território que vivem uma questão, e que procurem uma própria forma para representar os lugares, as informações, as características que eles mesmo consideram relevantes sobre o bairro e distrito que moram - e para isso vale todo tipo de material. O divertido é representar não apenas locais, mas sua própria relação com esses locais, essa é a tarefa desafiadora.

O objetivo maior do nosso material assim se realiza. A proposta é oferecer conteúdo sobre o território e conteúdo de aula, e você, professor(a), e seus alunos, se assumirem como produtores desse material através da valorização do conhecimento que vocês já possuem. Mãos na massa!

A **PRANCHA 27** mostra tanto uma maneira de representar quanto de produzir um mapa. O primeiro exemplo (Ex. 1) foi realizado por um grupo de franceses em meados do século XX, chamado de situacionistas, especialmente seu criador - Guy Debord (1931 - 1994). O grupo era composto por artistas, literatos, poetas, e propunha uma outra forma de conhecer e também viver o espaço urbano. A proposta era conhecer a cidade a partir dos sentimentos e sensações que os espaços nos geram, uma geografia do psíquico, uma psicogeografia.

Através daquilo que chamavam de deriva, a proposta era percorrer o espaço urbano para além dos trajetos que fazemos rotineiramente - deixando que a própria cidade nos conduza através de um caminhar desinteressado. Isso permitia olhar a cidade de uma outra maneira. Isto é, o próprio espaço se torna uma questão para esses sujeitos sociais, e assim eles propõem uma representação tentando responder essa questão, como o espaço nos impacta? O que nós como estudantes e professores podemos reconhecer do território?

A maneira de representar do Ex. 1 tenta mostrar essas separações encontradas entre partes da cidade, através do que é chamado de uma cartografia influenciada. Essa cartografia encontra sua forma através daquilo que tentamos representar, o próprio conteúdo define sua forma, diferente dos outros mapas que vimos que representam informações através de símbolos e formas (pontos, linhas, zonas) já estabelecidas como códigos na cartografia.



Ex. 1 de Cartografia Influencial
Título: The Naked City.
Elaboração: Guy Debord.



Ex. 2 de Cartografia Influencial
Título: Identificação das referências culturais no Brás a partir da Deriva.
Elaboração: João Demarchi, Eneida de Almeida, Mônica Watanabi, Maria del Carmen Hermida.

GLOSSÁRIO

Densidade demográfica: combinação de dois termos com definições particulares. Densidade guarda sentidos específicos em diferentes áreas, por exemplo, na área da fotografia diz respeito ao grau de sombra de um filme, chapa ou papel definido a partir do quanto de luz incide na foto, indicando sua opacidade. Quanto menos luz incide mais opaco é. Entretanto, os variados sentidos de densidade trazem essa ideia comum de um acúmulo de elementos, de informações, que na comparação de determinadas áreas podem ser representados por contraste, ganhando diferentes colorações em um mapa, por exemplo. Já "demográfica" é referente a demografia, estudo científico das populações humanas, apoiado principalmente em métricas sociais. A junção dessas palavras em "densidade demográfica" diz respeito a medição da quantidade de população por área, indicando áreas com maior ou menor concentração de pessoas morando/vivendo - reconhecendo áreas mais ou menos saturadas de habitantes.

Equipamento público / privado: o termo equipamento é usado principalmente por urbanistas, arquitetos e gestores públicos para se referir a locais geridos pelo Estado (prefeitura, governo estadual, governo federal) que prestam determinados serviços tais como: escolas, postos de saúde, hospitais públicos, centros culturais, etc. Entretanto, o termo tem seu sentido espreado a partir de suas finalidades também para espaços privados, por exemplo, sendo utilizados para indicar tanto um teatro público, quanto privado, ou mesmo os cinemas em shopping, quando consideramos a área de cultura.

Escala: a definição precisa do termo é a oriunda da cartografia e significa a relação entre as dimensões dos elementos representados em um mapa e as correspondentes dimensões da natureza. Nesse sentido, se considerássemos um binóculo, quanto mais tivermos que nos aproximar da realidade que gostaríamos de retratar, maior a escala - sendo o oposto também verdadeiro. A escala não é um termo apenas usado no sentido stricto (específico) da cartografia, mas também em sentido lato (abrangente), muitas vezes aplicado como indicativo de um recorte espacial de análise, por exemplo: a escala da rua, a escala do bairro, a escala da cidade, do país, a escala do planeta, etc.

Espaço urbano: esse termo está relacionado a uma forma de compreensão sobre o urbano e seu modo de produção. Nesse sentido, não diz respeito apenas a oposição urbano x rural, mas ao universo de aspectos, características e significados próprios do urbano enquanto modo de vida. No desenvolvimento atual, esse universo da produção do urbano torna-se reproduzido no próprio campo, de maneira que não faz mais tanto sentido se referir à cidade e ao campo como oposição (por exemplo: a utilização de tecnologias de ponta desenvolvidas nas cidades e aplicadas na agricultura do campo).

Favelas: espaços mais ou menos destituídos de infra-estrutura urbana, tais como água, esgoto, coleta pública de lixo, ou, dependendo do momento da ocupação (inicial) ou da precariedade também sem energia elétrica. Caracteriza-se pela autoconstrução, e conforme a população se estabelece, não apenas as construções passam por qualificações, como as necessidades de reconhecimento desta população por parte do poder público mudam - demanda por equipamentos de saúde, de cultura e educação. O termo "comunidade" muitas vezes é utilizado como sinônimo, entretanto para além de uma caracterização do espaço, também sugere uma organização política de determinada população e uma identificação demarcada territorialmente.

Pontos, linhas e zonas: são termos da semiologia da cartografia, ou seja, dizem respeito a como através da imagem representar no mapa uma determinada informação. As PRANCHAS 21 e 22 são através das zonas que são indicadas densidade demográfica, e uso e ocupação do solo. O mapa da PRANCHA 24 representa locais através de pontos e linhas, e os mapas da PRANCHA 25 apenas por pontos. O mapa da PRANCHA 23 é o único que tem aplicado pontos, linhas e zonas.

DESCUBRA NOVOS LOCAIS NO DISTRITO DO CAMPO LIMPO! ATUALIZE OS MAPAS DO SEU BAIRRO!

As **PRANCHAS 21, 22 e 25** foram elaboradas através de ferramentas online que todos podem acessar. Você e os alunos podem explorar o Distrito do Campo Limpo e o bairro descobrindo lugares novos que não conheciam, mas também reconhecendo que alguns locais não existem mais a partir da vivência de vocês no território. Os mapas envelhecem, e cabe a nós atualizá-los. Especialmente o CulturaEduca e o SP Cultura são portais que permitem que nós mesmos registremos novos locais no mapa, então está em nossas mãos contar a realidade do território que vivemos - somos autores da história do nosso bairro!

Geosampa: <http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/>

Cultura Educa: <http://culturaeduca.cc/>

SP Cultura: <http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br>

* Prancha 22: a fonte é a EMPLASA a partir de dados do Censo 2010.

* Prancha 23: também tem como fonte o Geosampa, mas com dados do Censo 2000 e o mapa foi elaborado em 2004.

Série Didática 1: O BAIRRO E A ESCOLA. TEMA 5: O bairro hoje

3) Produzindo a história dos nossos passos: caminhando pelo bairro

Com a PRANCHA 26, será possível trabalhar elementos da construção textual na língua portuguesa.

Observa-se o uso de um recurso narrativo, a autobiografia. Entretanto, a forma escolhida combina uma forte descrição espacial como composição daquilo que a cidade significa para seu autor. Essa descrição espacial está localizada nos próprios espaços que o autor percorre no seu dia a dia e por ele guarda alguma impressão ou sentimento. Vale observar como esses espaços não estão estancados, inertes, parados, mas são animados pela vida social. Nesse sentido, a descrição espacial é uma descrição da vida do autor, mas também da sociedade.

A atividade proposta é que o aluno elabore dois parágrafos autobiográficos que remetam à forma do autor e estejam atrelados ao seu dia a dia, à descrição espacial e à sociedade. O ideal é que o texto seja elaborado em aula e que o professor questione ao longo da tarefa sobre possíveis dúvidas.

Objetivo:

Consolidar um documento de memória sobre os alunos e o território da escola.

4) Nossos próprios mapas do nosso próprio jeito: o campo limpo

O exercício proposto é o mais desafiador entre as atividades das seções didáticas, e está inspirado na PRANCHA 27.

A sugestão é que uma turma por vez e, no mínimo, dois professores, realizem um trajeto no entorno da escola. Solicitem aos alunos que levem caderno e observem atentamente tudo aquilo que do trajeto se destaca para elas, anotando e desenhando no caderno. Voltando para sala de aula a proposta é que os alunos desenhem a mão livre um mapa daquilo que viram podendo utilizar qualquer recurso para identificar os locais (recortes, cores, traços, etc.), e conjuntamente ao mapa elaborem sua explicação (tanto do que está sendo representado, quando da forma escolhida para representação).

Por fim, a ideia é que os mapas sejam colocados na lousa e se busque traços comuns e de diferença neles - propondo a classe construir um mapa coletivo na lousa. O professores deve registrar a construção desse mapa.

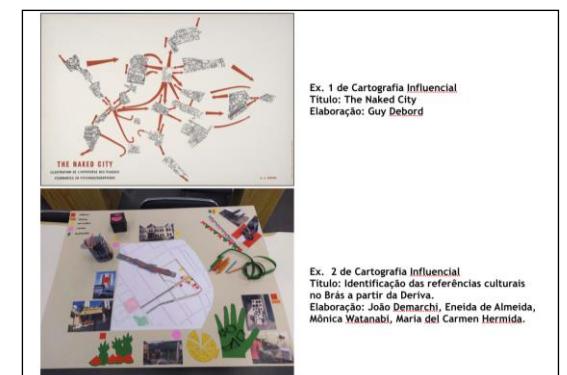
Após realizar a atividade com as diferentes salas, a proposta é realizar uma exposição no saguão do prédio da escola, propondo aos alunos serem curadores da atividade. A sugestão é que cada sala seja apresentada a partir da representação coletiva junto com as individuais.

Objetivo:

Estimular a construção de uma narrativa própria a partir daquilo que os próprios alunos identificam no território.



PRANCHA 26



PRANCHA 27

REFERÊNCIAS

JQUES, Paola Berenstein (Org.). Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003b

MARINHO, Marcio Vidal. Cooperifa e a Literatura Periférica: poetas da periferia e a tradição literária brasileira. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2015.

MARTINELLI, Marcello. Mapas da Geografia e Cartografia Temática. São Paulo, Ed. Contexto, 2014.

SILVA, Flávia Elaine da. Aproximar sem reduzir: as derivas e a pesquisa de campo em geografia urbana. Geosp, Espaço e Tempo. São Paulo, n. 15, p. 139-149, 2004.

<http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geosp/Geosp15/NCampo.pdf>

VAZ, Sérgio. Literatura, pão e poesia. São Paulo, Global Editora, 2011.